



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESQ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

NILVA APARECIDA PACHECO BEZERRA

**A MIGRAÇÃO EM PALMAS/TO: A FELICIDADE NO
IMAGINÁRIO SOCIAL**

Porto Nacional - TO
Outubro/2013

NILVA APARECIDA PACHECO BEZERRA

**A MIGRAÇÃO EM PALMAS/TO: A FELICIDADE NO
IMAGINÁRIO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Geoterritoriais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina P. da Silva

Porto Nacional - TO
Outubro/2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins
***Campus* Universitário de Porto Nacional**

B574m Bezerra, Nilva Aparecida Pacheco.
A migração em Palmas/TO: a felicidade no imaginário social. / Nilva Aparecida Pacheco Bezerra. – Porto Nacional, TO: UFT, 2013.

174 f.; il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Pereira da Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG).

1. Geografia humana. 2. Migração. 3. Felicidade Interna Bruta (FIB). 4. Território 5. Palmas - TO. I. Título. II. Tocantins.

CDD 304.8

Bibliotecária: Núbia Nogueira do Nascimento CRB-2 /1393

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento, é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo art. 184 do Código Penal.

NILVA APARECIDA PACHECO BEZERRA

**A MIGRAÇÃO EM PALMAS/TO: A FELICIDADE NO IMAGINÁRIO SOCIAL
DOS MORADORES**

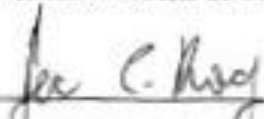
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia, da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 25 de outubro de 2013.

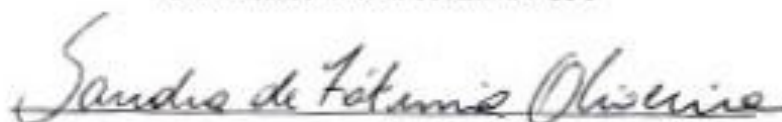
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valéria Cristina P. da Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Goiás - UFG



Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues (Examinador)
Universidade Federal Tocantins - UFT



Prof. Dr. Sandra de Fátima Oliveira (Examinadora)
Universidade Federal de Goiás - UFG

Porto Nacional – TO
2013

Esta dissertação é dedicada a tod@s migrantes que fizeram da imaginação o seu maior potencial para edificar física, social e culturalmente a cidade de Palmas. Especialmente, aos trabalhadores e às trabalhadoras pioneir@s que doaram seu sangue e sua vida em prol de um futuro brilhante para seus descendentes, os palmenses.

AGRADECIMENTOS

A Deus Criador, que nos fez dotados de todas as capacidades infinitas, inclusive com genes que nos permitem sentir bem-estar e acreditar que a felicidade existe em todas as coisas do universo. Onde quer que exista vida, ali ela se encontra hidratando o belo que só a natureza humana pode ver e imaginar.

Aos meus queridos antepassados, aqui representados por papai e mamãe, instrumentos do Criador para fazer sentir o pulsar da vida em meu coração desde os primeiros passos na descoberta do universo geográfico. A geografia da felicidade começou pelas mãos de vocês, meus primeiros mestres.

A meu querido esposo Felix, que muito contribuiu para esse caminho do conhecimento científico e para o autoconhecimento “geográfico” do mundo. É graças a você que permaneci aqui nesta terra maravilhosa para esboçar o quadro geográfico da felicidade em Palmas/TO. Tudo começou na alegria da Festa de Carnaval em 2001, quando eu ainda buscava identificar-me com a cidade. Já se passaram doze anos desse marco na geografia palmense que imaginariamente foi o início dessa rota que por ora se encerra em linhas e fios que teceram a nossa migração em Palmas.

Às minhas irmãs/amigas/confidentes, Prof.^a Márcia, Nilcéia, Edilene, Olinda, Gleys, Mônica e Gardênia, que em vários momentos souberam ouvir um pouco dos meus lamentos de dor, alegria e felicidade.

À querida Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Pereira da Silva, que dividiu comigo a difícil tarefa que por hora se encerra, sou-lhe muito grata por tudo. Disse e repito, você foi a pessoa ideal para conduzir-me nessa jornada.

Aos Professores Dr. Elizeu Ribeiro Lira (Coordenador do Programa de Mestrado em Geografia) e Dr. Lucas Barbosa e Souza muito obrigada pelas contribuições feitas durante a avaliação e a construção do projeto e o exame de qualificação.

Aos examinadores Prof. Dr. Jean Carlos Rodrigues e Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Oliveira, que abdicaram horas do seu lazer para se dedicar à análise geográfica do conteúdo desta dissertação, muito obrigada pelo carinho e pela atenção.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Geografia, que ao longo do percurso doaram um pouco de si para a construção do nosso saber geográfico, muito obrigada!

Nossos sinceros agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio e pelo fomento a esta pesquisa.

Aos amig@s que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero muito obrigada!

Oí!

Meu nome é felicidade.

Faço parte da vida daqueles que tem amigos, pois ter amigos é ser feliz.

Faço parte da vida daqueles que vivem cercados por pessoas como você, pois viver é ser feliz!

Faço parte da vida daqueles que acreditam que ontem é passado, amanhã é futuro e hoje é uma dádiva, por isso chamado presente.

Faço parte daqueles que acreditam na força do Amor, que acreditam que para uma história bonita não há ponto final.

Eu sou casada, sabiam?

Sou casada com o tempo.

Ah! O meu marido é lindo!

Ele é responsável pela resolução de todos os problemas.

Ele reconstrói corações, ele cura machucados, ele vence a Tristeza...

Juntos, eu e o Tempo tivemos três filhos:

A Amizade, a Sabedoria e o Amor.

A Amizade é a filha mais velha. Uma menina linda, sincera, alegre.

A Amizade brilha como o Sol.

A Amizade une pessoas, pretende nunca ferir, sempre consolar.

A do meio é a Sabedoria, culta, íntegra, sempre foi mais apegada ao Pai, o Tempo.

A Sabedoria e o Tempo andam juntos!

O caçula é o Amor.

Ah! Como esse me dá trabalho!

É teimoso, às vezes só quer morar em um lugar...

Eu vivo dizendo:

Amor, você foi feito para morar em dois corações, não em apenas um.

O Amor é complexo, mas é lindo, muito lindo!

Quando ele começa a fazer estragos eu chamo logo o pai dele, o Tempo, e aí o Tempo sai fechando todas as feridas que o Amor abriu!

Uma pessoa muito importante me ensinou uma coisa:

Tudo no final dá certo, se ainda não deu é porque ainda não chegou o final.

Por isso, acredite sempre na minha família.

Acredite no Tempo, na Amizade, na Sabedoria e, principalmente, no Amor.

Aí, com certeza um dia, eu, a Felicidade, baterei à sua porta!!!

Tenha tempo para os sonhos.

Eles conduzem sua carruagem para as estrelas.

(Autor desconhecido)

RESUMO

A presente dissertação propõe-se fazer uma análise da felicidade a partir do espaço migratório que consolidou Palmas, capital do estado do Tocantins, como a última cidade projetada do século XX. A formação populacional de Palmas, bem como sua expansão demográfica ocorreram, sobretudo, a partir da migração. Um fluxo que se mantém constante e atua fortemente na produção espacial de seu território. Ao tratar de uma população, notoriamente migrante, parte-se da hipótese de que a felicidade, enquanto sentimento que hidrata a vida do ser humano, manifesta-se no imaginário social do indivíduo. O método utilizado nesse percurso foi a fenomenologia, sobretudo, a fenomenologia bachelardiana. A partir dela, expandiu-se a base teórica para outras áreas afins à geografia para compreender as relações inerentes ao imaginário migrante em busca da felicidade. Assim, partiu-se da felicidade subjetiva em busca da felicidade intersubjetiva. Tomando o sujeito como protagonista do espaço, o objetivo foi analisar a felicidade no imaginário social dos migrantes. Partiu-se das narrativas orais concedidas em entrevista, dos mosaicos de imagens colhidas durante análise e observação da cidade, para, no confronto com os conteúdos teóricos, apresentar os elementos indicativos de felicidade na construção socioespacial da cidade. Apreendeu-se que, entre presenças e ausências, as imagens elaboradas pelos indivíduos materializam-se na forma de um espaço feliz ou (in)feliz. Constatou-se que a imaginação, enquanto elemento criador de imagens, materializa-se no espaço na forma de bem-estar e felicidade, assumindo uma socioespacialidade.

Palavras chave: Migração. Felicidade Interna Bruta (FIB). Espaço Urbano. Palmas.

RESUMÉN

Esta disertación propone hacer un análisis de la felicidad desde el espacio migratório que consolidó Palmas, capital del Estado de Tocantins, como la última ciudad proyectada del siglo XX. La formación de la población de Palmas, así como su expansión demográfica, se produjeron principalmente de la migración. Un flujo que es constante y actúa fuertemente sobre la producción espacial de su territorio. Al abordar una población notablemente migrante, se parte del supuesto de que la felicidad, considerada sentimiento que hidrata la vida del ser humano, se manifiesta en el imaginario social de la persona. El método utilizado en este trabajo fue la fenomenología, especialmente la fenomenología de Bachelard. Desde la fenomenología bachelardiana se amplió la base teórica hacia otras áreas relacionadas con la geografía, a fin de entender las relaciones inherentes al imaginario migrante en búsqueda de la felicidad. Por lo tanto, se partió de la felicidad subjetiva en búsqueda de la felicidad intersubjetiva. Considerando al individuo como protagonista del espacio, el objetivo ha sido analizar la felicidad en el imaginario social de los migrantes. Partimos de narraciones orales concedidas en entrevistas, de mosaicos de imágenes tomadas durante el análisis y la observación de la ciudad, para en la comparación con los contenidos teóricos, presentar los elementos indicativos de la felicidad, en la construcción socioespacial de la ciudad. Se aprehendió que entre presencias y ausencias, las imágenes producidas por los individuos se materializan en forma de un espacio feliz o (in)feliz. Se encontró que la imaginación, considerada elemento creador de imágenes, se materializa en el espacio en forma de bienestar y felicidad asumiendo una socioespacialidad.

Palabras clave: Migración. Felicidad Nacional Bruta (FIB). Espacio Urbano. Palmas.

LISTA DE SIGLAS

- ARNO** – Área Residencial Norte
- ASNOTO** – Associação dos Nordestinos do Tocantins
- CEMIG** – Centrais Elétricas de Minas Gerais
- CTG** – Centro de Tradições Gaúchas
- EUA** – Estados Unidos da América
- FECOARTE** – Feira de Cultura e Artes do Tocantins
- FEQUAJUTO** – Federação Estadual de Quadrilhas Juninas do Estado do Tocantins
- FIB** – Felicidade Interna Bruta
- FLIT** – Feira Literária Internacional do Tocantins
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFTO** – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins
- JUPTE** – Jovens Unidos para o Trabalho Evangélico
- OMS** – Organização Mundial de Saúde
- PF** – Polícia Federal
- PNUD** – Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa
- SENAC** – Serviço Nacional de Aprendizagem Profissional
- UFT** – Universidade Federal do Tocantins
- UHE** – Usina Hidrelétrica
- WBB** – Índice de Bem-Estar do Brasil

LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sincretismo: indicadores FIB/imaginação/socioespacialidade	24
Figura 2 – Símbolos divulgados em cartões telefônicos (2001/2002)	28
Figura 3 – Homenagem aos 14 anos do estado do Tocantins (2002)	29
Figura 4 – Memorial Coluna Prestes (2001)	30
Figura 5 – Missa de fundação da cidade (1989).....	46
Figura 6 – Local de fundação de Palmas (1989)	46
Figura 7 – Palácio e Av. Teotônio (1992)	47
Figura 8 – Praça dos Girassóis e Av. JK (1994)	47
Figura 9 – Vista parcial da cidade	76
Figura 10 – Girassol (símbolo do Estado) e Palácio Araguaia	79
Figura 11 – Praça dos Girassóis, Palácio Araguaia e Serra do Lajeado	80
Figura 12 – Construção do Cruzeiro (1989)	90
Figura 13 – Monumento ao Cruzeiro de Fundação	90
Figura 14 – Fisionomia do migrante na construção do Palacinho	93
Figura 15 – Primeiro restaurante de Palmas	94
Figura 16 – Primeiro cozinheiro de Palmas	94
Figura 17 – Família migrante na fundação de Palmas	102
Figura 18 – Pôr do sol na atual Avenida Palmas Brasil	110
Figura 19 – Programação de fim de semana – Aurenny III	128
Figura 20 – Domingo na praça – Aurenny III	129
Figura 21 – Domingo na lanchonete – Aurenny III	129
Figura 22 – Circo no Jardim Aurenny III	129
Figura 23 – Domingo no circo – Aurenny III	129
Figura 24 – Cachoeira do Lajeado – Taquaruçu	130
Figura 25 – Cachoeira Escorrega Macaco – Taquaruçu	130
Figura 26 – Antiga praia da Graciosa no rio Tocantins	131
Figura 27 – Praça do Espaço Cultural – Arraiá da Capital 2012	134
Figura 28 – Queda d’água no Parque Cesamar	135
Figura 29 – Lago do Parque Cesamar	135
Figura 30 – Feira na Praça Bosque dos Pioneiros	136
Figura 31 – Parque infantil – Pça. Bosque dos Pioneiros	136
Figura 32 – Fecoarte – <i>stand</i> artesanato indígena	139

Figura 33 – Fecoarte – praça de alimentação	139
Figura 34 – Divulgação do Carnaval de Palmas	140
Figura 35 – Banner ilustrativo do Carnaval 2013	142
Figura 36 – Fases da criação do CTG Nova Querência	148
Figura 37 – Imagens da I Semana Farroupilha realizada em Palmas (1993)	150
Figura 38 – Primeira prenda do CTG Nova Querência	151
Figura 39 – Aldeia Tabokagrande e bonecos Imperioso, Mahanduká e Tabokão	154
Figura 40 – Cerimônia de queima dos tambores purificação dos instrumentos	154
Figura 41 – Desfile dos bonecos no Carnaval de Taquaruçu	155
Figura 42 – Grupo junino Cafundó do Brejo no 1º Arraiá da Capital	158
Figura 43 – Cafundó do Brejo – campeã do Arraiá da Capital 2013	159
Figura 44 – Caipiras do Borocoxó 2013	159
Figura 45 – Caipiras do Borocoxó campeã nacional	159
Figura 46 – Garotas – artistas na festa junina	162
Figura 47 – Teatro em homenagem a Luiz Gonzaga	162
Figura 48 – Crianças – Arraiá da Capital 2012	163
Figura 49 – Crianças – circuito junino do Aurenly III	163
Figura 50 – Banner “Nacional de Quadrilhas Juninas”	164
Figura 51 – Cafundó do Brejo “IX Concurso Nacional”	164
Figura 52 – Rainha da Junina Nacional 2012	165
Figura 53 – Figurantes do estado da Paraíba	165

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Evolução populacional em Palmas – 1991/2010	31
Tabela 2 – População de Palmas por região de origem	32
Quadro 1 – Etapas da metodologia bachelardiana	22

SUMÁRIO

PRELÚDIO	12
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - ESPAÇO, MIGRAÇÃO E FELICIDADE	26
1.1 Experiências de uma cidade migratória	26
<i>1.1.1 O espaço migratório e a felicidade</i>	33
1.2 Felicidade Interna Bruta: uma experiência que reencanta o mundo	36
<i>1.2.1 O FIB na prática e a migração</i>	41
1.3 Palmas: uma história entre o imaginário e a realidade	45
<i>1.3.1 O espaço/tempo em Palmas rumo à felicidade</i>	48
1.4 Felicidade e espaço: viagem pelos caminhos da felicidade	54
1.5 Necessidade e desejo: o que tem de felicidade?	59
1.6 Felicidade e experiência: rumo a uma construção conceitual	65
CAPÍTULO II – NARRATIVAS DE MIGRAÇÃO	70
2.1 Imagens migratórias de uma cidade imaginária	75
2.2 Matizes do capital social palmense	84
<i>2.2.1 A fixação migrante em Palmas</i>	90
<i>2.2.2 Ser ou não ser palmense? Eis a questão!</i>	97
2.3 Condicionantes ao retorno do migrante	101
<i>2.3.1 O retorno às raízes tocantinenses</i>	108
CAPÍTULO III - MIGRAÇÃO E FELICIDADE EM PALMAS: UMA MARCHETARIA CULTURAL?	114
3.1 O habitar a cidade e existir na cidade	121
3.2 Os momentos de lazer na cidade	126
3.3 A identidade cultural na cidade	137
3.4 Festa e identidade migratória: uma felicidade onírica?	145
<i>3.4.1 A migração gaúcha e a festa</i>	147
<i>3.4.2 Carnaval Ecológico de Taquaruçu: uma festa onírica</i>	152
<i>3.4.3 Quadrilhas juninas: o imaginário nordestino em Palmas</i>	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	168

PRELÚDIO

A apresentação que por hora abre esta dissertação foi escrita pela orientadora, que ouviu falar em *Felicidade Interna Bruta* (FIB) pela primeira vez quando a Nilva A. Pacheco Bezerra convidou-a para orientá-la neste trabalho. A descoberta desse conceito causou espanto, surpresa e interesse e, apesar de minha total falta de conhecimento desse assunto, aceitei de imediato orientá-la. E aceitamos, assim, juntas, o desafio e a jornada.

Uma vez dado esse passo inicial, após Nilva ter me apresentado essa perspectiva de felicidade e a proposta de analisar *Palmas por meio do ideário do FIB*, com todas as possibilidades que implicava esse quadro, emergia uma questão inicial: *as pessoas são felizes em Palmas?* O que a cidade traz do ponto de vista de sua organização espacial e de seu espaço vivido para garantir um bem-estar traduzido em forma de felicidade?

Quando esse quadro foi posto, logo também sugeri os meus pincéis e ofereci uma palheta para que ela o aquarelasse. O primeiro pincel foi a fenomenologia bachelardiana para pensarmos a felicidade no imaginário da cidade e o papel da imaginação nesse constructo. O segundo pincel foi para que Nilva trabalhasse sua investigação a partir do sujeito migrante, devido à importância das “correntes” migratórias responsáveis por povoarem Palmas, como geralmente ocorre em cidades construídas a partir do desejo, da imaginação e do acordo entre o Estado e os intelectuais: arquitetos e técnicos.

Em Palmas, de certo modo, somos todos migrantes! Desse modo, também o desafio ampliou-se: analisar Palmas a partir do imaginário entrelaçando a felicidade e a questão da migração na construção desse espaço e de seus significados.

Em minha análise, apesar de alargarmos um pouco o horizonte vislumbrado, estruturamos um chão para caminhar. Nas investigações pré-exploratórias, constatamos a inexistência na Geografia de trabalhos que tratam da relação entre espaço e felicidade e também não encontramos dissertações e teses sobre o FIB na Geografia, dado a novidade do tema.

O próprio conceito de felicidade, em uma perspectiva científica, foi, no início, outra questão a ser resolvida: o que é felicidade, no que constitui e como se pode medi-la? E mesmo questionamos se, além de poder, ela deve ser medida, ou apenas sentida, vivida e compreendida. Nesse paradoxo, o próprio FIB é um instrumento importante, mas ao mesmo tempo de difícil apreensão, sobretudo, por esse critério quantitativo de apreensão da

felicidade. Mas o FIB, certamente não é só isso. Ainda há muito de não revelado, de secreto nessa proposta e que, evidentemente, na duração do mestrado, não nos seria mesmo possível ir até o fundo.

Os critérios do FIB, as teorias que o cercam, contudo, vieram como parâmetro para pensar a felicidade no tema e no problema que levantamos a partir de Palmas. Pois, *felicidade*, parodiando Cecília Meireles, “é uma palavra e um sonho que alma humana alimenta e parece que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”. E tínhamos de aprimorar a concepção de felicidade, uma palavra que, *a priori*, remete ao exclusivamente subjetivo, abstrato e reduzida a fragmentos temporais (momentos) no lugar comum do senso cotidiano. Felicidade não é simplesmente isso. Necessitávamos compreendê-la em seu aspecto essencial, sobretudo, intersubjetivo, coletivo.

Nesse ponto, os teóricos do FIB nos forneceram um alicerce neste chão – a compreensão de que o critério econômico atende o alcance da felicidade até um determinado ponto. Depois, outros valores é que contam, sobretudo, os culturais e os comunitários. E isso é o melhor que destacamos nessa nova proposta – saber que em *algum lugar* o mundo está mudando: surge uma alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB) e ao seu reducionismo. Mesmo com dúvidas, críticas e esforços, isso é um sintoma da mudança, da emergência de um novo paradigma.

A metáfora da marchetaria cultural foi por nós desenvolvida para analisar e entender Palmas como um lugar de alteridade, um lugar onde a diversidade acontece e também como uma cidade onde todos os lugares-tempos que os migrantes trouxeram a constituem em uma intensa marchetaria.

Assim, a fenomenologia bachelardiana também foi outra ponte e outro ponto de apoio. Gaston Bachelard é considerado um filósofo da imaginação e também da felicidade. Sua abordagem do espaço é poética e feliz. O poeta sabe, mesmo no auge de sua dor, que ele é profundamente feliz, porque cultiva a arte de imaginar, de sonhar o valor da criação, entre outros.

Essa fenomenologia também nos permitiu utilizar, além da marchetaria cultural, outras metáforas, como a da fábula do pássaro azul. O pássaro pode ser buscado no passado ou no futuro, mas só podemos encontrá-lo no presente com o que temos e com o que podemos fazer. O pássaro azul está dentro de nós e precisa ser despertado coletivamente. Com ele vem o discernimento das coisas que necessitamos e do que é supérfluo. O pássaro azul simboliza a

felicidade e a beleza de sua descoberta, podemos vê-lo como vemos a Ninfeia, como a viu Bachelard, anunciando indelevelmente o verão.

A felicidade só pode ser azul, essa cor imaterial e simbólica que reúne os mais sublimes significados foi a cor do sonho que escolhemos nessa palheta imaginária apresentada aqui em prelúdio para o quadro-texto que a Nilva, a partir de agora, vai fazer a cidade virar felicidade ao apresentar o conteúdo para vocês.

Apenas uma última lembrança afetiva aos apreciadores: o pássaro não foi pintado! Ele é genuinamente azul.

Valéria Cristina Pereira da Silva

Goiânia, setembro de 2013.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe-se fazer uma análise da felicidade a partir do espaço vivido na cidade. O conceito de felicidade, do ponto de vista da reflexão científica, foi parte do trajeto em construção e buscamos aliá-lo à questão da migração em Palmas e do imaginário urbano.

O conceito de felicidade foi trabalhado por nós a partir do ideário do indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB). Deparamo-nos também, nesse trajeto, com um tema inaugural na Geografia. Espaço e felicidade constituem-se em uma amarração original que gerou um enorme estímulo para este trabalho e, ao mesmo tempo, lançou-nos um desafio: colocou-nos também a imaginar.

Assim, o método que utilizamos para fazer esse percurso foi essencialmente a fenomenologia, sobretudo, a fenomenologia bachelardiana, pois buscamos, a partir da felicidade subjetiva, chegar à felicidade intersubjetiva. É nesse processo que, contrariando também algumas correntes da fenomenologia e adentrando na perspectiva da fenomenologia da imaginação, chegamos não a uma redução, mas a uma abertura.

Ao atingir uma essência, percebemos que ela é uma semente: contém tudo da vida futura de uma planta, por exemplo. É um elemento em potencial para brotar, crescer, dar flores, frutos e novas sementes sujeitas ao deslocamento, à mudança, à dispersão. Desse modo, compreendemos que redução não é acabamento, pois também nos assumimos como inacabados. Aceitar isso é dar o primeiro passo para conhecer e compartilhar do que reunimos até aqui.

Os problemas enfrentados nesse trajeto decorreram de um fórum restrito em que a discussão do FIB se inscreve desde o seu surgimento. A decisão de abordar a felicidade como temática de estudo foi gestada em uma oficina de políticas públicas de turismo quando a coordenadora referiu-se ao FIB como indicador de felicidade. Ao contato com o conteúdo que versava sobre suas origens e a abrangência da proposta do FIB, percebi sua relevância para o cotidiano contemporâneo.

Assim, comecei a visualizar a felicidade como um conteúdo de forte alcance geográfico, pela frequência em que comparece no imaginário social. Embora considerada subjetiva, ela reflete na vida do indivíduo, produzindo modificações nas relações pessoais consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. A partir daí, a felicidade pode materializar-se

nas relações socioespaciais de dimensões híbridas e se expressar nas características econômicas, políticas, culturais e ambientais de uma cidade, de um Estado ou uma Nação.

Lancei-me na busca dos conteúdos de felicidade (artigos, livros, autores), do contato com pessoas envolvidas na discussão, dos informes da V Conferência Internacional FIB, realizada no Brasil, mais precisamente, em Foz do Iguaçu (novembro 2009); dos projetos pilotos desenvolvidos no Brasil; do Instituto responsável pelos projetos e pela coordenação do FIB no Brasil; da universidade responsável pela adequação da metodologia à realidade brasileira, e outras tantas informações que mais pareciam uma caixa de surpresas, dentro de um casulo e guardada a sete chaves. Enfim, chegou a mensagem da Conferência FIB em Brasília (junho de 2012). Ah, não posso perder! É a minha salvação! Susan Andrews, Dasho Karma Ura (direto do Butão), experiências pilotos em bairros, comunidade semirural e empresa. O FIB tornou-se universal! Felicidade é um bem público! Mas cadê o trajeto espacial? Se a felicidade é 100% relacional, ela também é socioespacial!

Alguns teóricos defendiam a mensuração da felicidade, outros a julgavam subjetiva. E nesse emaranhado, como encontrar o caminho, ou melhor, o percurso espacial? Nos conceitos dos filósofos? Nas teorias da psicologia ou da neurociência? Nas relações sociais? Nos índices quantitativos? Onde encontrar o fio condutor da fenomenologia bachelardiana?

A questão científica da felicidade apresentava-se indefinida até mesmo nas citações de autores consagrados como Domenico De Masi e Oliviero Toscani. O livro de De Masi e Toscani – *A felicidade* – constitui uma lúdica cartografia colorida. É em grande parte um livro epigráfico que vai recortando pensamentos de Heródoto aos Evangelhos. Entre tantos segue a epígrafe de Karl Marx sobre a felicidade:

A experiência define como felicíssimo o homem que tornou feliz o maior número possível de homens... Se na vida escolhermos uma posição na qual melhor trabalhemos em prol da humanidade, nenhum peso pode nos dobrar, porque os sacrifícios serão feitos em benefício de todos; então, não experimentaremos uma alegria mesquinha, limitada, egoísta, mas a nossa felicidade pertencerá a milhões de pessoas, as nossas ações viverão silenciosamente, para sempre (DE MAIS; TOSCANI, 2011, p. 45).

E nós, por nossa vez, tentamos entender a felicidade além das epígrafes, recolhendo, evidentemente, a sabedoria contida nesses curtos textos de efeito. Nessa miscelânea de cores, formas, efeitos especiais, linguagem formal e informal, eis que foram surgindo algumas definições que delinearão o caminho da construção imaginária de felicidade que geograficizasse seu conceito no imaginário social dos palmenses.

Sabemos que definir felicidade é algo muito particular, pois se trata de experiências do indivíduo no/do mundo. Alguns a concebem como sinônimo de realização financeira ou de um bom emprego; outros, de uma vida saudável ou de viver em um local seguro para educar os filhos; enquanto outros, como possibilidade de desfrutar um ambiente propício ao lazer e ao contato com a natureza. Enfim, há inúmeras definições.

Nossa proposta de busca do conceito de felicidade em Palmas parte do processo migratório por entendê-lo como o dinamizador na espacialização da cidade. De que maneira? Cada sujeito migrante carrega consigo a expectativa de uma vida melhor (DURHAN, 1978) e a realização de sonhos (pessoais, profissionais, financeiros, entre outros) que, implicitamente, resumem a vontade de ser feliz. Nessa viagem ao conhecimento do senso comum, Bachelard (2005) foi nossa bússola inspiradora na interpretação das imagens formadas pela “consciência sonhadora” dos migrantes, considerada pelo autor como a essência da alma humana.

A escolha do filósofo Bachelard define-se pela sua concepção de ciência aberta ao pensamento crítico e ao progresso do saber. Ele também apresenta uma leitura do espaço e do cotidiano do “ser” muito próximo ao pensamento geográfico, motivo pelo qual muitos geógrafos terem-no adotado em suas pesquisas. Para ele, “o pensamento científico designa-se como evidente promoção da existência”, pois o “pensamento é uma força e não uma substância” (BACHELARD, 1977, p. 19).

A fenomenologia proposta por Bachelard é aquela que traduz a dinâmica do ser humano, promovendo-o em toda sua essência e com todas suas tensões:

[...] parece-me que a existência da ciência se define como um progresso do saber, que nada simboliza com a ignorância. [...] a ciência é um dos testemunhos mais irrefutáveis da existência essencialmente progressiva do ser pensante. O ser pensante pensa um pensamento cognoscente. Ele não pensa uma existência (BACHELARD, 1977, p. 19).

Ao falar da contribuição de Bachelard ao desenvolvimento da ciência, Carvalho Filho (2003, p. 48) esclarece que ele enfatiza o abandono da visão “simplificadora da realidade” para compreendê-la em sua “teia de relações”, pois o “conhecimento científico só será alcançado se ‘se fizer um tecido mais cerrado, quanto se multiplicar as relações, as funções, as interações’ dos elementos que constitui a realidade”.

Depreende-se do proposto por Bachelard que os fenômenos não são meros objetos isolados a serem observados e descritos, mas elementos polifônicos, impregnados de conhecimentos de uma realidade dinâmica, reflexo de múltiplas relações constituídas em seu

próprio espaço. Nessa perspectiva, Carvalho Filho (2003, p. 51) afirma que, na visão de Bachelard, não existe “uma realidade fechada e estanque, mas aberta, ilimitada e dinâmica”.

Amparados por essa concepção aberta de ciência, entendemos que o “pensar geográfico” – enquanto apreensão da realidade espacial – deve caminhar de mãos dadas com outras metodologias científicas. Ciente da complexidade dos temas migração e felicidade, bem como da subjetividade que os envolve, procuramos como intuito manter a análise dos fenômenos o mais próximo possível dos objetivos da ciência.

Assim, valemo-nos dos instrumentos metodológicos qualitativos, em que a observação participante, o apoio da história oral e a técnica de entrevistas foram mediadores na análise dos registros documentais materiais e imateriais. Tais metodologias reuniram experiências registradas ao longo dos anos de convivência migrante na cidade e as experiências de vida narradas nas entrevistas que, somadas à bibliografia selecionada, se tornaram determinantes na construção teórica da migração e da felicidade em Palmas. Essa construção seguiu um modelo de interação denominado “dialógico” (TURRA NETO, 2011).

Acredito, contudo, que a proposta dialógica não seja uma recusa da teoria, mas a sua relativização, em contato e em diálogo com os sujeitos no campo de estudos – e não um monólogo do sujeito do conhecimento sobre o objeto, legitimado pelo *status* da ciência, como sinônimo de único saber rigoroso e válido. Na perspectiva defendida aqui, a teoria passa a ser encarada como mais um discurso entre outros. (TURRA NETO, 2011, p. 354).

Compartilhando da opção metodológica sugerida pelo autor, entendemos que, nesse processo, não há separação entre sujeito e objeto do conhecimento, pois ambos conectam-se rumo a uma intersubjetividade do saber científico. Ademais, partimos da perspectiva de que a observação participante permite penetrar na lógica da sociedade (CLAVAL, 2011) e, para entender a realidade dos lugares, ela também permite adentrar a um mundo de significados do lugar, bem como ver os sentidos presentes na partilha cultural e simbólica do grupo (FERNANDES; TURRA NETO, 2012). Além disso, o envolvimento do pesquisador, a convivência e a participação na vida das pessoas (e acréscimo da cidade) “transforma[m] tanto o grupo, quanto o pesquisador. [...] É preciso mencionar que essa metodologia não oferece um conjunto de regras fixas, ou um guia de percurso para o pesquisador em campo” (TURRA NETO, 2011, p. 353).

A partir dessa perspectiva, optamos por fazer uma revisitação temporal na história de vida dos sujeitos por considerá-los os construtores da cidade e de sua condição existencial e espacial. A coleta de informações dos migrantes abordou – da origem à fixação em Palmas –

um roteiro técnico de entrevistas elaborado com base na observação da cidade, na socioespacialidade cultural palmense em consonância com a teoria dos indicadores FIB. Ao dar voz aos múltiplos e diferentes narradores, tece-se por meio da história oral um riquíssimo documento que abre “caminhos para exploração da história local e de temas contemporâneos” (FREITAS, 2002, p. 80), além de possibilitar novas versões da história.

Depreendemos dessa experiência que o uso de tais metodologias agrega valor à análise e aos resultados teóricos, pois auxiliam na integração entre as diversas áreas afins, dando um caráter interdisciplinar à pesquisa. Para nós, é uma decisão necessária diante da complexidade dos temas migração e felicidade. Nessa trajetória, a contribuição mais importante emergiu da subjetividade da interação migrante no espaço palmense, sendo possível captar nas falas e nas expressões “imagens lembrança” que alimentaram a emoção de um tempo passado e delinear um sentimento futuro de felicidade, reconstruído por cada indivíduo e hoje compartilhado pelo coletivo da cidade.

Reiteramos que o diferencial da pesquisa qualitativa está, justamente, na conectividade dos procedimentos metodológicos. Na concepção de Bachelard (1977, p. 123), trata-se de uma “cultura geral científica”, que permite uma “constante integração do saber científico moderno”. Para o autor, essa ampliação do saber científico produz ao mesmo tempo “a história de especialização do saber e uma história de integração numa cultura geral das culturas especializadas”, pois “a especialização torna real uma virtualidade amplamente acumulada”, que o autor resumiu em uma “fenomenologia da coragem da inteligência” (BACHELARD, 1977, p. 124).

Acreditamos ser esse o risco que ousamos correr desde o início de nossa pesquisa. Entretanto a contribuição de Gaston Bachelard ultrapassou a função orientadora do processo científico do saber. Ela foi a maior motivação para vários mergulhos teórico-metodológicos em busca de reflexões acerca dos inúmeros problemas, mapeando caminhos e/ou desviando a direção do percurso até a conclusão da etapa presente, que, para nós, diante complexidade e da multidisciplinaridade que a envolve, continuará inacabada.

Prosseguindo, nossa descrição teórico-metodológica, foi realizada uma vasta investigação bibliográfica, principalmente, sobre a felicidade, o imaginário, o espaço e a migração. Demos um especial destaque ao material referente ao tema felicidade a fim de identificar e apreender os elementos que contribuíssem para fazer uma leitura geográfica do objeto de estudo, a migração em Palmas. A busca se deu entre várias teorias desenvolvidas por pesquisadores da felicidade, sejam da área da psicologia e da antropologia (ANDREWS,

2011), da economia (LAYARD, 2008), da filosofia (THOMASS, 2008), da história social (SHOCH, 2011), além do jornalismo com abordagem da neurociência (KLEYN, 2005), da sociologia de Ruut Veenhoven (WEINER, 2009), bem como da V Conferência Internacional FIB. As fontes também foram diversas: livros, artigos, reportagens e vídeos disponíveis em mídia eletrônica. Paralelo ao tema felicidade, fizemos leituras teóricas acerca do processo migratório: Durham (1978), Sayad (2000), Goettert (2008). Acerca do espaço palmense, tomamos por base as pesquisas realizadas por geógrafos e demais profissionais de áreas afins na cidade de Palmas.

O trabalho de campo esteve direcionado aos conteúdos da oralidade temática e das imagens da cidade, tanto as escritas e as descritas imaginariamente, quanto aquelas tomadas durante nossa observação na cidade. No processo de observação da cidade, reunimos documentos pessoais (jornais, mídia eletrônica, outros), participação em diversos eventos com os respectivos registros fotográficos que fizeram parte da análise dos resultados. Entre os eventos, destacamos: Arraiá da Capital, Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, Feira de Literária Internacional do Tocantins, Feira de Cultura e Artes do Tocantins, Carnaval de Taquaruçu.

Quanto à técnica oral, optamos pelas entrevistas semidiretivas, de forma que as experiências dos moradores fornecessem um perfil migratório de realização pessoal e social em Palmas. As entrevistas aconteceram entre os meses de abril e outubro de 2012, exceto uma que foi realizada em fevereiro de 2013, que tinha o objetivo de compreender o retorno, ou a emigração para o local de origem. Estabelecemos como critério inicial entrevistar residentes fixos há mais de dez anos. Entretanto, no decorrer da pesquisa, quebramos a regra, para ouvir uma moradora que retornava à terra natal.

Entre os entrevistados, tivemos muitos relatos de pioneiros, ou seja, aqueles que vivenciaram os primeiros momentos da cidade, combinados com pessoas que chegaram posteriormente (migrantes intermediários), pessoas solitárias (aquelas que migraram sem nenhum contato social na cidade) e dois palmenses representando os filhos da migração. Quanto ao local de origem, tivemos a contribuição de indivíduos das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e um estrangeiro, o primeiro africano a pisar o solo palmense. Procurou-se também estabelecer uma relação com os grupos de migrantes que mantêm uma ligação social afetiva traduzindo a cultura de origem para a cultura local. Citamos o exemplo do Centro de Tradições Gaúchas e das quadrilhas juninas de Palmas (de origem nordestina).

Contamos com um grupo de dezessete entrevistados que reúne indivíduos com perfis diversificados, tanto no nível de formação profissional quanto sociocultural. Áurea Pereira Lira nasceu em Rancharia (SP), é aposentada e chegou a Palmas em 1993, depois de uma extensa rota migratória, sediada em Aurilândia (PA); Bruna Barcelos é turismóloga, natural de Uberlândia (MG), atuou como professora na capacitação de profissionais e residiu em Palmas de 2005 a fevereiro de 2013; Carlos Vieczorek é advogado, migrou de Palmeira das Missões (RS) para Palmas em 1991, um dos fundadores do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) na cidade; Francisco Erasmo Pereira Damasceno é de Sobral (CE), formado em jornalismo, depois de várias experiências migratórias Brasil afora, reside em Palmas desde 1991 e atua como funcionário público; Grasielle de Oliveira Brantes, nascida em Betim (MG), migrou para Palmas com a família em 1995, teve a oportunidade de ver a cidade crescer e construir seu futuro na área de administração, hoje é funcionária pública; Higino Júlia Piti, brasileiro naturalizado, africano originário da Guiné-Bissau, está no Brasil desde 1978 (quando chegou como estudante), graduado e mestre em Economia, migrou do Acre para o Tocantins em 1989 para a capital provisória em Miracema e depois para Palmas, atua como docente do curso de Ciências Econômicas da UFT; Ilda Maria Costa é natural do município de Rio Grande (RS), geógrafa, reside em Palmas desde 2001, trabalha atualmente no Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAC); Jarbas Pinheiro Lemos, nasceu em Grajaú (MA), cresceu em Imperatriz (MA), migrou para Palmas em 1999, atuou em várias áreas profissionais, sediado na Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do município de Palmas e no tempo livre atua como liderança na comunidade católica e na presidência da Quadrilha Junina Caipiras do Borocoxó; Jean Araújo Teixeira é de Fortaleza (CE) de onde saiu com a família chegando a Palmas em 1990 para atuar como publicitário; Maria Antonieta da Conceição, nascida em Imperatriz (MA), migrou para Brasília onde viveu oito anos e depois para Palmas em 1998, trabalha como doméstica e catadora de material reciclado na Associação dos Catadores de Material Reciclado (ASCAMPA); Mary Sônia Matos Valadares é goiana-tocantinense de Tocantinópolis, residiu em Goiânia onde se graduou em Direito e, após anos atuação como funcionária pública, veio transferida para Palmas em 1990, retornando às origens como tocantinense e reunindo conhecimentos para difundir a cultura do antigo norte goiano (Tocantins) junto à Academia Tocantinense de Letras do Tocantins; Moano Rêgo Leite de Amorim, 17 anos, palmense (filho de migrantes nordestinos) e estudante; Osmar Casagrande Campos, formado em Comunicação e Propaganda, nasceu em Presidente Epitácio (SP), fez uma rota migratória pelo estado de São Paulo até chegar a

Palmas em 1990 com a esposa e filhos, adquiriu outras habilidades profissionais na literatura e no fazer cultural como ator, dramaturgo, contista, apresentador de TV, documentarista e poeta; Paola de Marque de Bertoli, 17 anos, estudante, nascida em Palmas (descendente de migrantes gaúchos); Raimundo Cláudio dos Santos (Cláudio Maranhão), nasceu em Caxias (MA) e morou em Timon (MA) por 18 anos, é graduado em Matemática, atua como professor da rede pública municipal (coordenação de cultura), produtor cultural, presidente da Federação de Quadrilhas Juninas do Estado do Tocantins (FEQUAJUTO) e da Cagundó do Brejo desde 1993; Walter Simões Nobre, natural de Cuité (PB), reside em Palmas desde 1994 onde iniciou um trabalho em defesa da cultura nordestina, apoio aos migrantes na presidência da Associação dos Nordestinos do Estado do Tocantins (ASNOTO), realização de eventos culturais com foco nas tradições nordestinas, atualmente apresenta, em uma emissora da capital, o programa Nação Nordestina; Wetemberg Nunes é turismólogo, teatrólogo e criador do ponto de cultura Aldeia Tabokagrande em Taquaruçu, residência dos bonecos gigantes que animam o Carnaval Ecológico de Taquaruçu.

Na fase analítica e laboratorial, reunimos três etapas expressivas da metodologia bachelardiana para orientar a síntese dos resultados rumo aos objetivos da pesquisa conforme quadro 1.

Quadro 1 – Etapas da metodologia bachelardiana

Estado concreto	Estado concreto-abstrato	Estado abstrato
- Reunir as imagens do fenômeno em sua unidade e sua diversidade (forma em que aparecem).	- Situação paradoxal em que se faz a abstração entre razão (apoio teórico) x experiência (intuição sensível) para chegar à essência.	- Informações abstraídas pela intuição do espaço real para encontrar o conceito do fenômeno (marca da essência e da forma).

Fonte: organizado pela autora a partir de Bachelard (1977)

Do estado concreto extraímos das narrativas as imagens referentes à ocupação do espaço palmense, um espaço desconhecido e com pouca infraestrutura para habitar o humano, a expectativa de ascensão social que cada indivíduo traçou, a ausência das relações familiares e de vizinhança, a convivência com a diversidade e diferenças no novo espaço, a fixação na

cidade, a realização pessoal e profissional, bem como o sentimento de pertencimento com a cidade que os conduziu à fixação.

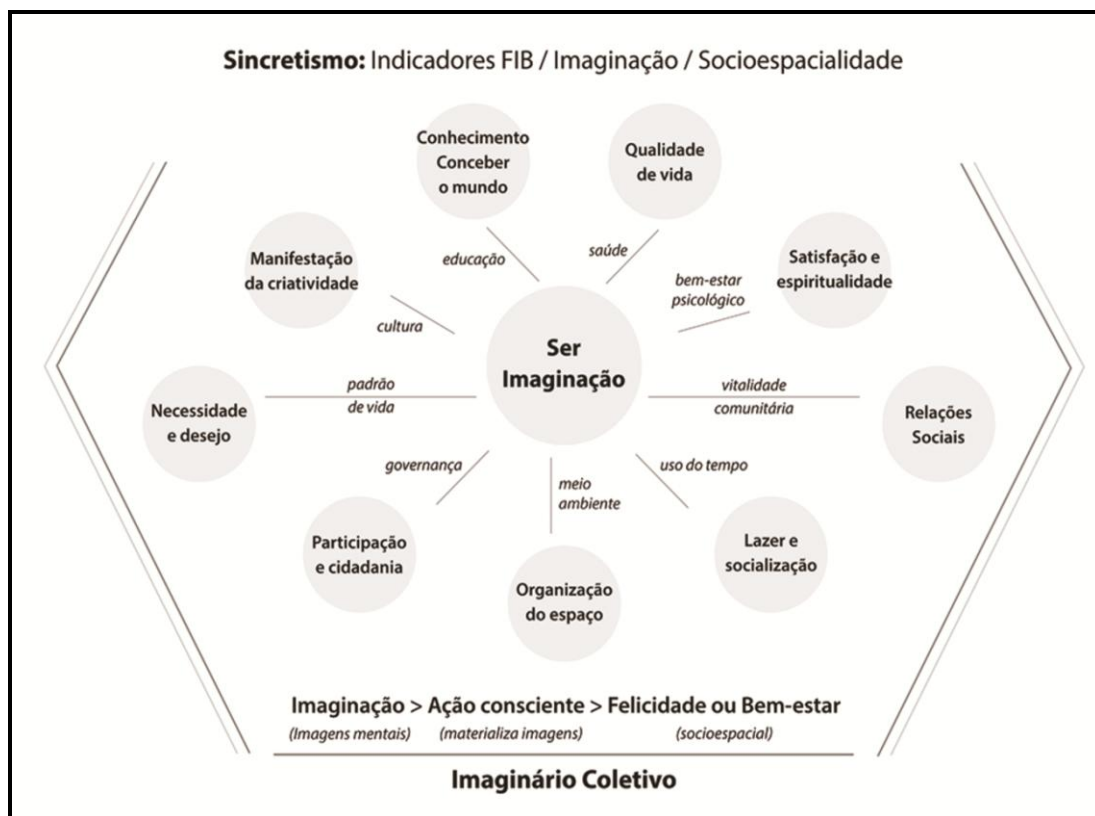
Em um segundo momento, iniciamos a seleção de imagens que oferecem um conteúdo representativo do processo de migração e das relações construídas no espaço, capazes de sustentar a busca da felicidade do coletivo social em Palmas. Foi um momento de comparação, análise e assimilação dos dados obtidos em campo com os conteúdos teóricos afins, de forma a atingir o fenômeno da migração e da felicidade na essência.

A fenomenologia bachelardiana também nos ajudou porque a filosofia da imaginação posta em marcha, principalmente, na obra *A poética do espaço*, é considerada uma filosofia da felicidade. A felicidade do homem se relaciona intimamente com o seu lugar, com o seu *topos* de afinidade em Bachelard.

O espaço é a instância do afeto, da memória, da sensibilidade que nos põe a imaginar, a criar e a transformar a realidade, a instaurar o novo. A partir de uma estética pancalista, ou seja, sempre buscando uma moral elevada e sublime, pudemos fazer encontrar essas ideias com os propósitos do FIB tentando ir além, pensando a felicidade como uma possibilidade coletiva na construção do espaço. A felicidade intersubjetiva pode ser apreendida no imaginário da cidade, aquela felicidade “para além das horinhas de descuido” como disse Guimarães Rosa.

Apresentamos o resultado de nossas reflexões teórico-metodológicas em um organograma síntese da associação fenomenologia bachelardiana, FIB e espaço geográfico (Figura 1).

Figura 1 – Sincretismo: indicadores FIB/imaginação/socioespacialidade



Fonte: organizada pela autora

Entendemos que toda ação ocorre a partir da “imaginação” (o maior potencial do ser humano). Ao se conectar aos indicadores FIB, produzem-se efeitos que são socioespacializados, atingindo e reformulando o imaginário coletivo. Resumindo, o imaginário coletivo resulta da capacidade de criar imagens mentais por meio da imaginação. Tais imagens ficam armazenadas no inconsciente até a oportunidade de se materializarem no espaço como uma realidade, ou seja, ser uma ação consciente, e, como foi desejada, produz felicidade e bem-estar para todo o grupo envolvido que se beneficia direta ou indiretamente. Por isso a felicidade é socioespacial.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, introduzimos uma base teórico-metodológica em paralelo às experiências migratórias tecidas sobre o espaço palmense, associando-as à história da cidade e às histórias dos migrantes/moradores rumo à concepção de felicidade, ou seja, o sentimento de bem-estar que a cidade proporciona a partir das relações sociais que sustentaram a migração e a consolidação da cidade.

No segundo capítulo, aprofundamos nossa trajetória com base na teoria da migração, organização do espaço urbano e as narrativas migrantes, tecendo os fragmentos que cada ser

migrante elaborou, conscientemente, em seu imaginário para desfrutar a felicidade em Palmas. Resgatou-se, também, a importância da migração de trabalho e familiar como a base do capital social que sustenta a migração e a relação de pertencimento à cidade – “Eu sou palmense de coração” –, simplesmente, por ter construído uma história para si e para a cidade. Impossível deixar de considerar, nesse processo, o retorno como condição imposta ao migrante, visto que gera um sentimento dúbio de “satisfação” ou de “frustração” na decisão de retornar às origens.

No terceiro capítulo, mergulhamos nos mosaicos de cultura que cada ser migrante reuniu para (re)significar a vida no novo espaço, o qual denominamos “marchetaria cultural”. Passamos pela identificação da “casa” enquanto espaço da cidade a ser desbravado como lugar de habitar, onde a vida é construída como uma obra de arte para sair às ruas e efetivar-se em microterritorialidades que tecem a identidade cultural da cidade. A festa significa que a migração se efetivou e que o ser migrante reencontrou no espaço formas de (re)significar seus valores culturais, imprimindo novas perspectivas de viver em seu imaginário uma nova geografia da felicidade.

Concluindo, existem pontos de felicidade em Palmas que se espacializam na subjetividade dos momentos vividos e (re)vividos na cidade. Reafirmamos que ela atua como hidratante na vida do ser, impulsionando-lhe a imaginação criadora a vislumbrar no horizonte, sempre novas perspectivas e formas de se relacionar com o espaço, em sua intimidade e no coletivo social em quaisquer pontos geográficos que constituem o “pedaço” microterritorial das experiências cotidianas na cidade.

CAPÍTULO I – ESPAÇO, MIGRAÇÃO E FELICIDADE

Urbe que gira
Em eixo imaginário
Veículos fantásticos
Que transportam sonhos
(curvas, rótulas, recurvas)
(CASAGRANDE, 2011, p. 28)

1.1 Experiências de uma cidade migratória

O universo imaginário que se descortina diante do ser humano ultrapassa as possibilidades perceptíveis aos sentidos. Diante das possibilidades que as experiências proporcionam no espaço, o homem alimenta a busca por novos territórios, lugares e paisagens que satisfaçam suas necessidades.

Segundo Layard (2008), o que preservou e multiplicou a raça humana foi a busca por boas sensações. Nessa relação concreta e abstrata com o espaço desconhecido, o homem tece uma ligação afetuosa com a Terra, estabelecendo novos modos de existir e construir seu destino. Dardel (2011) denominou essa construção humana sobre a Terra, que por vezes se traduz na busca, de novas relações com o espaço, “*geograficidade* do homem”.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam direções, traçam os caminhos para um outro mundo [...]. (DARDEL, 2011, p. 5).

A sugestão do autor de reencontrar uma geografia interior em meio às relações humanas pode ser um dos caminhos para compreendermos o processo migratório em Palmas. Por isso, diante do nosso objeto de estudo, passamos a nos questionar: afinal, por que abordar a migração e a felicidade em Palmas?

Primeiramente, sou migrante e observo que todos nós, os habitantes de Palmas, viemos à procura de um lugar que desse sentido a nossas vidas, em que pudéssemos executar *A arte da vida*¹ para encontrar a felicidade. A expectativa efervescia nas imagens mentais de cada indivíduo como um “futuro próspero”. Eram sonhos que asseguravam uma identidade existencial (pessoal, profissional e espiritual) e elevavam as expectativas a um espaço de

¹ Título do livro de Zygmunt Bauman (2009) em que ele discorre sobre os parâmetros que norteiam a busca pela felicidade, fazendo-nos pensar na forma e no sentido da vida como um dado individual em que cada um utiliza-se dos recursos e das ferramentas disponíveis para atingir seus objetivos.

felicidade. Um poder mítico que emana da Terra insere e orienta o homem na produção de espaços qualitativos que descortinam lugares geográficos míticos (DARDEL, 2011). Desprovidos de objetividade, a trajetória migrante para Palmas talvez se assemelhe ao desejo de encontrar a fórmula mágica do segredo da felicidade, tal como o enredo vivenciado em sonho pelas personagens da fábula *O pássaro azul*².

Tudo começou após um contato prévio com a cidade, no início do mês de julho de 2001, quando Palmas tornou-se destino da minha rota migratória, que se consolidou em 31 de julho do mesmo ano. Era a continuação de uma aventura iniciada em 1990, quando deixei minha terra natal em busca de algo além do meu horizonte, visível e invisível. Territorializada³ há onze anos, em outra porção do espaço, na região Sudeste (Osasco-SP), lancei voo rumo ao Norte para, enfim, reterritorializar-me em uma região bem adversa (física, econômica, política e culturalmente).

Com apenas doze anos de existência, Palmas era algo inédito para os caçadores de sonhos como eu. Minha migração, resultado de uma decisão brusca, flutuou à deriva em meio a razões paradoxais. De um lado, para os familiares e amigos que ficaram para trás, a ação soava como intransigente; de outro, internamente, o coração palpitava convicto do sucesso da aventura.

Desde o princípio, a cidade mostrou-se graciosa, um espaço organizado com largas avenidas, paisagens artificiais que davam ao lugar um ar de pureza, tranquilidade e beleza. A presença do verde nas ruas e praças – diferentemente dos grandes centros – somada à moldura da serra era um convite aos olhos e promessa de uma vida em liberdade.

A imponência do Palácio Araguaia (sede do poder estadual) não era irreal, ao contrário, instigava uma aproximação para apreciar seus detalhes. Tudo parecia girar em torno da Praça dos Girassóis, onde se concentravam os edifícios administrativos e os monumentos/símbolos cravados com o objetivo de contextualizar uma história para o lugar. A cidade se descortinava diante de um cenário agradável aos olhos que, inebriados pelo novo, jamais questionavam, embebedos pela “nobreza” das imagens “históricas” que se

² Peça do teatro simbolista francês, escrita por Maurice Maeterlink em 1908, que conta a história dos irmãos Mytyl e Tytyl e retrata um período transitório da sociedade rural para urbana. Nela, enfatiza-se o efeito do progresso capitalista nas diferenças sociais e o sentimento de ausência da felicidade como parte de um processo de amadurecimento psicológico que envolve o cotidiano dos seres humanos (PETRONGARI; SPEBER, 2010). Ganhou Prêmio Nobel de Literatura, em 1911, estreou no *Constantin Stanislavski's Moscow Art Theatre* e no cinema, inicialmente, no cinema mudo e, em 1940, foi regravado em cores nos EUA. Em 1919, o compositor francês Albert Wolff transformou-a em Ópera.

³ Processo conjugado de apropriação e/ou de dominação de um local desconhecido. Para Haesbaert (2005), a territorialidade envolve a dimensão política e as relações econômicas e sociais, pois está ligada ao modo de uso da terra, à forma de organizar-se no espaço e aos significados dados aos lugares.

transmutavam no imaginário para emoldurar um projeto individual de vida similar a um futuro próspero e feliz. Essa era a sensação que pairava no ar, reforçada pelas pessoas que aqui viviam.

Mas Palmas tinha uma história? Segundo Silva (2010), a história de uma cidade compõe-se de ações, conquistas e relações tecidas temporalmente entre os atores sociais e o espaço físico, manifestando-se na forma e no conteúdo dos artefatos presentes na paisagem urbana. Para Ferrara (2000), as imagens urbanas são signos que permitem conhecê-la, mas que necessitam passar por um processo de discriminação (observação analítica) e generalização (abstrair conhecimento da imagem).

Em uma trajetória similar, Silva (2010), analisando as imagens/símbolos que, supostamente, revelariam a face urbana de Palmas, classificou-a como cidade do tempo ausente. Isso se justifica porque os símbolos de Palmas representam uma passagem temporal desconexa do espaço/tempo vivido pelos indivíduos na cidade, sendo resultantes da criação do poder político que a engendrou para forjar uma identidade tocantinense (SILVA, 2010).

Figura 2 – Símbolos divulgados em cartões telefônicos (2001/2002)

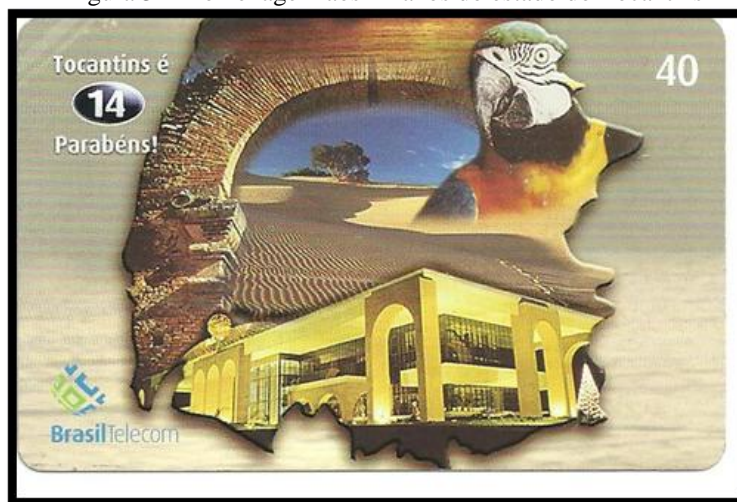


Fonte: arquivo da autora

Na sequência: Pórtico do Palácio e Av. JK; Praça Bosque dos Pioneiros; Homenagem aos 14 anos do Tocantins; Cascata na Praça dos Girassóis e o Palácio Araguaia; Memorial Coluna Prestes. Autor: Geraldo Gomes

No primeiro contato com a cidade, para a maioria dos visitantes e moradores, esses símbolos misturam-se com a história do Estado. Palmas figurava como produto desses acontecimentos históricos nacionais e/ou regionais, como é possível ver na imagem comemorativa (Figura 3).

Figura 3 – Homenagem aos 14 anos do estado do Tocantins



Fonte: arquivo da autora

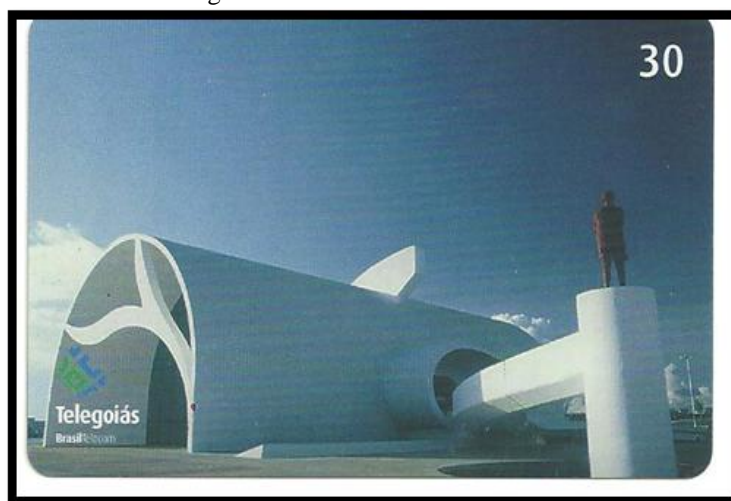
A criação do Tocantins sempre esteve associada aos fatos históricos regionais. Sua ocupação (período colonial) se deu pela exploração aurífera. A arquitetura do Palácio, embora em estilo moderno, carrega, em seus arcos, nuances dessa ocupação inspirada na imagem da inacabada Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Na parte superior do Palácio, os frontispícios (esferas de aço inspiradas no Sol cultuado pelos egípcios) simbolizavam o Sol do Tocantins, mas foram substituídos pelo mapa do Estado. A presença de elementos naturais, tais como a fauna e a flora, traduzia no imaginário a ideia de que o Estado e Palmas nasceram concatenados a uma perspectiva ambiental, muito em voga na época. O projeto urbanístico apresentava características que exaltavam o cuidado com a natureza, de onde advém à titulação de Capital Ecológica, como diferencial para o espaço mítico que os migrantes buscavam⁴.

Projetado por Oscar Niemeyer e implantado na Praça dos Girassóis, o Memorial Coluna Prestes (Figura 4) rememora uma face da história nacional, transmitindo ao imaginário coletivo a ideia de um lugar conquistado para se viver em liberdade. Um dos símbolos argumentativos utilizado para fortalecer esse imaginário foi o lema “O Estado da

⁴ A ideia de Capital Ecológica foi mencionada como um diferencial atribuído à cidade de Palmas para atrair a atenção da mídia e dos investimentos migratórios (físicos e jurídicos), pois a construção dependia, basicamente, do investimento privado.

livre iniciativa e da justiça social”, que resume bem as estratégias de atração populacional para consolidação da cidade e criação de uma imagem positiva para o Estado.

Figura 4 – Memorial Coluna Prestes



Fonte: arquivo da autora

Silva (2010, p. 201-202) afirma que “Esses monumentos espalhados pela praça não possuem apenas uma dimensão memorativa e celebrativa, como ocorre na maioria das cidades com seus monumentos; têm um caráter personalista evidentemente, mas, além disso, assumem dimensões afetivas e intelectuais”. Trata-se de uma lacuna desconexa imposta ao espaço palmense e que se manifestará apenas em um tempo futuro. Para a autora, são lembranças para o amanhã quando as pessoas, pelo contato cotidiano, lhes atribuírem um sentido.

Outro exemplo interessante refere-se ao monumento Súplica aos Pioneiros, localizado na Praça dos Girassóis. Poderia ser uma homenagem aos migrantes/pioneiros da cidade. No entanto, mesmo apresentando uma família de retirantes com perfil de nordestinos, simula um tipo de migração temporal⁵ adversa daquela que se efetivou em Palmas. Sobre esse assunto, Sayad (2000), entendendo todos os acontecimentos como um dado espaço/temporal, declara que a migração é um fato universal, mas nenhuma se assemelha a outra. Nesse sentido, o monumento Súplica aos Pioneiros não suscita uma relação identitária nos

⁵ Embora as personagens não tenham fisionomia abatida pela fome, as imagens do monumento fazem lembrar o processo migratório que ocorreu no Nordeste brasileiro, marcado pela seca e pelo êxodo rural. Mesmo que a migração para Palmas tenha sido em sua maioria de nordestinos, o motivo não advém da fuga em face das condições climáticas, mas da possibilidade de ascensão socioeconômica promovida pelas imagens do Tocantins.

migrantes/palmenses, restando-lhe apenas uma conexão ao mito criador⁶ da cidade e de sua família.

Provavelmente, à medida que a expansão urbana se consolide, tais símbolos se tornarão obsoletos ou relegados a alegorias de um museu a céu aberto. Ao tempo e à sociedade palmense ficam as interpretações que lhes forem convenientes no futuro. Sempre ilustrados em panfletos de divulgação e na mídia, os símbolos/monumentos davam visibilidade à cidade, justificavam sua importância na geografia regional e ocupavam lugar de destaque nos meios de comunicação, por ser a capital que mais crescia no país.

Assim como todos os residentes, entrei para a história da migração em Palmas, como um dado estatístico, que dava visibilidade e viabilidade à cidade.

A evolução populacional de Palmas (Tabela 1), mesmo sendo considerado um local inóspito, apresentou um índice bem elevado (464%) de ocupação nos primeiros onze anos de sua existência. Na década seguinte (2000-2010), observa-se um índice significativo de expansão populacional (66%), todavia mais moderado em comparação aos dez primeiros anos. Por se tratar de uma cidade fundada pela migração, esses índices são considerados elevadíssimos, pois não se pode perder de vista que, paralelamente, há ainda um fluxo constante de emigração (retorno daqueles que não se adaptaram ao espaço), que deve ser considerado no processo de crescimento da cidade.

Tabela 1 – Evolução populacional em Palmas – 1991/2010

Ano	Nº habitantes	Evolução pop. (%)
1991	24.334	0
2000	137.355	464
2010	228.332	66

Fonte: organizada pela autora a partir do Senso IBGE (2010).

Assim, escolhi iniciar essa viagem migratória no espaço urbano de Palmas contando um pouco da gênese dessa exploração geográfica que, por ora, se traduziu em uma experiência científica. Meu relato de experiência na cidade constitui uma fração de outras tantas histórias que povoaram o imaginário do migrante que adotou Palmas como lugar para viver e ser feliz.

De acordo com Tuan (1983), a experiência é impregnada de diversas maneiras de conhecer e construir a realidade do mundo exterior. A experiência implica, entre outras

⁶ Governador José Wilson Siqueira Campos carrega o título de criador do Tocantins – da capital Palmas – e encontra-se no quarto mandato como governador do Estado.

coisas, a aprendizagem e a criação da realidade presente por meio de sentimentos e pensamentos. Sentir/imaginar é manifestação inteligível e funciona como molas indispensáveis para compreender o mundo (FERRARA, 2000).

Desse modo, a experiência dos lugares torna-se uma aventura sobre seu espaço, resultado do contato com os objetos que aguçam os sentidos, registram sons, cores e emoções. As emoções captadas no espaço dão um significado íntimo aos lugares, transformando-os em símbolos que invadem nosso pensamento para, finalmente, adormecerem em nossa memória, ora vivificando o presente, ora iluminando o futuro. A perseverança dessa conquista espacial oscila, ciclicamente, entre as experiências temporais do passado e do presente.

Ferrara (2000, p. 117) expõe que resgatar a experiência urbana “supõe uma inteligibilidade do presente e do passado, como condição de escolha da ação capaz de alterar comportamentos e volições”. Diante dessa perspectiva, à luz da fenomenologia bachelardiana, propomos reunir as imagens do diário pessoal dos migrantes (os moradores) que, prontamente, relataram a história de suas vidas e da cidade de Palmas nas entrevistas⁷. Cada ser da cidade compõe o imaginário coletivo como um músico a tocar a história de uma sociedade na orquestra polifônica da vida. Em virtude da repercussão e da divulgação feitas para construir e habitar a cidade, as pessoas vindas de várias regiões do país e do exterior fizeram a vida da sociedade palmense assumir uma dimensão multipolifônica.

Embora o Tocantins assuma uma posição estratégica, por localizar-se no centro do Brasil, fazer divisa com seis Estados e três grandes regiões – Norte, Nordeste e Sudeste –, alguns indivíduos romperam várias fronteiras para chegar até a capital Palmas. Em alguns casos, essa diversidade pode ser identificada entre os residentes no cotidiano das relações sociais, na polifonia de sotaques e no perfil biofísico bem definido capaz de revelar a origem regional; outros são evidenciados nos dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), como o breve perfil da população palmense apresentado.

Tabela 2 – População de Palmas por região de origem

Região de origem	Nº de residentes	Residente (%)
Região Norte	129.527	56,7
Região Nordeste	49.041	21,5
Região Sudeste	13.471	5,9
Região Sul	4.941	2,2
Região Centro-Oeste	28.760	12,6
Distrito Federal	3.118	1,4

Fonte: dados amostrais – IBGE (2010)

⁷ As entrevistas foram realizadas em Palmas no período de abril de 2012 a fevereiro de 2013 com pessoas de várias regiões, de diferentes classes sociais, profissão e grau de escolaridade.

Palmas, diante do *status* de capital, atrai primeiramente migrantes da região Norte (56,7%), em sua maioria do interior do Tocantins (51,9%), depois os indivíduos da região Nordeste (21,5%), especialmente dos Estados vizinhos (IBGE, 2010).

1.1.1 O espaço migratório e a felicidade

Quando se fala em migração, vêm logo aquelas imagens que traduzem o sentimento de sair do lugar comum, deixar a segurança de um território conhecido rumo a um espaço desconhecido. Entretanto, no imaginário de cada migrante, os motivos se diversificam. Em uma análise geral, a experiência se traduz na necessidade de agregar valores e novas descobertas ao universo do ser.

Segundo Durham (1978, p. 113), a ascensão social é um fator determinante no processo migratório, e, diante de uma condição permanente, sem qualquer perspectiva de melhoria de vida, a migração emerge como “resposta a condições normais de existência”.

Na concepção de Tuan (1983, p. 85), a migração decorre da necessidade de ampliação das oportunidades econômicas e da liberdade social. Trata-se de um fenômeno humano que gera uma nova organização espacial e cultural entre os indivíduos. Para o autor, a habilidade espacial encontra-se manifestada na capacidade de nos libertarmos dos “laços que nos prendem a um lugar, na amplitude e velocidade de nossa mobilidade” no lugar de destino.

Sayad (2000) define migrar como uma mudança de espaço, de território, pois é o espaço que permite uma relativa liberdade de movimento, sem delimitação de fronteiras.

Ainda que isto passe sem muitas dificuldades ou se confronte com obstáculos maiores ou menores, mudar de espaço – deslocar-se no espaço, que é sempre um espaço qualificado – é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um “espaço nostálgico”, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto, é, carregado de afetividade. (SAYAD, 2000, p. 12).

Diante de todas as adversidades, a nostalgia que acompanha a migração (construída no espaço de origem) preenche o imaginário do ser migrante com sonhos e ideais capazes de criar condições favoráveis à ocupação do espaço de destino. Na verdade, o valor afetivo atribuído ao espaço de origem ou de destino é dado pelo humano.

Nesse contexto, Goettert (2007, p. 3) considera a migração um fato social tecido entre gentes e lugares (de partida e de chegada), fruto de “um *processo de individualização* social e não natural” inscrito “no espaço (em ‘*geo-grafias*’)” por mulheres e homens “através do corpo, que, na migração, se desloca, é ‘deslocado’”.

Dentro de uma perspectiva teórico-metodológica própria, os geógrafos Tuan (1983) e Harvey (2011, p. 135-136) dedicaram espaço em suas obras para pensar o homem ou o corpo como “a medida de todas as coisas”, como produto e produtor de espacialidade. Este último esclarece que, para os gregos, “medida” “era considerada ‘uma forma de visão da essência de todas as coisas’ percebida pelos sentidos e pela mente”.

Em Santos (2006), a redescoberta da corporeidade é um ato da globalização que gerou um mundo fluido, veloz, com deslocamentos frequentes, banalizou o movimento ao fazer alusão a lugares e a coisas distantes, utilizando o corpo humano, sensível e finito, como recurso para difundir a materialidade de um universo infinito. As possibilidades despertadas pela globalização colocaram o ser humano diante de situações difíceis de serem apreendidas, entre elas, a migração, pois expõe o indivíduo a um movimento econômico e sociocultural dinâmico que, aparentemente, ocorre no local, mas sofre influências de forma global.

A observação é pertinente porque o ato de migrar e o repertório que compõem o processo migratório no espaço/tempo deixam marcas no corpo humano, que modificam o indivíduo e o coletivo social. Harvey (2011, p. 137) afirma ser o corpo um receptáculo de “atividades performativas”, que, em um dado tempo e lugar, dependem do “ambiente tecnológico, físico, social e econômico”. Nesse mesmo corpo, geram-se as “distinções de classe, de raça, de gênero e de uma multiplicidade de outros aspectos”, que, para nós, encontram intimamente ligados ao contexto migratório, pois atuam por meio das sensações corporais.

As sensações variam de acordo com a experiência cultural e atuam na capacidade mental do indivíduo para orientá-lo a traçar um destino idealizado (TUAN, 1980). Entendemos que a concretização da migração passa por diversas experiências, tais como ser útil (ter trabalho), sentir-se seguro (liberdade), ter uma boa convivência com o lugar e as pessoas (relações interpessoais) em um grau similar ou superior à situação consolidada no local de origem.

O ser humano, onde quer que vá, necessita construir uma teia de significados (internos e externos) que lhe permita apropriar-se do espaço construído.

Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. [...] Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentirem confortáveis na natureza. [...] As necessidades humanas, as exigências emocionais e as aspirações, em geral, não são racionais [...]. Crer no que se deseja (*wishful thinking*) e desilusão permeiam todos os nossos ideais políticos e ambientais; integram todos os conceitos e planos que são suficientemente complexos, e geram força emocional, suficiente para exigir ação. O

cérebro racional é a força principal à disposição do homem para traduzir os seus anseios em algo semelhante à realidade. (TUAN, 1980, p. 15-16).

No espaço e no tempo presente, o ser humano busca em seu imaginário estímulos (simbólicos) para enfrentar desafios e atingir seus objetivos. Segundo Tuan (1980), os anseios humanos (necessidades e desejos) não são totalmente racionais e são colocados na categoria das ações subjetivas, complexas, porém movidas pelas emoções que criam e metamorfoseiam a realidade presente e/ou o futuro. Transportando a reflexão para o processo migratório, acreditamos que essa sensação de liberdade, somada à capacidade de escolher um novo destino para sua vida, constitui um imperativo na superação das ausências de tudo aquilo que ficou para trás, em prova da aventura e de novas experiências.

Como vimos, são os valores atribuídos à experiência que permitem aos humanos organizarem o espaço e darem novos significados aos lugares. Dessa forma, existem condicionantes invisíveis e/ou subjetivos no processo de construção espacial, a exemplo dos mundos mentais “genéticos”, citados por Tuan, que envolvem a dinâmica da vida nas relações humanas e emolduram o futuro. Por isso, priorizamos o espaço urbano enquanto cenário elucidativo de felicidade.

Para o filósofo Gaston Bachelard (2005), a imaginação é o maior potencial do ser humano. Tal afirmação nos permite fazer uma alusão à semente⁸ (uma ideia original), que carrega os componentes genéticos de criação da vida, pois a imaginação humana também carrega imagens simbólicas que projetam uma realidade no futuro. Nesse sentido, podemos dizer que a felicidade associa-se à água, visto que, enquanto hidratante da vida, hidrata química e fisicamente os componentes genéticos para atingir o objetivo almejado.

A felicidade atua como hidratante na conquista dos ideais no imaginário do ser, que são similares aos “espaços telúricos” de Dardel (2011). Segundo ele, os espaços construídos sobre a superfície terrestre ultrapassam a percepção intelectual por serem reflexo das experiências, fruto da imaginação criativa tecida entre o ser e o espaço para satisfazer suas necessidades de liberdade. São “Imagens que chegam primeiro como sensações táteis ou como manifestações visuais de uma intimidade substancial, antes de se decantar em ideias ou em noções” (DARDEL, 2011, p. 15).

O espaço geográfico, enquanto espaço evolutivo humano, traz como registro inúmeras conquistas técnicas do período de descoberta do fogo ao período técnico-científico-

⁸ A semente significa todas as formas de origem da vida, seja vegetal ou animal, carrega um programa evolutivo de acordo com a espécie a ser reproduzida, mas assume uma existência no futuro.

informacional (SANTOS, 2008b) que foram formuladas primeiramente na imaginação. Ao analisar a concepção do espaço urbano em Palmas e os ideais criados, a partir do projeto da cidade e/ou daqueles introjetados pelos migrantes ao longo do processo de urbanização, tal como o conhecemos hoje, detectam-se vários exemplos advindos da imaginação humana.

Silva (2010, p. 20) observa que Palmas “surge como advento cultural [...], mas um advento cultural que vai se moldando na relação entre imaginário do poder e imaginário popular e entre o desejo dos migrantes e as aspirações da sociedade”. Muitos lugares da cidade podem ser identificados como inspiradores do potencial imaginativo dos migrantes que buscam um espaço feliz para viver.

O contato com os diversos objetos e signos do espaço urbano de Palmas contribuiu para um olhar direcionado ao construtor/imaginador/migrante – os atores sociais –, levando-nos a observar uma névoa de satisfação (sinônimo de felicidade) na atmosfera da cidade. Assim, foi possível questionar se a cidade teria ou não proporcionado conquistas que fazem os migrantes sentirem felicidade. Desse questionamento surgiu o recorte temático migração e felicidade.

1.2 Felicidade Interna Bruta: uma experiência que reencanta o mundo

Embora a felicidade se enquadre nos aspectos subjetivos e complexos tanto quanto a dinâmica migratória, o suporte teórico, para pensá-la enquanto “hidratante” na produção socioespacial de Palmas, tem como suporte os indicadores FIB. Nessa ação migratória socioespacial, a felicidade assume o papel de força motriz para gerar, criar e manter a identidade do indivíduo via relações sociais cotidianas com o lugar, as quais permitem sentir/imaginar o espaço com a “inteligibilidade” do ser (FERRARA, 2000).

Em uma tentativa de explicar a subjetividade da felicidade, De Mais e Toscani (2001) declararam que ela se encontra na mente de quem a experimentada mesma forma que a beleza está nos olhos de quem olha. Como se vê, a felicidade é algo particular, mergulha no cotidiano do ser e perpassa os sentidos, hidratando os menores gestos pela imaginação, como o maior potencial da vida humana. Em outra passagem, os autores chamam a atenção para o papel do poder público na promoção da felicidade privada, afirmando que sua realização passa por um “Estado atento à felicidade pública” (DE MASI; TOSCANI, 2001, p. 24).

Dessa forma, como recurso complementar na nossa imaginação científica, foi necessário optar pelas experiências do FIB na análise da migração e da felicidade em Palmas. Fatos históricos revelam que a criação do Tocantins e da capital Palmas trouxe implícita a

conquista da liberdade em prol do desenvolvimento social da região. Isso acalorou, imaginariamente, uma expectativa de felicidade que se difundiu por várias gerações, tornando-se o ideal motivador da migração para Palmas.

Assim, a proposta de discutir a felicidade em Palmas surgiu exatamente do contato com os indicadores FIB, um indicador sistêmico de progresso internacional, criado e implantado no Butão (país asiático) com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Sua metodologia apresenta-se como modelo alternativo ao desenvolvimento político-econômico, sociocultural e ambiental.

Nesse sentido, importa saber: como essa satisfação (ou felicidade) foi levada em conta nas políticas públicas? Como os moradores perceberam mudanças ao longo do processo de fundação e consolidação da cidade? Existem alternativas para que a felicidade seja um objetivo na vida da população?

Ao criar o conceito de FIB, o rei butanês Jigme Singya Wangchuck teve como objetivo medir a felicidade dos cidadãos a fim de mensurar os desejos mais profundos de seu povo e trabalhar melhor as políticas públicas do país. Segundo Dasho Karma Ura⁹, um dos objetivos do FIB é considerar a felicidade como um bem público, porém, subjetivamente sentido.

A felicidade é, e deve ser, um bem público, já que todos os seres humanos almejam-na. Ela não pode ser deixada exclusivamente a cargo de dispositivos e esforços privados. Se o planejamento governamental e, portanto as condições macroeconômicas da nação forem adversos à felicidade, esse planejamento fracassará enquanto uma meta coletiva. Os governos precisam criar condições conducentes à felicidade, na qual os esforços individuais possam ser bem sucedidos. A política pública é necessária para educar os cidadãos sobre a felicidade coletiva. (KARMA URA, 2009, p. 2).

O FIB tem atraído a atenção de vários países do mundo pela inteligibilidade de sua prática teórica na reformulação de políticas públicas voltadas para a sociedade e pela relevância em apontar alternativas ao Produto Interno Bruto (PIB)¹⁰. Seu potencial inovador está em agregar valores além do capital econômico, pois leva em consideração o capital social, cultural e ambiental de um povo ou de uma nação (V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FIB, 2009).

⁹ Mestre em política, filosofia e economia pela Universidade de Oxford (Inglaterra); vice-presidente do Conselho Nacional do Butão; presidente do Centro para os Estudos do Butão fundado pelo PNUD e membro do Conselho Internacional do FIB.

¹⁰ Indicador que mensura apenas o desempenho econômico (soma dos bens e dos serviços produzidos) de um país, um Estado ou um município.

As propostas do FIB provocaram calorosos debates entre os economistas, demonstrando a ineficiência de um sistema que não mensura a realização social e cultural de um povo, além de desconsiderar o bem-estar da sociedade que produziu tal riqueza. Segundo Ladislau Dowbor (2009), o PIB direciona-se ao volume de atividades econômicas sem discriminar se são úteis ou nocivas, mede o fluxo dos meios e não o atingimento dos fins. A diferença entre, por exemplo, os meios e os fins aparecem claramente nas opções de saúde.

A Pastoral da criança, por exemplo, desenvolve um amplo programa de saúde preventiva, atingindo milhões de crianças até 6 anos de idade através de uma rede de cerca de 450 mil voluntárias. São responsáveis, nas regiões onde trabalham, por 50% da redução da mortalidade infantil, e 80% da redução das hospitalizações. Com isto, menos crianças ficam doentes, o que significa que se consomem menos medicamentos, que se usam menos serviços hospitalares, e que as famílias vivem mais felizes. Mas o resultado do ponto de vista das contas econômicas é completamente diferente: ao cair o consumo de medicamentos, o uso de ambulâncias, de hospitais e de horas de médicos, reduz-se também o PIB. Mas o objetivo é aumentar o PIB ou melhorar a saúde (e o bem-estar) das famílias? (DOWBOR, 2009, p. 4)

A reflexão, entre outros exemplos paradoxais, convida a repensar os indicadores de desenvolvimento econômico de um povo. Ao valorizar as iniciativas desenvolvidas entre a população para melhorar a qualidade de vida coletiva, todos saem ganhando. Além da redução dos custos na saúde pública, tem-se a satisfação aumentada (felicidade), seja pela segurança, pela tranquilidade ou pela experiência de dispor o tempo livre para dedicar ao outro ou ao lazer, resgatando velhas formas de convivência comunitária.

O PIB não mede o tempo livre e nem tampouco o trabalho voluntário, não remunerado, revelando um sério preconceito contra trabalho voluntário e lazer. Todavia, o trabalho não remunerado e voluntário contribui para a felicidade e o bem-estar. Cuidar de crianças e idosos, bem como o trabalho doméstico são serviços não remunerados que se dão à margem das transações do mercado. Essas atividades não estão precificadas, e são executadas por aqueles cuja motivação está acima do ganho financeiro. (KARMA URA, 2009, p. 2).

Joseph Stiglitz (2008) – Prêmio Nobel em Economia em 2001 – propôs repensar os valores associados ao PIB, partindo do princípio de que o aumento da desigualdade poderia estar relacionado ao seu crescimento. Stiglitz (2008), Layard (2008) e Andrews¹¹ (2011) citam como exemplo os EUA, que, embora tenham um PIB elevado, a maioria das pessoas sente sua vida piorar. O mesmo ocorre com a Inglaterra (estendendo-se à Europa) e o Japão, cuja elevação da renda mantém estático, desde 1975, o índice de felicidade.

¹¹ Psicóloga e antropóloga pela Universidade de Harvard (EUA); doutora em Psicologia Transpessoal pela Universidade de Greenwich (EUA); Coordenadora do Instituto Visão Futuro, Porangaba (SP) e do FIB no Brasil.

Segundo Layard (2008), um fato é indiscutível: as pessoas mais ricas são mais felizes que as mais pobres, mas, quando as sociedades inteiras se tornam mais ricas, o índice de (in)felicidade aumenta. Ao experimentarem um crescimento econômico, os países pobres apresentam um índice de felicidade aumentado, porque a renda extra tira as pessoas da pura pobreza física, constata o pesquisador. Outro ponto a observar é que a felicidade global não aumentou na última metade do século, devido ao aumento da depressão¹², do alcoolismo e da criminalidade.

Durante o nosso consumo de bens e serviços, a métrica daquilo que nos proporciona felicidade é relativa, em comparação àquilo que os outros estão consumindo. Se a comparação afeta o nosso bem-estar subjetivo, a desigualdade continuará a ter um poderoso efeito negativo na felicidade enquanto uma desigual distribuição da riqueza persistir. Sempre haverá alguém acima na escada, e um modo de se neutralizar esse efeito negativo é de se atingir um alto grau de igualdade. (KARMA URA, 2009, p. 2).

Os pesquisadores são unânimes em afirmar que o aumento dos bens materiais (relativo ao aumento da renda) não significa aumento da felicidade. A felicidade enquanto um “bem público” deve ser sentida e vivenciada equitativamente por todo o coletivo social. Dessa forma, podemos considerá-la direito e dever de todo cidadão, devendo sua construção ser responsabilidade de toda a sociedade.

Muitos são os motivos para se pensar a felicidade, não somente como anseio e objetivo dos indivíduos, mas enquanto hidratante da vida social e cultural da sociedade mundial. Andrews (2011) declara que, na última década, o aumento nos estudos da felicidade entre diversas áreas do conhecimento tem apontado novas formas de compreender a sociedade. Pesquisadores ousados deram o pontapé inicial, evidenciando o lado positivo de suas descobertas. Se há avanços nos estudos da felicidade, cabe a cada ciência adequá-los ao seu objeto de estudo, testando seus efeitos nas esferas locais e regionais a fim de validá-los.

Diante das iniciativas de estudo, Daniel Kahneman – Prêmio Nobel em Economia 2002 – cunhou o termo “hedônica”, validando-o como disciplina, a “ciência hedônica”. A dedicação aos estudos da felicidade está associada à insatisfação generalizada que assola a humanidade. A declaração feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS) atesta que a depressão é o quarto problema de saúde pública no mundo. Ela se desenvolve a partir da insatisfação com o outro, com o lugar onde mora, com o emprego, com a renda mensal e com

¹² Depressão clínica não se refere à crise de infelicidade, “[...] mas a uma condição psiquiátrica bem definida em que os indivíduos não podem desempenhar seus papéis sociais normais [...]” (LAYARD, 2008, p. 53).

os governantes, pois “não confiamos mais nos governos nem uns nos outros” (ANDREWS, 2011, p. 12).

Sendo o FIB norteador do desenvolvimento holístico da sociedade, é necessário desenvolver outras áreas para que o capital econômico não domine o nosso pensar (KARMAURA, 2012 [informação verbal])¹³. Embora pouco difundido por seu caráter subjetivo, o FIB emerge como alternativa para criar na consciência coletiva a ideia de que somos parte de um conjunto de valores invisíveis (ou não valorados), presentes na vida social que sustentam a organização de uma nação.

Paralelo ao PIB – assim como o FIB – com o objetivo de avaliar o perfil social da população, existem novas métricas. Um dos exemplos é do Índice de Progresso Social (*Social Progress Imperative*), que mensura aspectos da nutrição à sustentabilidade ambiental. Outro exemplo é o Índice de Bem-Estar Brasil¹⁴ (*Well Being Brasil – WBB*), que visa a entender a diversidade de comportamentos e preferências por meio da mensuração dos fatores de bem-estar considerados essenciais pelos brasileiros, assim como o nível de satisfação de cada um.

Segundo Mauro Motoryn¹⁵, o WBB é uma ferramenta que fornecerá dados para análise e elaboração de políticas públicas de bem-estar para o cidadão. Ao utilizar recursos tecnológicos, o WBB avalia tópicos como “clima e atividades ao ar livre, transporte e mobilidade, família, redes de relacionamento, profissão e dinheiro, educação, governo, saúde, segurança e consumo”¹⁶. O aplicativo encontra-se disponível em uma plataforma digital de tecnologia brasileira, a MyFunCity, permitindo a participação do usuário *on-line*, via celular ou computador. A proposta prevê a interação entre os cidadãos por meio de uma análise detalhada por região.

Entre as ações dos articuladores do WBB, tramita no Congresso Nacional a proposta de Emenda Constitucional ao Art. 6º, que diz: “São direitos sociais, essenciais à busca da felicidade, a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988). As iniciativas são bem-vindas, principalmente, quando são propostas mudanças práticas para o coletivo social sem exceção e a realização da felicidade

¹³ Palestra proferida durante a Conferência FIB, em Brasília, 15 de junho de 2012.

¹⁴ Programa de pesquisa acadêmica desenvolvido pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), em parceria com o Movimento Mais Feliz e a rede social *MyFunCity* (primeira rede social privada a discutir interesses públicos no Brasil). Esse programa tem o objetivo de conceber uma metodologia e uma plataforma para mensurar o nível de satisfação com a vida dos brasileiros.

¹⁵ Presidente do Movimento Mais Feliz e coordenador do Índice de Bem-Estar Brasil.

¹⁶ Site oficial do WBB, disponível em: <<http://www.wbbindex.org/>>. Acesso: abr. 2013.

dos brasileiros. O WBB é uma iniciativa nova e adaptada à realidade brasileira com base nos indicadores FIB.

O conteúdo dos indicadores FIB serviu de referência para elaborar questões orientadoras das entrevistas com os moradores/migrantes palmenses e de suporte para as questões centrais da pesquisa. Desse modo, diante da abordagem dada à migração em Palmas, as narrativas funcionaram como pista para compreender os ideais motivadores da migração (individual) e as oportunidades que a cidade ofereceu (ou oferece) para a concretização deles, visto que o processo migratório ocorre sob um forte desejo de felicidade.

Muitos relatos demonstraram o quanto o espaço onde se instalaria a cidade funcionou de inspiração para a fixação migrante e para a realização pessoal e profissional. Paralelamente, ressaltam-se também as adversidades e as ausências manifestadas no território, ora como elemento matizador na superação individual e coletiva, ora como elemento de ordem política gestada pelas instituições públicas. Daí submergem alguns elementos “nocivos”¹⁷ ao desenvolvimento político, econômico, social e cultural da cidade de Palmas, que, em face de uma estrutura – nova e pequena –, conta com grandes chances de saná-los.

Ao mesmo tempo, por se tratar de um tema inovador, contentamos simplesmente em introduzir o tema “felicidade” no pensamento geográfico como hidratante da vida social e cultural de um povo, partindo dos cidadãos palmenses para a comunidade acadêmica.

1.2.1 O FIB na prática e a migração

A metodologia FIB foi desenvolvida a partir de uma estrutura qualitativa composta por nove indicadores que se subdividem em domínios específicos. Para Karma Ura (2009, p. 4), os indicadores trabalham “tanto as esferas objetivas quanto as subjetivas”¹⁸ das dimensões do FIB, conferindo pesos idênticos tanto para os aspectos funcionais da sociedade humana como para o lado emocional da existência da mesma”. Eles podem ser assim definidos:

Bem-Estar Psicológico – avalia o grau de satisfação e de otimismo que cada indivíduo tem em relação a sua própria vida. Os indicadores incluem a prevalência de taxas de emoções tanto positivas quanto negativas, e analisam a autoestima, sensação de competência, estresse e atividades espirituais.

¹⁷ Refere-se a ações e/ou decisões tomadas pelos governantes, que inviabilizam a felicidade do palmense.

¹⁸ A voz subjetiva, que tem sido relativamente sufocada nas ciências sociais como um todo e nos indicadores em particular, está sendo restaurada nos indicadores FIB, e isso está produzindo uma equilibrada representação de dados entre o objetivo e o subjetivo (KARMA URA, 2009).

Cultura – avalia as tradições locais, festivais, valores nucleares, participação em eventos culturais, oportunidades de desenvolver capacidades artísticas e discriminação por causa de religião, raça ou gênero.

Meio Ambiente – mede a percepção dos cidadãos quanto à qualidade da água, do ar, do solo e da biodiversidade. Os indicadores incluem acesso a áreas verdes, sistema de coleta de lixo, saneamento.

Vitalidade Comunitária – foca nos relacionamentos e interações nas comunidades. Examina o nível de confiança, a sensação de pertencimento, a vitalidade dos relacionamentos afetivos, a segurança em casa e na comunidade, a prática de doação e de voluntariado.

Educação – leva em conta vários fatores como participação em educação formal e informal, competências, envolvimento na educação dos filhos, valores em educação ambiental.

Uso do Tempo – o uso do tempo é um dos mais significativos fatores na qualidade de vida, especialmente o tempo para lazer e socialização com família e amigos. A gestão equilibrada do tempo é avaliada, incluindo tempo no trânsito, no trabalho, nas atividades educacionais, etc.

Governança – avalia como a população enxerga o governo, a mídia, o judiciário, o sistema eleitoral e a segurança pública, em termos de responsabilidade, honestidade e a transparência. Também mede a cidadania e o envolvimento dos cidadãos com as decisões e processos políticos e, principalmente, com a construção de políticas públicas.

Padrão de Vida – avalia a renda individual e familiar, a segurança financeira, o nível de dívidas, a qualidade das habitações, etc.

Saúde – mede a eficácia das políticas de saúde, com critérios como autoavaliação da saúde, invalidez, padrões de comportamento arriscados, exercícios, sono, nutrição, etc. (V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FIB, 2009, grifos nossos).

Baseado nesses indicadores, o FIB tem sido difundido em vários países (Brasil, Canadá, França, Inglaterra, Austrália, Japão). No Brasil, o FIB está sob responsabilidade do Instituto Visão Futuro e constitui um movimento de mobilização social em prol do bem-estar coletivo e do desenvolvimento local e sustentável (CONFERÊNCIA FIB EM BRASÍLIA, 2012, [informação verbal]). Tem como objetivo o desenvolvimento integral da comunidade a partir do protagonismo e da utilização plena das potencialidades locais. Sua aplicação envolve a integração e a participação de crianças, jovens e adultos, além das esferas pública, privada, comunitária e acadêmica.

Desde 2009, o FIB desenvolve projetos piloto no intuito de adequar a metodologia à realidade de nosso país. Os projetos piloto foram implantados no bairro Belo Horizonte, em Itapetininga (SP), no bairro Jardim Campo Belo, em Campinas (SP), no bairro municipal, em Bento Gonçalves (RS), no Núcleo Rural Rajadinha, em Planaltina (DF); e o empresarial ocorreu nas Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG), em Belo Horizonte (CONFERÊNCIA FIB EM BRASÍLIA, 2012, [informação verbal]).

Encerrada a revisitação às propostas do FIB, é importante pensar qual sua contribuição para a temática migração e felicidade. A migração, ampliada pela expansão econômica em nível mundial, tornou-se parte integrante do processo de urbanização. O espaço urbano, sendo

uma produção técnica, implantou um cotidiano artificial capaz de acolher “todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização” (SANTOS, 2006, p. 322).

Ao possibilitar a convivência de interesses e a subsistência de várias classes sociais, foram geradas algumas lacunas que comprometeram o bem-estar da sociedade. Para Santos (2006, p. 319), a cidade é uma “[...] fábrica de relações numerosas, frequentes e densas” e também um lugar de “mais mobilidade e mais encontros” que se diversificam em infinitos acontecimentos e múltiplas trocas simbólicas. Nesse processo, o espaço torna-se palco da produção de relações socioculturais de dimensões híbridas que exigem um olhar clínico na detecção de ausências e mediação de conflitos. Entretanto a administração das cidades tem focado mais na infraestrutura para a expansão econômica, deixando em segundo plano a elaboração e a execução das políticas públicas de valorização do capital social e do seu protagonismo na construção de um futuro promissor.

O capital social, reativado pelo FIB, torna-se ponto central na análise da migração para Palmas, pois os migrantes se depararam com um espaço a ser construído. De acordo com o imaginário dos pioneiros, o período de implantação e consolidação da cidade registrou o diferencial da migração para Palmas. Esse período pode ser delimitado pelos primeiros quinze anos, quando o migrante sonhou e protagonizou a criação do espaço urbano, imprimiu sua marca nos lugares, fazendo sua história e a da cidade.

Em um segundo momento, a migração em Palmas assumiu uma fase comum. O migrante defrontou-se com um espaço que não ajudou a criar, mas que precisava conquistar. Nos últimos anos, a cidade assumiu proporções de uma capital como outra qualquer, principalmente, no tocante aos problemas que condicionam o futuro da sociedade. Mas acreditamos que, no fervilhar de conflitos e cooperação, necessários à adaptação ao espaço, dorme no íntimo de cada morador/migrante o desejo de ser um homem feliz.

Desde a fundação de Palmas, deixando de lado o capital econômico, foi importante a participação do capital social, especialmente, aquele formado pelos trabalhadores braçais que ofereceram seu corpo, sua vida – mesmo que dilacerado pela ausência da família e do convívio social do local de origem – como mão de obra para erguer os primeiros edifícios, os monumentos e os símbolos que a caracterizaram como cidade.

Conforme as narrativas dos pioneiros, sem esses trabalhadores, não poderíamos desfrutar do “conforto” que a cidade oferece aos novos migrantes. Cada palmo das edificações, das vias públicas e rotatórias, da vegetação nativa ou exótica traz impressa a memória das almas bondosas, que sonharam e edificaram essa cidade com amor e por amor

aos seus descendentes e à sociedade palmense sem, talvez, usufruir dos benefícios imaginados.

Pensar hoje a migração e a felicidade de uma sociedade urbana ultrapassa os efeitos nocivos da intensidade da migração que repercutiu, segundo Karma Ura (2012, [informação verbal]), no aumento das pegadas humanas na área urbana das grandes cidades. Em Conferência realizada em Brasília, ele declara que, se tinham a ideia de que os problemas gerados seriam resolvidos pela tecnologia, talvez deveriam analisar melhor e considerar outros aspectos como:

- nossa motivação básica (não é tecnológica);
- sonhos: pensávamos que iríamos enriquecer nossa vida (não é tecnológica);
- saúde: nossa vida depende cada vez mais de medicamentos;
- bem-estar físico: está difícil viver saudavelmente, não dormimos o suficiente, não nos alimentamos bem, vamos adoecendo;
- petróleo: não será barato daqui há 20-30 anos;
- liderança: tem que se equilibrar em favor das mulheres, pois isso que nos conduzirá a um mundo melhor (KARMA URA, 2012, [informação verbal]).

Mais que um convite, essas declarações são um apelo para pensar a felicidade como necessidade, como sobrevivência da vida humana, principalmente na área urbana, devido ao aglomerado da população. “Vamos criar indivíduos felizes e, conseqüentemente, os problemas serão minimizados, teremos mais imunidade, viveremos mais [...]” para focar na “criatividade como geradora de felicidade nos indivíduos e impulsionadora da economia”, finaliza Karma Ura (2012, [informação verbal]).

Ao resgatar no imaginário os valores e o ideário de felicidade trazido pelo migrante, compreendemos a fixação migratória no espaço urbano de Palmas, que possui um pequeno contingente populacional, caracteriza-se por ser uma cidade nova, gestada por relações sociais migratórias e carentes de políticas de inclusão social, conforme nos propõe o FIB.

Ademais a migração é um tema que condensa aspirações humanas que se encaixam, perfeitamente, nos indicadores FIB de padrão de vida melhor, bem-estar psicológico, vida comunitária, desenvolvimento cultural, uso do tempo (lazer), saúde, educação, qualidade do meio ambiente e governança. Assim, devido à abrangência dos indicadores e à necessidade de um aprofundamento minucioso pela novidade do tema, alguns itens foram evocados como reflexão por serem significativos na manifestação imaginária da felicidade e relevantes na formação socioespacial do município de Palmas.

1.3 Palmas: uma história entre o imaginário e a realidade

Ontem pasto
Hoje pó
Amanhã Palmas.
(SOBRINHO, 2003, p. 75)

Sob o título *Evangelho de uma cidade*, a epígrafe nos convida a pensar o espaço e o tempo de um lugar que surgiu do imaginário dos arquitetos para ser a capital do mais novo Estado do Brasil: o estado do Tocantins¹⁹. Resultante do desmembramento territorial do norte goiano, a criação do novo Estado pela Assembleia Nacional Constituinte de 1988 redefiniu uma geopolítica para o país e proclamou uma nova geografia social, política, econômica e cultural para a região. Segundo Santos (2008a, p. 27), ocorreu um processo de ocupação do território brasileiro imbuído de “novas formas de produção, consumo ou de distribuição” que culminaria no ápice da atual globalização da economia e ampliação das redes urbanas por todo o planeta.

A fundação da capital Palmas²⁰ ocorreu em 20 de maio de 1989, marcada por um ato simbólico-religioso²¹ de desbravamento do Cerrado, como pode ser observado na Figura 5. O fato a fez entrar para a história como a última capital projetada do século XX. Entretanto sua instalação definitiva aconteceu em 1º de janeiro de 1990, quando foi transferida a sede do governo da capital provisória – Miracema do Tocantins – para Palmas. Erguida na vastidão do Cerrado, entre as escarpas do Lajeado e o rio Tocantins (atual Lago da Usina Hidroelétrica do Lajeado), o cenário vislumbrava o novo que surgia. No imaginário popular, difundiu-se a ideia de uma nova civilização, um novo eldorado, um novo lugar. Segundo Walfredo Antunes²², a beleza da paisagem esteve entre os inúmeros fatores observados na escolha do local de fundação da cidade, motivo da opção pela área compreendida entre o rio e a serra do Lajeado (JORNAL DO TOCANTINS, 2012).

¹⁹ O nome *Tocantins* é uma homenagem ao majestoso rio que corta suas terras, significa “nariz de tucano” – nome dos indígenas que habitaram suas margens (RODRIGUES, 1978). Lembra também o desenho do seu território, ao norte, ao encontrar o rio Araguaia.

²⁰ Seu nome traz na memória a história da luta de emancipação da região, iniciada em 1821, com criação da capital da Província São João da Palma, atual município de Paranã, a fim de resgatar a cidadania palmense (LIRA, 2011).

²¹ Celebração de missa campal no cruzeiro e abertura da principal via pública, a Avenida Teotônio Segurado.

²² Arquiteto que participou do projeto de Palmas. Atualmente é docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins.

Figura 5 – Missa de fundação da cidade (1989)



Fonte: Jornal O Paralelo 13

Figura 6 – Local de fundação de Palmas (1989)



Fonte: SECOM

Localizada no centro geográfico do Estado, a região possuía uma baixa densidade populacional²³ e era ocupada por fazendas destinadas à agropecuária. A área foi agregada ao recém-criado município de Taquaruçu, que “[...] cedeu seus direitos político-administrativos para a nova capital, Palmas”, retornando, posteriormente, para a função de Distrito (MILAGRES; MARQUEZ; SOUZA, 2010, p. 1).

De acordo com Teixeira (2009), embora tratasse de uma região pouco desenvolvida, havia um povoamento considerável em seu entorno, nas cidades de Porto Nacional, Miracema do Tocantins e Paraíso do Tocantins, as quais poderiam ser influenciadas positivamente pela presença da capital. Para o autor, a posição de Palmas – no coração do Estado – impulsionaria a multiplicação de uma forte rede de cidades.

Segundo Silva (2010, p. 58-59), a escolha da área de localização da capital concatenava-se à maneira de um simulacro: “repetir e conquistar ‘a história e os grandes feitos’ dos criadores de Brasília” e estar no “centro geográfico do país”. De acordo com Lira (2011, p. 153), o lema diminuir “as desigualdades regionais do novo Estado” integrando a “margem direita do Tocantins ao neodesenvolvimento [...]” era a principal justificativa de construção de Palmas.

Dessa forma, apoiada em um ideário grandioso, Palmas despontou como polo de desenvolvimento urbano do Tocantins e da região Norte. Em face dos aspectos políticos e econômicos, Palmas foi erguida do confronto entre o velho e o novo, o futuro e o passado, o presente e o ausente, o Visionário²⁴ e o Velho do Restelo²⁵. A viabilidade da cidade decorreu

²³ O único povoamento era o distrito do Canela – formado por migrantes nordestinos desde o “final do século XIX [...] em busca de terras para o plantio e criação de animais” (ALMANAQUE CULTURAL DO TOCANTINS, 2000, p. 3).

²⁴ Refere-se ao criador de Palmas: governador José Wilson Siqueira Campos.

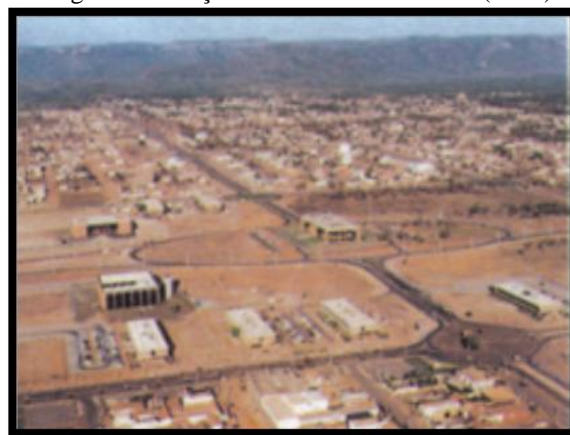
do investimento maciço em propaganda para criar no ideário popular a identidade “tocantinense”, envolvendo, sobretudo, a população flutuante vinda de outros Estados para a nova capital (SILVA, 2010).

Figura 7 – Palácio e Av. Teotônio (1992)



Fonte: SECOM

Figura 8 – Praça dos Girassóis e Av. JK (1994)



Fonte: SECOM

Elaborado por Walfredo Antunes e Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, o projeto arquitetônico e urbanístico de Palmas foi concebido na forma de Plano Básico macroparcelado em quadras e zonas de uso²⁶ pré-definidas (RODOVALHO, 2012). As vias de circulação foram orientadas por duas grandes avenidas: a Avenida Teotônio Segurado (Figura 7) como a principal ligação norte/sul e a Avenida Juscelino Kubitschek fazendo a ligação leste/oeste (Figura 8). Ao centro, no cruzamento dessas avenidas, localiza-se a Praça dos Girassóis²⁷, onde edificaram os três poderes estaduais e as secretarias de governo. As quadras, por sua vez, tiveram os usos internos definidos pelo processo de microparcelamento²⁸, ou seja, cada arquiteto teve livre escolha ao definir sua característica física, de acordo com as múltiplas funções específicas (LIRA, 2011).

Palmas, para seus idealizadores, é um barco onírico navegando no tempo do desejo. Sintetiza a luta de emancipação do Estado do Tocantins, cobrindo o passado recente de sombras, reduz a cinzas a lembrança do atraso, da solidão, da pobreza, da secura sertaneja de galhos retorcidos em meio ao vento e a poeira cobre dourada que varria as suas extensões. Paisagens rapidamente soterradas pela projeção de seus

²⁵ Personagem de Luís de Camões em *Os Lusíadas* refere-se aos pessimistas, conservadores e reacionários que não acreditavam no sucesso das navegações portuguesas. Restelo: zona próxima ao bairro de Belém (Lisboa).

²⁶ “Resultam do relacionamento entre o exercício das funções da cidade e a ocupação urbana”: Área Verde, Área Administrativa, Área de Comércio e Serviço, Área de Lazer e Cultura, Área Residencial, Área Verde (Lei n. 386, de 17 de fevereiro de 1993).

²⁷ A maior Praça da América e uma das maiores praças do mundo com 570 m² de área.

²⁸ Parcelamento interno próprio aplicado em cada quadra, podendo as soluções variar conforme o caso, sendo previsto, dentro das quadras, os equipamentos públicos básicos (TEIXEIRA, 2009).

monumentos, traçados. Cores, avenidas. O esforço constantemente reiterado põe em marcha uma memória para o futuro. A insurreição de um passado distante, tão heroico quanto fabuloso, burla a modernidade que se quis alcançar – a modernidade como antônimo de sertão –; essa modernidade talvez tenha chegado tarde demais: quando o próprio moderno parece ter envelhecido. (SILVA, 2010, p. 52).

Ao sintetizar o enredo característico da criação de Palmas, o aspecto “moderno” encontra-se sufocado por uma multiplicidade de elementos que disputam um espaço/tempo, ainda indefinido, que impede a elaboração da imaginabilidade²⁹ da cidade pelos moradores. Segundo Lynch (1997), a composição de uma imagem se dá pela identidade (individualidade e unicidade), estrutura (relação espacial e paradigmática entre objeto(s)/observador) e significado (prático ou emocional). Por ser uma cidade nova e projetada, a imaginabilidade de Palmas encontra-se em processo de construção e de apreensão pelos atores sociais.

A princípio, Palmas foi conquistada e emoldurada pelo imaginário migrante que, destemida e ousadamente, acreditou em sua materialização, de modo que algumas imagens a definem como um espaço de migração e de felicidade. Como acontecimento único para as personagens (o criador, os arquitetos e os trabalhadores migrantes), a consolidação da cidade, de fato, insere-se em um momento histórico específico, no qual houve um esforço coletivo para imaginar a cidade nascente e, concomitantemente, protagonizar o fato.

Segundo Martins (2012, p. 52), “o novo herói da vida” é atributo do homem comum, que faz do seu cotidiano “o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais” e, conseqüentemente, “a força da sociedade civil”.

1.3.1 O espaço/tempo em Palmas rumo à felicidade

Passados 24 anos de sua fundação, as primeiras imagens da vida na cidade permeiam a memória dos migrantes que fixaram residência em Palmas. As sensações de coragem se misturam entre a esperança, o sonho, a necessidade e o desejo de um futuro tecido com as próprias mãos. A rusticidade e a incipiência do lugar foram os fertilizantes no imaginário para projetar uma realidade que existia apenas nos traçados do projeto arquitetônico.

²⁹ Qualidades e características de uma cidade (imagens percebidas que identificam e estruturam o ambiente urbano, captadas como imagens mentais pelos indivíduos). O nome resultou de um estudo desenvolvido por Kevin Lynch na década de 1960 em três cidades norte-americanas, Boston, Jersey City e Los Angeles, e deu origem ao livro *Imagem da cidade* (LYNCH, 1997).

Referindo-se ao trecho do poema *Fio de prumo*, de José Gomes Sobrinho, “Para tornar real essa realidade que nos cerca”, Casagrande³⁰ (2012, [informação verbal]) descreve as sensações das primeiras imagens de Palmas. “Palmas era uma cidade, existia de verdade, mas era irreal porque não existia nada, não havia nada”. O “nada” versava sobre a rusticidade do ambiente natural, a incipiência da infraestrutura local (paisagem, condições de moradia, saúde, saneamento), as características do clima da região, entre outros aspectos apresentados como barreiras para a fixação dos migrantes e, conseqüentemente, para a viabilização da cidade. Mas, ao ver tudo para construir, confessou Casagrande: “aquilo me empolgou muito”.

Desde o princípio, houve uma grande preocupação com as imagens da cidade. Segundo Silva (2010, p. 16), isso é uma característica das cidades projetadas, pois a ausência de tempo é substituída por símbolos que representam valores culturais estéticos ao imaginário urbano com objetivo de forjar “uma memória para o futuro, ao mesmo tempo que produz um denso e significativo imaginário social”.

Palmas surgiu recheada de símbolos culturais que refletem acontecimentos alheios ao seu espaço/tempo. Entretanto importava realçar a emancipação do estado do Tocantins – como algo fantástico, fabuloso – como o maior acontecimento da história, associando-o ao mais nobre anseio do ser humano, conquistar a liberdade (e, por que não, em uma terra nossa?). O Brasão de Armas do Estado³¹ carrega a frase grafada em tupi *Co Yvy Ore Retama*, que significa “Esta terra é nossa”.

O discurso imaginário de atração populacional, somado à expectativa de um lugar dos sonhos realizáveis e de um futuro próspero, era um traço da ideologia presente.

Havia um sentimento de curiosidade muito grande. [...] no imaginário das pessoas, era muito comentado naquela época, que era a última capital do milênio, a última fronteira de um novo desenvolvimento, um novo povo. Uma nova gente vai nascer nesse Estado e desse Estado. [...] Havia um sentimento muito grande de esperança, de aventura. O que nos moveu mesmo, o que nos uniu e nos conservou aqui foi um sentimento de solidariedade muito forte. Além de um sentimento de amor à terra para os nativos. [...] as pessoas de fora foram chegando e foram se incorporando ao sentimento nativo de que aqui era um novo Estado, de que aqui, neste lugar, era uma nova capital. (MARY SÔNIA³², 2012, [informação verbal]).

No relato oral da entrevistada, percebe-se como o sentimento e o desejo de ser feliz imperaram no imaginário dos pioneiros. Isso ocorre porque a ação da imaginação material,

³⁰ Osmar Casagrande é publicitário, escritor, poeta e morador de Palmas. Entrevista concedida em 26 de junho de 2012.

³¹ Criado pela Lei n. 092, de 17 de novembro de 1989.

³² Mary Sônia Valadares, nascida em Tocantinópolis (TO), é advogada e pioneira em Palmas. Entrevista concedida em 18 de abril de 2012.

que dá vida à causa, “afrota a resistência e as forças do concreto em um corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, em uma atitude dinâmica e transformadora”, a qual opera por um “instrumento da vontade de poder e da vontade de criar, mão artesã, mão trabalhadora [...]” (BACHELARD, 1985, p. 19). A prática de fazer, de sonhar, de esperar pelos acontecimentos vindouros permeou o processo de implantação da cidade e estendeu-se entre a população. A própria migração foi sustentada pela criação de imagens de um devir a ser daquele espaço.

Para Martins (1986, p. 45), migrar vai além de um simples transitar de um lugar a outro, “há a *transição* de um tempo a outro”. Sem dúvida, a maioria dos migrantes transpôs esse tempo, mesmo aqueles que não conseguiram se estabelecer e retornaram. Considerado um espaço inóspito, onde tudo estava por construir, despossuído de infraestrutura para abrigar qualitativamente os migrantes (alimentação, saneamento básico, serviço de saúde, entre outros), é natural o retorno ao local de origem, pois nenhum lugar pode ser melhor do que aquele que já faz parte de nossas vidas.

Havia ausência de recursos econômicos, políticos, culturais e estruturais na cidade, que impossibilitou a fixação de várias pessoas que tiveram uma migração abortada³³ e retornaram às origens, lembram os narradores. Além disso, resistir às intempéries físicas da região – principalmente do clima – foi e continua sendo um dos maiores desafios para grande parcela da população.

Sobre o clima, durante entrevista, Francisco Erasmo Pereira Damasceno³⁴ lembrou-se da inauguração da delegacia da Polícia Federal em Palmas. Em diálogo com o diretor do distrito policial, o governador Siqueira Campos disse: “Tudo aqui está começando, tudo está se organizando. Para você ter uma ideia, nem o clima aqui não é organizado”. A declaração, embora focada no clima, evoca reflexões sobre a condução do processo de implantação da cidade. Daí questionar o que foi prioridade para o poder público: cuidados com a produção do espaço (infraestrutura física) ou cuidados com a sociedade (os migrantes/construtores)?

Nos primeiros anos da cidade, embora houvesse um amálgama ideológico traduzido em oportunidade de mudar a vida e de vida, as adversidades que enfrentaram de “livre e espontânea vontade” demonstram que a prioridade era “construir, construir, construir”, como atesta Casagrande em entrevista.

Em termos de conforto, era dez abaixo de zero, dez negativos. Eu, durante três meses, dormi num outro barracão vizinho (barracão onde funcionava a TV Palmas)

³³ Nome que adotamos para a migração que não se consumou, conforme o sonho idealizado, seja pelas condições físicas do espaço, seja pelas condições econômicas que o tempo não ofereceu solução.

³⁴ Damasceno é cearense, jornalista e morador de Palmas. Entrevista concedida em 26 de junho de 2012.

lá no chão, num colchãozinho de dois centímetros, pois aqui não tinha nem onde comprar, não tinha nada, nem roupa de cama. Era uma pionada deitada naqueles colchões. Eu não olhava essa parte, pois não tinha como olhar. Era horrível. Por ser tão horrível, eu particularmente e os outros também, ninguém se importava porque não tinha como perder tempo, nem se desgastar com isso. Vamos fazer o melhor possível porque tinha que construir. Essa coisa de ter que construir pegou muito, as pessoas se viravam de todas as formas, de todos os modos, mas de todos os modos mesmo (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]).

A declaração evidencia a dureza imposta à fixação do migrante. Havia uma situação que era desumana, devido à falta de infraestrutura para os trabalhadores e condicionante na decisão de resistir e permanecer no destino. Trata-se de uma trajetória de “seletividade”, componente intrínseco à migração, que é imposta pelos processos sociais e econômicos (LIMA; VALE, 2001). Além disso, independente da situação migratória, o indivíduo passa por uma “seleção natural” (psicológica e interna), na qual depara com um ambiente desconhecido e posiciona-se como um estranho. Uma vida de duplo sentido em relação ao pertencimento, pois não é dali, mas também não pertence mais ao lugar de origem.

Os migrantes sofrem com fatores que o dividem entre fixar ou retornar: a ausência de familiares e amigos, a insegurança, o espaço, as pessoas, a falta de trabalho ou a adaptação ao ambiente de trabalho. Em *O retorno*, Sayad (2000, p. 12) comenta sobre essas relações, intrínsecas ao cotidiano migrante, que interagem entre si transformando-o enquanto sujeito:

A relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente [...]; a relação com a terra, em todas as suas formas e seus valores (a terra natal), inicialmente, em sua dimensão física ou geográfica e, em seguida, em suas outras qualificações sociais, o espaço físico sendo, em suma, uma metáfora espacial do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar. Todas essas relações se mantêm entre si e são solidárias umas com as outras, e a unidade que formam é a mesma que constitui o assim denominado ser social.

O retorno constitui-se em um resgate do espaço vivido: um encontro consigo e o outro. A nostalgia que envolve o retorno é típica dos deslocamentos, porque se está diante “de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional e até mesmo apaixonadamente distinto” (SAYAD, 2000, p. 12).

Ao discorrer sobre a imaginação e matéria, Bachelard afirma que a criação simbólica com o espaço sofre influência dos quatro elementos da natureza. Assim, os símbolos³⁵ têm origem nos mistérios familiares, pois “o ser é antes de tudo um despertar” que surge na

³⁵ Símbolo aqui se refere aos significados construídos pelo indivíduo na relação cotidiana com o espaço.

consciência de uma impressão extraordinária, pois “O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares” (BACHELARD, 1997, p. 8). Para ilustrar, o autor relembra as sensações que as águas dos rios e riachos de sua terra natal suscitavam em seu universo imaginário. Nessa “geografia da imaginação”, o filósofo lança um mergulho profundo no devaneio da vida e expressa as mais ricas impressões que as imagens lhe proporcionaram. Embora revividas em um espaço-temporal futuro, tais imagens personificaram um prazer de outrora e um alento odorante emanado das coisas, capazes de serem reveladas apenas nas profundezas da alma de um sonhador (BACHELARD, 1997).

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a *humana condição*. [...] A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”. (BACHELARD, 1997, p. 18).

Diante de uma situação que não permite reproduzir os sonhos de uma vida feliz e próspera, o migrante utiliza a imaginação criadora para ultrapassar a realidade presente e acreditar em uma nova vida, à luz da imaginação criadora. Nesse processo de idas e vindas, ultrapassar a condição imposta pela migração é o desafio do migrante, tanto para se estabelecer no lugar de destino quanto para encarar o retorno. Ambos constituem um devaneio indefinido e cheio de surpresas (positivas ou negativas).

Mary Sônia, migrante do antigo norte goiano para estudar na capital Goiânia, lembra as contradições culturais que teve de superar no local de destino. Entretanto a criação do Tocantins proporcionou um feliz retorno à terra natal, como funcionária pública e com a perspectiva de ser pioneira de sua capital.

Foi uma emoção ver criado o meu Estado, na minha própria terra. No lugar onde eu nasci, porque esse sentimento separatista foi cultivado durante séculos [...]. Dentro do próprio extremo norte, havia um regionalismo, uma separação de regiões [...]. Mas essa sensação de ver o meu próprio Estado foi uma coisa gratificante. O cansaço era intenso em Palmas, mas nós não chegávamos a sentir esse cansaço. Era como se nós tivéssemos movidos a um motor a diesel. Era uma coisa estranha dentro da gente o tanto que nós trabalhávamos com alegria, com esperança. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

Para a maioria dos sujeitos entrevistados, a esperança de recomeçar uma nova vida, de protagonizar a história de uma cidade nascente foi marcante. Esse sentimento foi ilustrado por

um dos fundadores do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) em Palmas, Carlos Vieczorek³⁶ (2012, [informação verbal]). “Ao ver os primeiros traçados da cidade, imaginei as grandes avenidas, as construções e senti que aqui nascia uma cidade promissora”, relatou. Ele e outros companheiros acreditaram tanto no futuro da cidade que, em 9 de outubro de 1991, em meio ao Cerrado palmense, fundaram o CTG Nova Querência³⁷.

Para os gaúchos, as manifestações culturais do Rio Grande do Sul constituem um legado importante, que precisa ser mantido tal como o ar que respiram. Dessa maneira, a organização e a criação dos CTGs ultrapassaram as fronteiras rio-grandenses e os acompanharam nos lugares de destino. Além de manter a tradição cultural dos antepassados, o CTG funciona como ponto de apoio aos migrantes, no tocante à vida social e comunitária, à segurança e ao bem-estar psicológico dos descendentes e do grupo em geral.

Ao rever o processo de fixação da comunidade gaúcha em Palmas, Vieczorek (2012, [informação verbal]) informa que “a maioria, acostumada a seguir a aventura dos nossos antepassados, resistiu e está aqui” e “não vi ninguém falando de arrependimento de ter vindo”. Mesmo assim, observa-se que “alguns voltaram por problemas familiares ou porque não se aclimataram ao calor da região”, ou seja, tiveram sua migração abortada pelo retorno.

Outro fluxo migratório muito presente e frequente desde a construção de Palmas foi o de pessoas da região Nordeste. Segundo o fundador e presidente da Associação dos Nordestinos, Walter Simões Nobre³⁸, os nordestinos, embora rotulados como migrantes fugitivos da seca, são um povo destemido, desbravador e autêntico na manutenção de suas raízes. A proximidade fronteiriça, responsável pela migração nordestina para as terras tocaninenses, fez com que esse grupo influenciasse significativamente a cultura palmense, seja por meio da culinária, seja pelas atividades culturais: na música com o forró (muito apreciado) e na dança com as quadrilhas juninas.

Dessa forma, o contexto migratório em Palmas permite inferir que cada indivíduo, cada família que aqui chegava identificava-se com os fragmentos urbanos de Palmas. Em contrapartida, cada um oferecia o seu aporte cultural na busca de construir o novo em um lugar onde pudesse vivificar seus sonhos e suas utopias. Damasceno mostra esse sentimento

³⁶ Carlos Vieczorek é advogado, morador em Palmas e um dos fundadores do CTG. Entrevista concedida em 26 de abril de 2012.

³⁷ Nome em homenagem à “nascente capital do Tocantins, que é o lugar que chegamos e escolhemos para viver” (VIECZOREK, 1994, p. 1).

³⁸ Conhecido como Walter Nordestino, é morador em Palmas, fundador e presidente da Associação dos Nordestinos do Tocantins (ASNOTO). Entrevista concedida em 3 de julho de 2012.

nutrido pela cidade que viu nascer e a qual escolheu para criar os seus filhos. Definimos tal sentimento como *topofílico*³⁹.

Hoje, depois de ter feito algumas viagens internacionais [...], você sente falta da cidade. É incrível! Principalmente, hoje que a minha família todinha é daqui [referindo-se aos filhos]. Se eu sou de coração, eles são realmente da terra. Eles nasceram aqui, estão sendo criados aqui, são palmenses, não tem como. [...] *Pra vir pra cá*, uma vez uma colega me perguntou: – Damasceno, você já pensou em criar um Estado? E eu vi Palmas crescer e chegar ao ponto em que está hoje, com esses prédios aí. (DAMASCENO, 2012, [informação verbal]).

As imagens descritas pelo pioneiro definem a satisfação de pertencimento construída com a cidade. A oportunidade de ver a cidade nascer, constituir uma família e permanecer nela o faz sentir protagonista de uma história individual e coletiva que deixará para seus descendentes. Poder dizer que conheceu cada palmo de chão e que superou as situações adversas ao longo de sua trajetória na cidade. Tais fatos e acontecimentos vividos pelo pioneiro constituem um legado cultural gravado em sua memória.

A força da identidade de um povo demonstra que “as ideologias que prevalecem nas ‘memórias migrantes’ jogam com as fronteiras da alteridade para produzir, pela distinção, as identidades sociais” (CANDAUI, 2012, p. 17). Nesse sentido, é perceptível que a migração não ocorreu, igualmente, conforme os objetivos almejados, para todos os residentes de Palmas. Embora muitos se sintam seguros ou em uma situação melhor que a do local de origem, nem todos conseguiram driblar as experiências contraditórias, internas e externas ao sujeito, sendo condicionados a trilhar caminhos adversos para continuar perseguindo seus sonhos. Por isso, a migração constitui-se no transitar de um tempo a outro.

1.4 Felicidade e espaço: viagem pelos caminhos da felicidade

O tema felicidade, discutido desde a Antiguidade, tem ganhado espaço nos últimos tempos em diversos ambientes sociais. Formalmente, o tema tem seu foco na busca do “conhecimento” como alicerce de um futuro feliz, enquanto, informalmente, manifesta-se de diversas maneiras para impulsionar o consumo como realização dos sonhos de felicidade. Quanto ao meio científico, assume uma característica empírica nas múltiplas relações espaciais, impulsionando as experiências de vários pesquisadores. Conforme o objeto de

³⁹ Topofilia, termo cunhado por Bachelard, refere-se a determinar o valor do humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados (BACHELARD, 2005). Tuan (1980) apresentou a topofilia definindo-a como laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente.

estudo de cada ciência, os resultados apresentados são passíveis de comprovação, sejam eles de caráter quantitativos e/ou qualitativos.

Andrews (2011, p. 11) relata que, na década de 1980, em um período de cinco anos, foram publicados 200 artigos acadêmicos sobre felicidade; em contrapartida, nos últimos 18 meses, esse número aumentou para 27.335. Nessa perspectiva, por meio da ciência geográfica e à luz da fenomenologia bachelardiana, buscamos compreendê-la como elemento que se materializa nas relações socioespaciais e a sua (re)significação pela forte presença na existência humana.

A felicidade, por um longo período, esteve atrelada à crença religiosa e sob a tutela de filósofos e teólogos, principalmente, com o advento da cultura ocidental. Há apenas três ou quatro séculos que a felicidade distanciou-se da fé, da religião e da espiritualidade e galgou novos caminhos (SCHOCH, 2011). A apropriação da felicidade na Idade Moderna se deu a partir da revolução científica, pois instituiu uma ruptura abissal entre o “mundo fechado”⁴⁰ e o “universo infinito”⁴¹, gerando uma nova ordem de valores sociais (FERRY, 2010).

Observa-se que, a cada período de transição civilizatória, a humanidade se vê norteadada por ideais carregados de complexidades, indefinições e paradoxos que colocam em risco a existência do ser, limita seu jeito de estar no mundo presente e coloca em prova sua capacidade de criar alternativas para um futuro feliz. Na concepção de Giannetti (2002, p. 22), o período iluminista deslocou a “[...] confiança no progresso e no aumento da felicidade ao longo do tempo até o ponto mais extremo de que se tem notícia nos anais da história intelectual”, de forma que tudo conspirava a favor de uma civilização feliz. Supunha-se que o progresso da ciência refletiria no progresso da humanidade, como de fato pode-se constatar em alguns aspectos em detrimento de outros. Isso fez com que a humanidade acreditasse na existência de um elo perfeito e inabalável entre progresso e felicidade. Além disso, deflagrou na sociedade que a bondade moral do homem é algo suscetível de um ilimitado aprimoramento e que a natureza propicia um vínculo estreito – um tipo de corrente indissolúvel – entre a verdade, a felicidade e a virtude (GIANNETTI, 2002).

As bases para a compreensão da essência da felicidade foram lançadas pelos filósofos gregos, os precursores do conhecimento da verdade – a *aletheia* (CHAUI, 2002). Entre eles, Epicuro (341 a 270 a.C.) – considerado o filósofo da alegria – fundou sua escola filosófica,

⁴⁰ Mundo baseado no conhecimento dos filósofos gregos, comandado pela ideia de cosmo, ou seja, um mundo finito e ordenado por uma hierarquia de valores e de perfeição (FERRY, 2010).

⁴¹ Aquele comandado pela física moderna, que promoveu uma verdadeira revolução científica e se disseminou como revolução técnico-informacional. A sociedade deparou com novos valores e novas regras de organização social que colocaram o homem diante de infinitas possibilidades, embora sob a égide da razão absoluta.

mesmo sob oposição dos demais filósofos da época. No *Jardim de Epicuro*, treinava-se a aplicação da filosofia epicurista, cujo objetivo era viver o cotidiano de forma concreta e prática. Seus estudos foram fundamentados no atomismo de Demócrito e suas práticas na ética do prazer e da dor como pilares para a conquista da felicidade. O que chama a atenção é sua concepção de conhecimento baseada nas “sensações”, nas “antecipações” e nos “sentimentos” como regras filosóficas para buscar a si mesmo no interior do ser (ULMAN, 1996).

Na essência, a sensação de uma nova vida e o sentimento de felicidade sempre moveram a evolução civilizatória em todas as épocas, períodos e pontos do globo. Para Giannetti (2002), a felicidade nunca desapareceu de cena por manter a expectativa de convergência entre a autonomia (valor e vida ética) e o bem-estar. Ferry (2010) afirma que, partindo do homem e de sua finitude, o espaço e o tempo são definidos pela sensibilidade do corpo, portanto, uma reflexão estética.

Nesse caso, não se trata apenas de uma estética do mundo das belas-artes, pois se refere também à vida de um coletivo social. Entendida como obra de arte, a vida é uma construção humana, modelada nas experiências que conduzem à liberdade e à aventura de conquistar a felicidade. É um modo de sentir-se vivo, de experimentar algo em comum, manifestado na forma de “um vetor de sociabilidade, uma maneira de desfrutar junto de um presente eterno, o que é explicado pela expressão, um pouco paradoxal, de ‘materialismo místico’⁴²” (MAFFESOLI, 1995, p. 53).

Na atualidade, algo similar tem sido consolidado espacialmente no Ocidente, a exemplo da adesão às práticas da cultura oriental. Um resgate ao mito da boa vida como alternativa para driblar as sensações de estresse, insatisfação, doenças e outros problemas que a modernidade não resolveu. Giannetti (2002, p. 30), retomando o exemplo do período iluminista, afirma que uma das crenças que povoaram a imaginação e a visão de futuro suscita uma problemática: “[...] a noção de que os avanços da ciência, da técnica e da razão teriam o dom não só de melhorar as condições objetivas de vida, mas atenderiam aos anseios de felicidade, bem-estar subjetivo e realização existencial dos homens”. Dessa forma, a complexidade da vida parece carecer de uma análise subjetiva da realidade, pois se manifesta em uma (in)temporalidade cíclica ou trágica (MAFFESOLI, 2003) que está implícita nas sensações e nos sentimentos que movem as relações cotidianas no espaço.

⁴² Refere-se ao valor dado ao prazer do corpo, dos objetos, das imagens e do espaço como forma de ligação ou de partilhar a vida entre os humanos.

A realidade objetiva não é toda a realidade – é apenas parte dela. Mas se você ficar só com ela, uma vez que ela apenas se presta a ser observada, testada e medida de fora, então você estará deixando de lado toda a realidade subjetiva que é o nosso mundo interno, a nossa experiência pessoal e avassaladora de sermos quem somos, isto é, de não sermos simples máquinas calculadoras ou pedaços de química tresloucada, mas de sentirmos o que sentimos e acreditarmos no que acreditamos. O bem-estar do ser humano é em parte objetivo, mas também é subjetivo – depende muito de como as pessoas estão se sentindo e avaliando suas vidas à medida que o mundo à sua volta se transforma. (GIANNETTI, 2002, p. 32).

Ao abordar o “sentimento” enquanto interlocutor na apreensão da realidade objetiva/subjetiva, o “sentir” atua como um saber empírico e revela a outra face da realidade. Para Merleau-Ponty (1994), em *Fenomenologia da percepção*, as sensações são estados ou maneiras de ser do sujeito e são verdadeiras coisas mentais. Como para o autor o saber (objetivo) vem da percepção (subjetiva) do mundo,

[...] vista do interior, a percepção não deve nada àquilo que nós sabemos de outro modo sobre o mundo, sobre os *estímulos* tais como a física os descreve e sobre os órgãos dos sentidos tais como a biologia os descreve. [...] ela não se apresenta como um acontecimento no mundo ao qual se possa aplicar, por exemplo, a categoria de causalidade, mas a cada momento como uma recriação ou uma reconstituição do mundo (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 279).

Nessa perspectiva, a busca do conceito de felicidade no imaginário migrante encontra-se nessa subjetividade que, implícita na realidade objetiva, mostrará algumas facetas da migração em Palmas, ou seja, a caracterização de um processo movido por sensações imaginárias e determinantes na fixação do migrante e na consolidação da cidade.

De acordo com os estudos da sociedade contemporânea, intitulada “pós-moderna” por Michel Maffesoli, vemos a razão e a paixão presidindo as relações humanas, produzindo um conhecimento sensível que mapeia a realidade social. Trata-se de parâmetros não racionais, tais como o sonho, o lúdico, o imaginário, o prazer dos sentidos (MAFFESOLI, 1999) e por que não a felicidade? Enquanto forma de olhar o mundo, pelo prisma estético da emoção, a felicidade mantém a unicidade da vida humana no espaço, hidratando os sentidos para atuar nos lugares, alimentando sonhos de construção da própria história.

A experiência estética manifesta-se nas artes, na religiosidade, no tribalismo, na preocupação consigo, no hedonismo multiforme, no culto aos objetos, no narcisismo coletivo, que traduzem a globalidade vivida. Uma estética tecida como alternativa de criação do novo, de superação das ausências do presente e do resgate das relações sociais, pelo simples prazer de estar junto, de viver instantes eternos, desarticulados na modernidade (MAFFESOLI, 1995, 1999).

A edificação da capital do Tocantins no “meio do nada” (referindo-se à rusticidade da vegetação do Cerrado) soou, imaginariamente, como sendo o princípio de uma nova civilização⁴³. Sustentado por simulacros de retorno às origens ancestrais (também lembrados nas sensações de alguns entrevistados⁴⁴) e/ou ao paraíso terrestre de Gênesis, o novo espaço era tido como local de oportunidade, traduzido pelo sentimento de felicidade ao integrar-se no novo habitat como criador dos elementos espaciais que o vivificam. Épocas distintas, mas historicamente repetidas com novas roupagens.

O sensível, enquanto realidade empírica, e o senso comum, enquanto categoria filosófica, tornam a dar gosto à felicidade terrestre. [...] É o que permite considerar a vida uma obra de arte. [...]. A conjunção do corpo e do espírito, a acentuação dos períodos sensualistas lembra-nos naturalmente a harmonia grega e a serenidade que a caracteriza. [...] O sensível é fonte de riqueza espiritual, fortalece o corpo, mas, ao mesmo tempo, permite a plenitude do coração. Todos os sentidos estão presentes nessa harmonia, e é sua sinergia que engendra uma erótica coletiva, eros de múltiplas faces, espécie de aura, de ambientes nos quais se banha a vida cotidiana. Trata-se de um materialismo místico, no seu sentido mais forte; é a partir dos dados sensíveis (*sense data*) que se elabora a união social, outra maneira de dizer o simbolismo. Ao lado das obras esculturais ou arquiteturas, uma certa poesia (Simônides) lembra a necessidade de um hedonismo ardente, ou ainda o fato de que sem prazer sensual, sem gozo da beleza, a existência é apenas vaidade. Aproveitar os prazeres da existência não é, no caso, simples fraqueza, mas exatamente o que engendra um tipo de homem capaz de elaborar a cultura que conhecemos. (MAFFESOLI, 1999, p. 77-78).

O sentimento de felicidade refletido nas sensações que a cidade de Palmas transmite pode ser comparado a essa “aura mística” que emana das imagens que fecundaram o espaço. Sendo fruto da sensibilidade de cada migrante, essa mística materializou-se na paisagem simbólica dos lugares, na arquitetura da cidade e no imaginário social para desenhar uma cultura palmense. A qualidade de vida que a cidade oferece, muito citada entre os entrevistados, reflete um diferencial identitário com o espaço – feliz e encantador – ao permitir desfrutá-lo com segurança e liberdade, diferentemente de outros lugares já considerados insustentáveis.

⁴³ O termo foi difundido durante a fundação, conforme relatou Mary Sônia, também referenciado no poema *Palmas*, de Alexandre Acampora (2006), ambos pioneiros da cidade de Palmas.

⁴⁴ Associação a filmes épicos, por Jean (2012, [informação verbal]), e cidades do Velho Oeste Americano, por Damasceno (2012, [informação verbal]); convivência com a vegetação para Higinio (2012, [informação verbal]) fez lembrar Guiné Bissau em seu país de origem e cidade mística de Mary Sônia (2012, [informação verbal]), traduz imagens de um instante eterno transmutado no imaginário migrante naquele momento presente.

1.5 Necessidade e desejo: o que tem de felicidade?

Necessidade e desejo aparentemente soam como sinônimos de felicidade. Entretanto é preciso ter todas necessidades e desejos atendidos para ser feliz? É possível trabalhar na alternância entre eles para atingir nossos objetivos existenciais, ou identificar outro caminho independente? São questões que mexem com nossos sentidos, pois, no fervilhar de uma cultura societária cheia de técnicas propensas a resolver todos os problemas da humanidade, é preciso selecionar o que não é descartável e assegurar-se daquilo que realmente tem a ver com os princípios verdadeiros que movem cada ser.

Revisitando o sentido de felicidade anunciado pelos filósofos gregos, Epicuro,

[...] pregava na praça do mercado aberto da cidade, a ágora, que a única fonte de felicidade é o prazer. (A palavra do grego antigo para prazer era *hedone*, da qual derivamos a palavra moderna “hedonista”). O prazer, por ser a chave para a felicidade, deve ser o objetivo supremo de toda ação: independentemente do que fizemos, deveríamos fazê-lo por prazer (SCHOCH, 2011, p. 16).

Epicuro pensava a felicidade como prática para a vida humana, como um bem precioso a ser pensado e remodelado, como resultado de uma filosofia de vida capaz de libertar a humanidade. Para o filósofo grego, “cada um deveria ser senhor de si mesmo, dominando as paixões, subtraindo-se a *moíra*, ou seja, os desejos” (ULLMAN, 1996, p. 112) que não trazem felicidade. Sua filosofia propõe ao indivíduo trabalhar em busca do necessário à vida. É preciso se sentir e saber que está ligado à Terra para realizar-se em sua condição terrestre, passando pelas inquietações, pelas preocupações, pelo bem-estar, pelos projetos e pelas ligações que o lugar lhe proporciona, fazendo-se presente a cada instante (DARDEL, 2011).

Pesquisadores da neurociência confirmam que a felicidade está presente nos genes de nossas células. “Cada um de nós tem um ‘perfil hedônico’, um ‘ponto basal’ de felicidade que é geneticamente determinado. Fixo. Estável ao longo do tempo. Imune à influência ou controle” (ANDREWS, 2011, p. 60). Isto é, fomos programados para sentir bem-estar psicológico individual. No lugar onde nos encontramos acontece essa ligação substancial com o coletivo. Entretanto o percentual dessa satisfação com a vida, determinada por um ponto basal, equivale a 50%, ou seja, a felicidade pode alterar-se, mas retorna à proporção mediana. Por isso a sua subjetividade. Daí surge o mito de que a felicidade não existe intelectualmente, exceto em alguns momentos.

Para o intelecto, existe uma felicidade finita, ou seja, ideologizada de forma mutante para atender a difusão infinita de bens e serviços a serem consumidos. Esse ideal de felicidade (finito) tem orientado para desejos, muitas vezes, impossíveis de serem alcançados por todos os seres. Diante da impossibilidade de conquistá-los, o homem se vê privado em sua liberdade de ser e de estar no mundo e do propósito de sentir-se feliz.

A impotência diante do “espaço material”⁴⁵ ou do “materialismo místico” tem gerado um enorme descontentamento no inconsciente coletivo da humanidade. Primeiramente, consigo mesmo; depois, com tudo e todos ao ser redor. A humanidade vivencia uma fase de “ajustamento das tribos”⁴⁶ (MAFFESOLI, 1995), uma transição existencial em que o indivíduo não se reconhece, não distingue o que lhe é necessário e usa os desejos “inconscientes” como recurso para encontrar fôlego para a vida, ou seja, uma espécie de ligação cosmológica que o satisfaça.

Sendo o FIB um indicador holístico, seu objetivo passa pelo resgate dessa felicidade como bem público; portanto, necessária, para sentir essa conexão com a Terra, com o universo mítico que protege e orienta os anseios coletivos. Nesse sentido, acredita-se numa (re)educação para a felicidade. Para Maffesoli (1999), aproveitar os prazeres da existência não é simples fraqueza, mas uma sabedoria que permite reconhecer um tipo de homem capaz de elaborar a cultura que conhecemos. Se os valores culturais mudam, então, é possível moldá-los dentro dos propósitos genéticos e benéficos à coletividade.

Aristóteles também concebia a felicidade como fruto de nossas ações e o exercício ativo das funções da alma, ou seja, de uma ação-pensamento formulada interiormente pelo indivíduo com vistas ao bem supremo. Para o filósofo, a felicidade tem como finalidade ações ou atividades relativas aos bens internos – da alma –, não entre os bens externos – a matéria.

[...] nossa definição se harmoniza com a descrição do homem feliz como alguém que ‘vive bem’ ou ‘se dá bem’, uma vez que virtualmente identificou a felicidade com uma forma de ‘viver bem’ ou ‘dar-se bem’. [...] Algumas pessoas pensam ser a felicidade a virtude; outras, a prudência; outras, uma forma de sabedoria; outras, ainda, afirmam que são todas essas coisas, ou uma delas em combinação com o prazer, ou acompanhada do prazer na qualidade de um fator concomitante. Algumas dessas opiniões têm sido sustentadas por muitas pessoas desde a antiguidade, outras por apenas alguns homens ilustres e é provável que nenhum desses grupos esteja inteiramente errado. (ARISTÓTELES, 2009, p. 52).

⁴⁵ “É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana” (DARDEL, 2011, p. 8).

⁴⁶ Ajustamento presente na indiferença, na forma de uma força coletiva invisível rumo a um vínculo social sólido.

Para o filósofo, a felicidade constitui uma virtude própria do ser humano que precisa ser cultivada, de maneira individual e muito particular, para se ter uma boa vida. Compartilhando do mesmo pensamento, Epicuro (2002, p. 23), em *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, ao exortar a felicidade aos seus discípulos, reforça a necessidade de “[...] cuidar das coisas que trazem felicidade, já que, estando presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la”. Depreende-se que a felicidade para os filósofos gregos passa por ações que geram sensação de prazer no indivíduo e estimulam a manutenção do bem e da justiça na vida cotidiana.

Quando dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas [...] mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. [...] De todas as coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. (EPICURO, 2002, p. 44-45).

O pensamento do filósofo continua atual, pois, embora a modernidade tenha projetado “expandir as oportunidades e, principalmente, a capacidade das pessoas em geral viverem à altura do seu potencial, escolhendo o seu próprio destino, encontrando uma satisfação e um sentido de realização crescentes na sua existência” (GIANNETTI, 2002, p. 37), perdeu-se, ao longo do tempo, o ideal inicial e, sob a ótica de libertar os desejos, passou a

[...] insuflar e dar livre curso a certos impulsos e fantasias dos homens, especialmente, no campo das aspirações de ganho monetário e consumo material, e de transformar o mundo para garantir a sua máxima satisfação. O ideal iluminista reflete, em suma, uma barganha faustiana – vender a alma ao demônio em troca de *poder sobre o mundo*. Ele representa uma aposta monumental na conquista da felicidade pela crescente, violenta e sistemática subjugação do mundo natural aos propósitos e caprichos humanos (GIANNETTI, 2002, p. 39).

A revisitação teórica ao pensamento filosófico, enquanto busca para a apreensão do momento presente, permite a abstração de pistas para apreender o instante em sua essência. Contudo, se naquela época suas ideias foram mal interpretadas pelos indivíduos, nos dias atuais elas continuam distantes no imaginário social moderno. Na teoria, a atração que a felicidade exerce foi apropriada pela sociedade moderna como matéria-prima na difusão de uma cultura “global”, para materializar as necessidades do corpo e os desejos da alma como essência da vida moderna.

O desenvolvimento técnico-científico-informacional transmutou a felicidade em um espetáculo cultural com uma infinidade de formas, sons e cores capazes de adentrar o imaginário do indivíduo e metamorfosear novos valores como modelo para as relações humanas. Nesse sentido, a migração, sob influência desse ideal moderno, atua com todos os instrumentos necessários à expansão de novos valores econômicos, políticos, comunicacionais, ambientais e socioculturais. Tal ideal esteve fortemente presente na fundação e na consolidação de Palmas. O apelo aos recursos midiáticos, durante a expansão do seu espaço urbano, estimulou a busca pelo poder em todas as esferas sociais, principalmente entre os migrantes, aspirando-lhes sonhos “eldorados” e “dourados” como condição para o alcance da felicidade. Mas, em um sistema social em que a ascensão financeira não beneficia a todos, o que fazer para mediar necessidade e desejo na população? Como manter o nível de felicidade dos palmenses?

De acordo com os estudos da felicidade interna bruta, acredita-se que sua proposta constitui um caminho alternativo, pois a felicidade é trabalhada no equilíbrio entre necessidade e desejo – na forma de uma educação consciente – da população. Além disso, as experiências piloto, desenvolvidas até o momento, mostram que sua proposta não se resume a um plano acabado de ações, mas um caminho a ser construído pelo coletivo social da área envolvida. Assim, o principal objetivo é valorizar o ser humano como força motriz do capital de uma sociedade.

A solidariedade e a participação cidadã são os alicerces que sustentam a preparação dos atores sociais na implantação do FIB. Antes mesmo do diagnóstico, que começa com a aplicação do questionário, estimula-se o desejo de superação do individualismo e o resgate da vida comunitária – ocultada nas relações sociais modernas –, mas necessária para a geração de uma rede de mobilização social. A partir do resultado do diagnóstico do FIB, essa rede se amplia pela partilha dos pontos fortes e fracos na comunidade a fim de que “juntos” decidam as prioridades e como trabalhá-las. O FIB não propõe uma solução milagrosa, mas dissemina, por meio da participação coletiva, uma autogovernabilidade no ser humano e no espaço habitado, estimulando o estar junto e a solidariedade.

O ideal moderno, marcado pelo “individualismo, a razão instrumental, a onipotência da técnica e o ‘todo econômico’ não mais suscitam a adesão” e nem funcionam “como mitos fundadores ou como metas a serem atingidas” (MAFFESOLI, 1995, p. 23-24). Para o autor, estamos no limiar de um novo estilo de existência, há um “estilo em gestação” que recorre às imagens, aos mitos como condição possível de vida em sociedade.

O sociólogo Stuart Hall (2006, p. 58), partilhando dessa mesma concepção, afirma tratar-se de uma reordenação da identidade cultural em que os sujeitos buscam resgatar os conceitos de “‘comunidade imaginada’; *memórias* do passado; *desejo* por viver em conjunto; perpetuação da *herança*”. Depreende-se dessas reflexões que as contradições envoltas na sociedade atualmente têm relação com o “estilo estético” em gestação, o qual se “estende ao conjunto da vida social”, denominado pós-moderno (MAFFESOLI, 1995, p. 53).

Assim, pois, o estilo estético, ao se tornar atento à globalidade das coisas, à reversibilidade dos diversos elementos dessa globalidade e à conjugação do material com o imaterial, tende a favorecer um estar-junto que não busca um objetivo a ser atingido, não está voltado para o devir, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens deste mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de ‘cuidado de si’ ou ‘uso dos prazeres’, em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns. No balanço cíclico dos valores sociais, assiste-se ao retorno do ideal comunitário em detrimento do ideal societário. (MAFFESOLI, 1995, p. 54).

Evidentemente ou não, esse ideal comunitário acontece espacialmente como reflexo das sensações corporais que buscam o prazer, um hedonismo que liberte a alma, uma felicidade que possa ser compartilhada. Nesse sentido, pode-se pensar a essência de felicidade atrelada às sensações de necessidade e desejo, principalmente, no contexto migratório quando ela hidrata a vida com experiências cotidianas que fomentarão os signos de uma nova cultura, porque

[...] cada experiência gera a possibilidade de partir em nova direção, de corrigir o curso no qual se está e rever o ponto de destino. [...] Nossas generalizações, no entanto, precisam ficar limitadas ao espaço psíquico determinado pela condição humana e da consciência. A dimensão simbólica é bem mais ampla do que a limitada condição humana permite. [...] A natureza precisa da consciência na humanidade para se expandir, mas ao mesmo tempo precisa de limites e, por isso, a humanidade é limitada. Por ser limitada é plural. [...] A humanidade é composta de muitos seres e cada um é a expressão de um e muitos aspectos humanos (MENEZES, 2007, p. 106-107).

São reflexões que conectam com a análise sociocultural contemporânea e permite apreender que a evolução da humanidade, em cada período histórico, decorre da agregação de novos valores culturais. Como vimos, tais valores se materializam em símbolos elucidatórios da satisfação das necessidades e dos desejos e passam a influenciar todo o coletivo social.

No cotidiano migrante, as evidências mostram que a migração para Palmas veio imbuída de uma necessidade econômica e, concomitantemente, de um forte desejo de ser feliz. Superado o processo de fixação na cidade, a heterogeneidade cultural entre os migrantes

fomenta novos símbolos que passam a agregar a paisagem urbana. Na identificação dos lugares, são firmadas novas relações espaciais que enriquecem a ligação com a terra e inspiram os objetivos futuros.

A riqueza das experiências proporcionadas pela heterogeneidade sociocultural, ao longo do tempo, tende a gerar um estilo de vida bem diferenciado. Para a moradora Grasielle Oliveira Brantes⁴⁷ (2012, [informação verbal]),

Palmas não tem noção do que irá desfrutar no futuro. Ela poderá vir a superar outras cidades brasileiras em termos de solução para as causas sociais e o desenvolvimento. Essa cultura diversificada que veio pra Palmas dará um salto tremendo para cidade e não vai demorar. Muita coisa acontecerá aqui nos próximos anos por causa dessa experiência do heterogêneo.

A heterogeneidade vivenciada pelos migrantes traz elementos significativos para a sociedade palmense, como a tranquilidade, a segurança, as relações interpessoais, o contato com a natureza, a qualidade de vida, a esperança de uma vida melhor e com oportunidades. Embora alguns ainda não tenham suas necessidades atendidas (moradia adequada, transporte, trabalho digno, respeito à sua dignidade, acesso aos bens de consumo e outros), encontram-se em uma condição melhor que a oferecida no local de origem. Dessa forma, o espaço fomenta a esperança de felicidade, eleva a imaginação dos indivíduos na superação das adversidades e impulsiona a construção de uma vida de qualidade (física, emocional, social e cultural).

De Mais e Toscani (2011, p. 64), com base nas descobertas de Agnes Heller, afirmam que todos os seres vivos têm as mesmas necessidades de sobrevivência física, mas as necessidades da espécie humana são específicas, pois “condicionam toda a dinâmica das sociedades”. Sendo algumas de caráter quantitativo, são infinitas e estimulam o exercício comparativo entre as pessoas e da comparação nasce o desejo de ter não somente recursos financeiros, mas também outros valores que fortaleçam a superação do momento presente e/ou minimizem a competição entre os indivíduos. Trata-se de uma ação, fruto da necessidade do corpo que necessita ser dosada para não incidir em puro consumismo.

Thomass (2008, p. 67) explica que isso ocorre porque somos, naturalmente, incapazes de subsistir individualmente, sendo nossa ação “expressão de um conjunto de forças que nos rodeiam [...], de que somos uma ínfima parte”. Assim, ao mesmo tempo em que temos uma necessidade interior de liberdade, estamos sujeitos à necessidade de todo o universo e até superior à nossa, o que faz com que a necessidade interior não possa exprimir-se

⁴⁷ É moradora de Palmas, administradora e funcionária pública. Entrevista concedida em 27 de junho de 2012.

completamente. Diante dessa dicotomia, a alternativa é buscar o caminho do meio, dosar “nossas pulsões e nossos desejos para necessidades de gênero totalmente diferente, marcadas pela qualidade e não pela quantidade” (DE MASI; TOSCANI, 2011, p. 64).

As reflexões de Michel Mafesoli (1995) evidenciam que, no seio da própria sociedade, surgem manifestações sensíveis na forma de uma cultura do sentimento. Tais manifestações funcionam como elementos de equilíbrio entre necessidade e desejo, quantidade e qualidade, inspiradas em protesto à ideologia racionalista instituída pela modernidade. Ademais,

[...] pode-se ver em ação um conjunto de imagens que, por acréscimos sucessivos, chegam a construir uma consciência coletiva que serve de suporte, ao mesmo tempo, ao conjunto da vida social e às diversas ‘tribos’ que dela fazem parte. [...] pode-se falar em reencantamento do mundo [...]. O mistério é aquilo que se partilha com alguns e que consequentemente serve de cimento, reforça o sentimento de pertença e favorece uma nova relação com o ambiente social e com o ambiente natural (MAFFESOLI, 1995, p. 17).

Nesse contexto alternativo, (re)encantar-se com o mundo é sentir-se feliz no espaço habitado e compartilhar a felicidade com o coletivo. Tal como a proposta encetada neste trabalho, o sociólogo acredita em outra concepção de felicidade, aquela que valoriza a força social. Para ele, “[...] a felicidade individual só adquire dignidade quando alcançada no quadro da felicidade coletiva” (MAFFESOLI, 1995, p. 63).

1.6 Felicidade e experiência: rumo a uma construção conceitual

Há mais de dois mil anos, os gregos já refletiam sobre o que constitui “a boa vida” e a “felicidade era uma virtude cívica que exigia ser cultivada constantemente” (SHOCH, 2011, p. 9). Atualmente, as mutações presentes nas relações sociais, a partir da inserção de novos valores culturais e de novas perspectivas de ver o mundo, nem sempre promovem o bem-estar coletivo. Se a natureza humana é sustentada por interações sociais com o espaço vivido, tal contato ocorre sempre em uma relação dialética com esse espaço (MOREIRA, 2006).

Vivemos o efeito de ideologias que atuam discreta e insidiosamente nas instituições (públicas e privadas) moldando o nosso contexto imaginativo. A partir do pensamento de Ernst Bloch, Harvey (2011, p. 206) afirma que mancharam a imagem da possibilidade e “há um interesse bem claro que tem evitado que o mundo seja transformado no possível” e, dessa forma, “perdemos o contato com as antigas e ricas tradições da felicidade e perdemos a

habilidade de compreender sua natureza essencialmente moral” (SCHOCH, 2011, p. 9). Há uma proposta de poder sobre o coletivo social para, simplesmente, manter uma sociedade funcional e sustentada por um comodismo ideológico que restringe a imaginação humana, principalmente, com relação ao conhecimento do ser social e do que é ser feliz. Diante dos fatos, qual a melhor definição para a felicidade? É possível defini-la na geografia?

Bachelard (2005), em uma análise da imaginação filosófica, notificou a construção de uma ideia de felicidade. Em *Poética do espaço*, o autor declara a existência de uma imagem poética que habita cada sujeito falante por meio de experiências simples, de uma linguagem vivida capaz de revelar que “o novo ser é o homem feliz” (BACHELARD, 2005, p. 13). Nesse processo de busca da felicidade, a contribuição bachelardiana potencializa a imaginação como algo inerente à natureza humana, propondo um exame das “imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*”.

Em relação à definição de felicidade dos palmenses, Osmar Casagrande (2012, [informação verbal]) expõe que

É sonhar. É ter capacidade de sonhar. Isso é felicidade: capacidade de sonhar. Você estar sonhando, por que sem sonho como é que você vai ficar feliz com a realidade [...]? Eu tenho um poema que fala isso: “A realidade me estupra os olhos, a boca, os ouvidos”. Enquanto eu tiver elementos para sonhar, eu tenho condições de ser feliz. Agora, só na realidade bruta não dá. Por isso, a minha alta dose de felicidade.

A descrição assemelha-se à análise psicanalítica dos sonhos (feita por Bachelard), fruto de reações psicofísicas e psicoquímicas que ocorrem, primeiramente, no imaginário para depois se materializar como elemento da vida cotidiana. A importância dada ao sonho no cotidiano leva a refletir que a causa do caos socioeconômico, cultural e político, difundido e imposto no imaginário social pela mídia tem como propósito dispersar a capacidade de sonhar, esquecendo que todos têm *O direito de sonhar* – título do livro de Bachelard (1985). Isso reforça a afirmação de David Harvey de que há um desinteresse que o mundo seja um espaço possível.

A felicidade é um sentimento que “ocorre continuamente durante toda a nossa vida desperta”, porém, em determinados momentos é influenciada por “lembranças de experiências passadas e antecipação de futuras” (LAYARD, 2008, p. 33). A definição mostra o aspecto subjetivo da felicidade e o desafio para mensurá-la de forma objetiva como propõe a ciência.

Weiner (2009, p. 17) trouxe a ideia de que a felicidade não pode ser medida estatisticamente, por ser “um sentimento, um estado de espírito, um humor, uma perspectiva sobre a vida”. Assim, buscou nas pesquisas Ruut Veenhoven os resultados dos países

inseridos no *ranking* da felicidade para visitá-los e, no contato com os anfitriões, mapear quais eram, como viviam e o que movia as pessoas consideradas felizes.

Damasceno (2012, [informação verbal]) se considera muito feliz em Palmas, mesmo acreditando que a felicidade – para não perder o sentido – é inconstante. “Ela tem que ser pontual e alternada com outras situações que possam valorizá-la. *Pra* você ter felicidade tem que ter comparação com alguma coisa, a infelicidade. Felicidade são momentos que são oferecidos a nós de tempos em tempos”. A definição pondera sobre um movimento cíclico de conquista da felicidade.

Ao abordar a felicidade na dualidade das emoções positivas e negativas, o entrevistado também suscita a pensar nos estudos dedicados ao bem-estar subjetivo pelos psicólogos a fim de desvendar as causas do sofrimento humano, como a depressão, a angústia e o estresse (CARVALHO, 2010). Para compreender cientificamente os sentimentos positivos (forças) e as atividades positivas (virtudes) do ser humano (PASSARELI; SILVA, 2007), surgiu a Psicologia Positiva. No Brasil, tais pesquisas ainda são incipientes, porém as experiências de outros países demonstram que a felicidade resulta da satisfação com a vida e tem relação com a personalidade do indivíduo, exercendo influência na qualidade da saúde e na longevidade humana (PASSARELI; SILVA, 2007).

Apostando nas relações pessoais e coletivas, no crescimento e no desenvolvimento das atividades culturais na comunidade do Jardim Aurenny II por meio do movimento junino, Jarbas (2012, [informação verbal]) defende que a felicidade é “ter amigos de verdade, uma família do lado e poder fazer alguma coisa pelo outro”. Nessa linha de pensamento, os neurologistas, dedicando seus estudos à fisiologia do cérebro na avaliação dos sentimentos positivos, constataram que a felicidade não é algo externo a nós, tal como pensavam os filósofos da Grécia Antiga. Podemos desenvolver atitudes que ativam o sistema cerebral “positivo” na produção de bem-estar. A descoberta foi possível graças às técnicas computadorizadas de geração de imagens e ao avanço da biologia molecular (KLEIN, 2005).

Para o palmense Moano (2012, [informação verbal]), “a felicidade eu acho que até hoje ninguém soube dizer, mas felicidade *pra* mim é ter algo conquistado”. Essa reflexão resume as descobertas dos neurologistas: possuímos um sistema cerebral que, mediante nossas sensações, aciona ou não o bem-estar que se manifesta em felicidade. Além de afirmar que o cérebro produz felicidade, Klein (2005, p. 11) esclarece que as “influências culturais e as circunstâncias cotidianas” também interferem no processo. Então, depreende-se desses estudos que a felicidade pode ser conquistada.

O propósito do autor vem ao encontro do nosso desejo de compreender a felicidade como elemento organizador do espaço geográfico. A cultura que recebemos e as circunstâncias vivenciadas acionam o sistema cerebral contribuindo para produzir a felicidade ou (in)felicidade no indivíduo. Assim, ao conhecer o funcionamento do nosso corpo, podemos conquistar a felicidade individual e influenciar, positivamente, na qualidade de vida e no bem-estar da sociedade ao longo das gerações.

A felicidade, para Klein (2005, p. 13), é “um objetivo de vida e ao mesmo tempo um caminho para uma existência melhor [...] felicidade é vitalidade”. Segundo Maffesoli (1999, p. 106), quando a atenção se volta para “os pequenos fatos da vida cotidiana”, estes se solidificam, constituindo o “fundamento incontornável das maneiras de ser”. Isso ocorre porque no lugar se encontram “as relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto o fenômeno”, pois se trata do espaço vivido (BACHELARD, 1996, p. 7).

Nesse sentido, a definição de Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]) ilustra a importância das relações travadas no cotidiano. Para ele, a felicidade “é viver bem, é ter uma família bacana, ter amigos, ter trabalho, ter com quem conversar, compartilhar as coisas boas, fazer um churrasquinho no final de semana com os amigos, ir dançar uma quadrilha junina ou viajar com a turma. Isso *pra* mim é felicidade”. Além de manter a felicidade individual, Cláudio desenvolveu um sentimento de confiança em si e no outro, fruto da partilha coletiva de vida na escola onde trabalha, no segmento religioso de que participa e na organização do movimento junino em Palmas, podendo ser definido como “cultura da felicidade”.

Assim, a felicidade pode se manifestar na forma de poesia e até ganhar melodia, como ocorre nas apresentações das quadrilhas juninas em Palmas, citadas por Maranhão. As canções exemplificam que a palavra *poética* soa aos ouvidos como receita de felicidade, pois se trata de palavra “vívda e sobrevivida”, ofertada pelo outro e que apresenta um “caminho desconhecido e indefinível” capaz de irradiar as “marcas de felicidade no outro”. A sensibilidade presente nas narrativas migrantes se expressa nos diversos pontos do espaço, mostrando que o poder da palavra mantém a vida, a comunhão com o divino, a transmissão de saberes que fornece uma “visão de totalidade do Ser” (KIRINUS, 2011, p. 95-96).

E, na geografia, como explicar a felicidade? Como ela se reproduz no espaço? De que maneira ela interfere nas relações espaciais? Todas as definições citadas compartilham da subjetividade que envolve o espaço geográfico. Sendo a felicidade muito particular, compreendo-a na geografia como a capacidade de conquistar o espaço em sua “totalidade”

com o necessário à vida, tudo o que proporcione realização pessoal, social, profissional e financeira, resultante do equilíbrio entre a necessidade e o desejo no ser.

Para resumir essa construção de felicidade, trago a definição de Ilda, fecundada no íntimo do seu imaginário: “ter paz de espírito e eu tenho [...]. Eu tenho a satisfação de estar bem” (ILDA, 2012, [informação verbal]) e compartilhando os limites impostos ao conceito de felicidade e da necessidade de operacionalizá-lo no cotidiano. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos afirmou que “a felicidade é um estado íntimo”.

Na trajetória de definir felicidade, ficou clara sua forte dimensão cultural, pois se manifesta eivada por símbolos que, impregnados na identidade das pessoas, povoam uma cidade, uma região ou um país. A felicidade é algo impossível de ser abordado quantitativamente nos recenseamentos, o que compete à geografia, entre outras ciências, explicá-la. Claval (1999, p. 82) declara que “a experiência que as pessoas têm do mundo repousa sobre seus corpos e sobre a maneira como elas o concebem e utilizam”.

Portanto, as experiências vivificadas nas imagens adormecidas na memória dos indivíduos condensam sentimentos positivos e/ou negativos que, introjetados nos corpos, se manifestam em sensações de felicidade ou de resistência ao espaço habitado. O estudo da migração em Palmas orienta que, por falta de ausência temporal, os indivíduos que se dispuseram a edificar a cidade não plantaram resistências ao espaço. Pelo contrário, desprenderam-se das materialidades do mundo “dito social” para renascer em um espaço onde a forte presença dos quatro elementos da natureza os permitisse descobrir em sua essência os caminhos da felicidade.

Baseados nessa perspectiva holística, juntamente, com os indicadores FIB que propomos pensar a felicidade, nosso foco é o capital humano, homens e mulheres que ofereceram suas necessidades e os desejos mais elevados para construir com satisfação um espaço diferenciado em Palmas. Da relação migratória com o lugar de destino, a identidade gravada na história de vida dos pioneiros – protagonizar a criação de Palmas – resume o sentimento de amor e pertencimento à cidade que viram nascer e lhes propiciou tecer uma nova história.

CAPÍTULO II – NARRATIVAS DE MIGRAÇÃO

Que sujeito e que lugares são esses, tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes? [...] na condição de migrantes (pois ‘somos todos migrantes’ [...]), o movimento da modernidade, do moderno, das modernizações, do capitalismo e de suas racionalidades por vezes se molda e por vezes é contraposto a relações bem mais ‘modestas’, levadas e trazidas na lida (ou trabalhos) migrantes, mas nem por isso menos candentes de significados.

(GOETTERT, 2010, p. 15)

O sujeito migrante está em busca de sua existência, é um sonhador que vivencia uma profunda transformação psicofísica⁴⁸/ambiental/cultural/político-ideológica e econômica para se realizar como sujeito de sua própria história. Um ser que acredita na vida e busca apoio no seu potencial transformador, pois parte de um objetivo inicial, embora ludibriado por forças alheias à sua vontade, se reveste de coragem para criar outros “espaços de esperança” (HARVEY, 2011) onde seus sonhos possam voar no horizonte sem fim. Primeiramente, mobiliza seu pensamento, em seguida, aciona a força da “imaginação criadora” (BACHELARD, 1985), que, automaticamente, mobiliza as condições necessárias para encarar o jogo operacional de conquistas socioespaciais. Em uma andança sem fim, um dia, ele aporta em um espaço que, a princípio, lhe pareça familiar, capaz de reunir e expressar uma multiplicidade de sentimentos, além de se abrir a novas sensações que possam advir durante o percurso indefinido de encontros e desencontros.

Assim como um poeta projeta em suas imagens uma realidade interior (sonhos), o migrante almeja um futuro para si e para o outro. O encantamento com o mundo o transporta para múltiplos caminhos e o conduz para além das imagens mentais vivenciadas pelos cinco sentidos. Na intensa mobilidade que assola esse corpo – em meio a presenças e ausências –, a mente vagueia, buscando, na intuição, reencontrar sua essência perdida no espaço/tempo e viver uma realidade social que satisfaça o ser migrante.

Silva (2005, p. 217-218) menciona que a migração, seja de que tipo for,

[...] nela se engendra uma teia de acontecimentos comuns que envolvem os sujeitos da migração e se operam [...] no mais íntimo do ser, como também no seu exterior, ou seja, todos que se lançam no novo, que lhes promete a migração, estão fadados a

⁴⁸ Ramo da psicologia que estuda o comportamento do cérebro e dos processos mentais de um indivíduo ou grupo (COSTA, 2011). No texto, o termo foi empregado para correlacionar as alterações psicológicas que ocorrem no corpo e na mente do sujeito migrante.

ritos de passagem comuns em maior ou menor intensidade dependendo das condições da migração.

O migrante se posiciona diante de uma teia de relações sociais aparentemente sólidas, mas que imperceptivelmente se desmantela como líquido diante dos instantes adversos, até que o pulsar da vida remodele o lugar de destino. Em uma via de mão dupla e por meio do intercâmbio “geográfico-sociocultural” (DURHAM, 1978), processa-se como um fenômeno de mudança socioespacial, entre “*gentes* de cá e de lá”⁴⁹ (GOETTERT, 2008); ou seja, uma contextualização de velhos e novos padrões comportamentais que determinarão se a adaptação às novas condições de vida será ou não satisfatória. Desse modo, a migração é concebida como um fenômeno complexo e está intimamente relacionada com as transformações na estrutura da sociedade (DURHAM, 1978; GOETTERT, 2008; SAYAD, 2000); portanto, não pode ser compreendida isoladamente.

Diante da diversidade e da complexidade da migração, busca-se tecer parte da história da cidade e dos seus habitantes nas imagens de felicidade que marcaram a vida dos migrantes em Palmas. Talvez, busca-se tecer uma grafia arquitetônica do “ser e do sentir palmense”, em que os migrantes fixos foram “arquitetos e abelhas”⁵⁰ (HARVEY, 2011) na produção socioespacial, imaginando e projetando o próprio futuro e do coletivo social.

Percebe-se nessas experiências uma relação dialética – própria do ser migrante – orientando a adaptabilidade aos espaços, sejam eles habitáveis e habitados, possíveis e impossíveis⁵¹, naturais e artificiais, construídos ou por construir. Cada um, simplesmente, busca sentir a sensação de possuí-lo e transformá-lo em um território de sua realização pessoal, também concebido como sinônimo de bem-estar e de felicidade.

Somos seres sensoriais em relação metabólica com o mundo que nos cerca. Alteramos esse mundo e, ao fazê-lo, alteramos a nós mesmos mediante nossas atividades e labores. [...] O efeito disso é tornar a velocidade e a escala da adaptação ao ser de nossa espécie e ao ambiente dela, bem como de sua transformação, altamente sensíveis ao ritmo e à direção das mudanças culturais, tecnológicas,

⁴⁹ Jones Dari Goettert, em *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Matogrosso de quem partiu e de quem ficou*, utiliza o termo para referir-se ao intercâmbio e à duplicidade de relações que ocorrem entre os migrantes (seus narradores) no destino sem perder a referência com os lugares de origem. “Ouvir as *gentes* dos dois ‘lados’ da migração. Os dois lugares. A origem e o destino. O lugar *deixado* e o lugar *chegado*” (GOETTERT, 2008, p. 31, grifos do autor).

⁵⁰ Metáfora apresentada como símbolo da interação homem/natureza na construção e na organização do espaço. Posiciona-nos como agentes sociais no curso das práticas cotidianas. “O arquiteto molda espaços de modo a lhes conferir utilidade social, bem como significados humanos e estéticos/simbólicos. O arquiteto plasma e preserva lembranças sociais de longa duração e se empenha em dar forma material aos anseios e desejos de indivíduos e coletividades” (HARVEY, 2011, p. 262).

⁵¹ O termo refere-se a lugares insalubres que não oferecem condições humanas à sobrevivência. Os pioneiros vivenciaram muitas experiências nesses espaços na fundação de Palmas (um passado vivo para alguns).

econômicas, sociais e políticas. [...] Somos no âmago seres curiosos e transformadores dotados de uma vívida imaginação e de um certo repertório de possibilidades que aprendemos a reunir de diferentes modos em diferentes épocas e lugares. (HARVEY, 2011, p. 272 - 273).

A migração, na maioria das vezes, atua como único item no repertório de possibilidades do indivíduo. No processo emigração/imigração, cada indivíduo delibera “livremente” sobre suas escolhas, ou seja, torna-se responsável pelo tom e pela cor de que dispõe para pintar seu destino. Da relação experimental do ser migrante no espaço/tempo da migração, tem-se como fruto a produção de uma experiência social que marca a história dos sujeitos envolvidos.

Experiências no *fazer-se* sujeito que migra e no *fazer-se* sujeito que fica. Sujeitos do trabalho, da família, dos sonhos, das frustrações, dos retornos, dos constrangimentos, das tensões e da saudade. Dos que *partem* e dos que *ficam*. Dos *sentidos inesgotáveis de uma práxis*. Das singularidades e da interpretação no diverso.

Não! A migração não é um ato simples: ‘resume-se num acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperanças’. Condicionada por uma multiplicidade de fatores de mobilidade e à diversidade específica dos mesmos, suas motivações vão desde as ‘puramente econômicas até as incitações de ordem psicológica e aos impulsos voluntários ou involuntários vindos do exterior (influência das *mass-media*, por exemplo)’. (GOETTERT, 2008, p. 36).

Em um período marcado pela globalização da informação, a migração passa a ter outra conotação, principalmente, no tocante aos impulsos exteriores – a exemplo da mídia –, como reforça o autor. Seu diferencial age nos fatores de atração⁵² dos sujeitos para o lugar de destino. Como dito anteriormente, em Palmas, a mídia teve papel importante na criação das imagens, com objetivo de atrair os sujeitos/migrantes/moradores. No entanto, na amenização das experiências, “no fazer-se sujeito migrante”, essa influência se esvai, pois os sentimentos vividos pelo ser migrante – saudades da família, sonho/realidade, frustrações, tensões, constrangimentos – são internos e não podem ser eliminados por recursos externos.

De fato, a viabilização dos meios de comunicação em nada substitui os laços socioculturais construídos no contato físico com o outro nos lugares. A reestruturação do sujeito migrante, no espaço de destino, transcorre entre o ser e o não ser, o ter e o não ter, o estar e o não estar, o presente e o ausente, o significado e a (re)significação dos valores de sua existência enquanto ser social.

⁵² Nesse caso, o foco fica para as perspectivas de “trabalho na cidade” e as possibilidades de novos “laços sociais” (GOETTERT, 2008).

Pensar que possamos vir ao mundo num lugar que a princípio não saberíamos sequer nomear, que vemos pela primeira vez; e que, nesse lugar anônimo, desconhecido, possamos crescer, circular até conhecermos o seu nome, pronunciá-lo com amor, que o chamemos de lar, onde lançamos nossas raízes, onde abrigamos os nossos amores; de forma que, cada vez que falamos, dele, o fazemos como amantes, em cantos nostálgicos, em poemas transbordantes de desejo'. O terreno em que o acaso semeou a planta humana nada era. E nesse fundo do nada crescem os valores humanos. (BACHELARD, 2005, p. 72).

Bachelard (2005) sentencia que a busca existencial do sujeito passa por um lugar que lhe preencha a alma de bem-estar e felicidade. O indivíduo persegue esse lugar existencial até que se sinta realizado em suas necessidades e desejos. Na imaginação do ser migrante, esse espaço existe e passa a ser sua razão de viver, de realizar-se pessoal e coletivamente.

A esse estado que envolve o ser migrante Goettert (2008, p. 42) denominou transitoriedade migratória:

A transitoriedade entre dois lugares, de origem e de destino: um *continuum* que depende de cada migrante e por isto mesmo um *processo* eminentemente individual, calcado pela subjetividade e pelas relações que a migrante ou o migrante vai desenvolvendo no lugar novo, como também, ainda, de proximidade ou distanciamento do lugar *deixado*. [...] a *transitoriedade migratória* parece se definir entre o momento em que se desenvolvem no lugar de origem o contraponto entre *perspectivas negativas* dali e a construção de *perspectivas positivas* em possíveis lugares de destino, apontando, então, a própria *decisão* de migrar. “Lá não tinha mais jeito de ficar” [...] Até o momento em que o lugar *chegado* é percebido como o novo lugar de pertencimento, de um novo *jeito* e de um novo *acostumar-se*. “Me acostumei com o jeito daqui”. “Lá eu não acostumo mais” (grifos do autor).

Perseguindo essa transição de indivíduo migrante para o coletivo palmense, acreditamos que a combinação de diferentes culturas, de novas relações sociais, bem como a diversidade de possibilidades que o espaço proporcionou à maioria dos residentes fixos têm se traduzido em “felicidade”. Inicialmente, limitou-se à conquista de um emprego, da casa que nunca teve, do curso profissionalizante ou universitário e outras necessidades materiais. Superada a fase das ausências do lugar de origem, quando o indivíduo assume que pertence àquele lugar e decide habitá-lo, a felicidade manifesta-se na sensação de bem-estar, na qualidade de vida, no contato com a natureza, na construção de uma vida comunitária e na segurança oferecidos.

Percebe-se, ao mesmo tempo, que a decisão de permanecer no lugar de destino está atrelada a uma socioespacialidade, que determina o desenvolvimento do local e do indivíduo. A satisfação pessoal e coletiva dos indivíduos surge da cooperação homem/natureza, um registro que os indicadores FIB – enquanto mensurador holístico – trazem como alternativa para pensar as novas formas de habitar o urbano em Palmas. Os exemplos dessa satisfação

encontram-se na contribuição e na formação do capital social da cidade e em sua evolução sociocultural. Conforme sugere Merleau-Ponty (1994, p. 328), devemos pensar o espaço como “a potência universal de conexões”, ou seja, por meio das relações tecidas entre os sujeitos que o definem nas mais diversas formas.

Em *A boa forma da cidade*, Lynch (2007) também propõe pensar a forma e a produção espacial dos aglomerados urbanos pelas interações e pelas conexões que se processam entre grupos humanos, como um fenômeno único, de acordo com o período histórico e sociocultural. Ao carregar decisões cumulativas, um aglomerado populacional⁵³ deixa um forte legado para as sucessivas gerações que precisa ser descoberto, pela experiência real dos lugares por meio de seus habitantes e em seu decurso cotidiano.

A cidade pode ser vista como uma história, um padrão de relações entre grupos humanos, um espaço de produção e de distribuição, um campo de força física, um conjunto de decisões interligadas ou uma arena de conflitos. [...] Certos intervenientes transformam-se em elementos decisivos na modificação de cada perspectiva: líderes políticos, famílias e grupos étnicos, investidores importantes, técnicos de transportes, a elite que toma decisões, as classes revolucionárias. (LYNCH, 2007, p. 44).

O urbanista sugere que a cidade seja identificada não somente pela sua funcionalidade, mas também pelos valores atribuídos (que compõem um sistema de elementos complexos) que atuam na tomada de decisão pelo ser social. Desse modo, diante do contexto de que “a cidade é o resultado do comportamento intencional dos indivíduos e de pequenos grupos”, o autor defende o uso de uma teoria normativa “abrangente” e “coerente” para “tornar eficientes as ações restritas, assim como para iluminar uma inevitável negociação política ou mesmo para indicar as mudanças necessárias ao próprio processo de decisão” (LYNCH, 2007, p. 45-46).

A decisão de ocupar o espaço palmense veio carregada de intenções e da expectativa de que a cidade resolvesse as necessidades econômicas e sociais da população migrante. Atribui-se a fixação migrante à possibilidade de concretização desses objetivos e à participação na forma da cidade (identificado como sensação de felicidade) que, conseqüentemente, permitiu a consolidação de Palmas.

No delinear do caminho, a “imaginação criadora” de Bachelard (1985) manifesta-se em imagens que traduzem o sentimento topofílico de felicidade construído nos lugares da

⁵³ Refere-se à disposição espacial das pessoas no desenvolvimento de atividades, aos fluxos espaciais de pessoas, produtos e informações e as características físicas que modificam o espaço de forma significativa para as ações (LYNCH, 2007).

cidade. Da relação vivida no espaço descortinam-se os símbolos que projetarão uma estrutura social que cimentará uma imaginabilidade futura para a cidade. O registro de imagens ocorre livremente e, enquanto criador de imagens, o sujeito expressa a força da sua vivência na visualização da novidade (BARBOSA, 1996).

Dessa forma, seguindo a orientação de Bachelard (2005, p. 2), tomamos as imagens, que emergem na “consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” e apresentamos uma leitura da migração pelas representações que refletem a realização social e coletiva do palmense.

2.1 Imagens migratórias de uma cidade imaginária

Um mergulho nos escritos do pernambucano/tocantinense José Gomes Sobrinho evidencia que a vida é uma trama construída por cada indivíduo. Entre sentimentos e pensamentos em *O fio de prumo*, ele descreve suas experiências em Palmas: “traço rios morros e montes sem ser Deus [...] traço sonho de poeira e sol (tenho muitos sonhos decorados com esta poeira vermelha que até me pinta alma e – extraordinariamente – cheirando a pequi) para cimentar uma realidade irreal como esta que nos cerca” (SOBRINHO, 2003 p. 75-76).

O poeta, desbravador de muitas terras do Brasil afora, aportou em Palmas para tramar nos sonhos empoeirados um futuro imaginário. Os sonhos, idealizados para “cimentar uma realidade irreal”, revelaram imagens de esperança que, na incipiência da infraestrutura local, motivaram os migrantes a permanecerem na cidade projetada por arquitetos. Era uma cidade “irreal” porque, naquele momento, era impossível desfrutar dos equipamentos urbanos convencionais, exceto na imaginação dos indivíduos.

Como um produto das imagens tecidas por esses sonhadores, a paisagem urbana de Palmas revela-se, no presente, impregnada dessa realidade sonhada e se mostra de muitas formas e cores para ser vivida e apreciada pelos moradores/migrantes/palmenses. A poeira desbravada pelas largas avenidas, fruto da ausente vegetação do Cerrado, marcava os elementos dessa paisagem em sua fundação e instituía o vermelho como a cor da cidade, pois a tudo pintava sem qualquer piedade. As partículas decompostas do solo eram um desafio à fixação dos migrantes na nova terra. Somente o desejo por uma vida melhor, de protagonizar, historicamente, o nascimento de uma cidade e “ser feliz” justificava aquele momento.

Para Martins (2012, p. 57), “[...] só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida. [...] Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à história”. Assim, os trabalhadores deram vida à cidade e abraçaram seu projeto para nela permanecer. No contato com o espaço e com outros sujeitos, a partir dos equipamentos disponíveis e das imagens da cidade experimentadas por cada ser, lugares foram sendo desenhados e moldados às imagens do projeto original, para enfim, tomar a forma presente (Figura 9).

Figura 9 – Vista parcial da cidade



Fonte: Marcio Vieira – Jornal O Novo Estado (maio 2012)

Mesmo que se trate de um espaço em construção, a paisagem urbana de Palmas – em sua fase atual – apresenta vários arranjos técnicos⁵⁴ disputando um ambiente que ultrapassa as imagens simbólicas do período de fundação/consolidação da cidade. Entre as múltiplas relações sociais tecidas em seu território, Palmas parece adentrar a uma fase de formação identitária para a cidade, ou seja, deverá ter uma imagem forte que reúna as qualidades para diferenciá-la das demais.

Na tentativa de perceber a cidade, Lynch (2007) sugere a necessidade de defini-la em partes como um conjunto social, biológico e físico. Somente pelos atos e pensamentos dos seres humanos é possível julgar sua qualidade. São fenômenos efêmeros que se tornam repetitivos e significativos em três situações: “na estrutura de ideias que é a cultura, nas

⁵⁴ Economicamente, a cidade passa por forte expansão no setor de comércio e serviços, a exemplo da instalação de grandes redes atacadistas, lojas de departamento e franquias na área de alimentação, concessionárias de veículos, entre outros. Politicamente, tem recebido investimentos em infraestrutura de apoio aos programas de aceleração do crescimento por parte do governo federal; culturalmente, ainda há um longo caminho a percorrer, principalmente, devido ao fluxo migratório e à heterogeneidade cultural das pessoas que nela fixaram residência.

relações duradouras entre pessoas que são as instituições sociais e nas relações permanentes das pessoas com o local” (LYNCH, 2007, p. 53). Dessa forma, priorizamos, nas narrativas migrantes, o sentimento que cada indivíduo construiu com o espaço, por entender que refletem as imagens da partilha de ideias e ideais de uma sociedade que tem como destino coletivo a felicidade.

Da relação com o local, interessou-nos a percepção dos moradores quanto às cores⁵⁵ ou à cor que definem a cidade no presente. Felizmente, os moradores não a perceberam como monocromática; outras cores apropriaram-se do espaço, amenizando o vermelho⁵⁶ que a poeira deflagrou, pois novas formas e cores foram agregadas à arquitetura urbana em expansão.

O verde da vegetação, que predominava como espaço (único) da cidade imaginária, fez emergir aos poucos, às margens da clareira das vias públicas, o colorido das novas edificações, bem como as flores exóticas que enfeitam os jardins. Em uma passagem do poema *Sob o sol*, Osmar Casagrande convida-nos a sentir os símbolos escondidos nas flores dos jardins e faz nossa consciência imaginativa questionar: De quem são as faces que se ocultam no colorido da cidade de Palmas (hoje mais que uma coordenada geográfica no espaço global)?

*Maravilhosos jardins de minha cidade
Revelam mil matizes nas flores alegres
Que velam mil martírios nas faces imberbes.*

*Enquanto gira o sol no seu queimar sem fim,
Crestam-se as faces e se tornam carmim.
E nesse queimar cotidiano
Fenece as faces infantis,
Dando vida às flores dos jardins (CASAGRANDE, 2011, p. 57).*

São essas impressões estéticas que calaram ou desviaram a imaginação da maioria dos entrevistados, quando solicitados a definir a cor da cidade no presente. A indefinição invadiu os cinco sentidos dos moradores. Um deles, após pensar, disse: “azul”⁵⁷ (sua cor predileta). “Não tem nada a ver com Palmas”, mas o céu azul da cidade é muito significativo, “é alguma

⁵⁵ Para Tuan (1980), as cores desempenham um importante papel no desenvolvimento das emoções humanas, podendo constituir-se como os primeiros símbolos do homem. As regras universais consideram a relação entre as cores e a emoção humana, influenciada pela cultura, ou seja, varia conforme os valores atribuídos por cada povo.

⁵⁶ O vermelho é classificado, entre as cores existentes, por se aproximar mais do observador do que os demais tons. “Ele estimula o sistema nervoso e sugere tepidez. [...] pode fazer com que um objeto pareça mais pesado do que é” (TUAN, 1980, p. 27).

⁵⁷ Segundo Merleau Ponty (1994), a escolha de uma cor está relacionada a uma atitude corporal, sendo que o azul traduz a experiência do “repouso e da concentração”.

coisa que estava sendo definida comigo mesmo” (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]).

A definição “azul celeste” revela a busca interativa do depoente por um esquema cosmológico (TUAN, 1980), um espaço que vibra e ressoa (DARDEL, 2011) e uma imaginação multifuncional (BACHELARD, 2003), capaz de transmitir ao sujeito segurança e tranquilidade para ali permanecer. Na realidade, os elementos da natureza (terra, fogo, água, ar) integram a existência humana estabelecendo relações simbólicas que se traduzem em imagens. Essa interação simbólica, que ocorre por meio da “lei dos *quatro elementos*”, atua classificando as diversas imaginações materiais, conforme o elemento a ela associado, pois, segundo Bachelard (1997, p. 3-4), “os pensamentos claros e as imagens conscientes, os sonhos estão sob a dependência dos quatro elementos fundamentais”. Daí advém a simbologia das cores vivenciadas no íntimo dos moradores que produzem emoções, animam os sonhos e hidratam o cérebro com as imagens de felicidade (idealizada ou conquistada).

Mergulhados na indefinição da cor da cidade, o pensamento dos depoentes transita pelo cenário da cidade observando ora entre o verde do Cerrado e a atmosfera celestial, ora na claridade do meio dia ou no colorido das tardes de pôr do sol para enfim definir que a cidade é multicolor. Na verdade, a cidade é um caleidoscópio de formas e cores que confunde o olhar observador. Lynch (1997) afirma que, com atenção, todos podem aprender a navegar, desde que dispostos a se esforçar, filtrar as incertezas que os impedem de sentir o invisível.

O mosaico de imagens que traça o perfil da cidade transporta, desde os primeiros momentos de existência, as adversidades metamorfoseadas por homens e mulheres que nela fixaram residência e revelam que “existe algum valor na mistificação, no labirinto ou na surpresa provocados pelo ambiente” (LYNCH, 1997, p. 6). Na construção imaginária do cenário multicolor da cidade, as impressões dos migrantes são muito particulares e refletem um devaneio cheio de significados e desejos.

A moradora Áurea Pereira Lira⁵⁸ (2012, [informação verbal]) descreve as sensações registradas no primeiro contato com a cidade.

Quando vim, a coisa mais bonita que achei *foi* aqueles girassóis, aquela praça era cheia de girassóis. Era o jardim mais lindo do mundo! Só tinha o Palácio e rodeado de flor. Ao redor do Palácio, aquela praça era tudo girassol plantado. Inclusive um dia eu passei, peguei uma flor, tirei a semente, levei *pra* minha casa lá nas ARNOS⁵⁹ e plantei.

⁵⁸ Áurea Pereira Lira é aposentada e moradora em Palmas. Entrevista concedida em 17 de maio de 2012.

⁵⁹ Denominação inicial dada às quadras em Palmas: Área Residencial Noroeste (ARNO) (já reformulada).

A imagem apresentada pela narradora passa pela contemplação estética do belo, presente nos jardins e nas praças de Palmas. As imagens do Palácio do governo e os girassóis (flor símbolo do Estado) figuram como uma referência simbólica e significativa do lugar que a abrigaria. A relação estabelecida com a flor do girassol, para a narradora, trouxe na lembrança os momentos felizes vividos no campo e que continuam a lhe fazer sonhar e acreditar em um futuro próspero.

Figura 10 – Girassol (símbolo do Estado) e Palácio Araguaia



Fonte: Glauber Batista da Luz

Para Bachelard (2005, p. 18), a “imaginação matiza as lembranças” na mesma intensidade no presente. Acerca da funcionalidade dos espaços, Aurea relembra que, “Quando Siqueira Campos fazia as festas, era tudo ali na Praça. Tinha aqueles aviões, de onde desciam homens de paraquedas, tinha as esquadrilhas da fumaça que faziam aquelas letras bonitas no ar. Tudo era bonito, só que tudo era mato”. Essa declaração mostra as contradições que os migrantes enfrentaram para fixar residência em Palmas. Atualmente, em um grau mais ameno, a convivência com a rusticidade da vegetação ainda é realidade na vida de muitos palmenses. Trata-se de um processo contínuo de adaptação às condições do lugar.

Sob um olhar diferente, o residente Jarbas Pinheiro de Lemos⁶⁰ (2012, [informação verbal]) lembrou a imagem do Palácio Araguaia e dos girassóis, tal como os viu nas propagandas de TV de seu Estado de origem, o Maranhão.

Foi uma visão de muita esperança, de uma terra nova, novos horizontes. Na época a gente passava do lado, não era só uma rotina na praça. Eu tive a oportunidade de

⁶⁰ Jarbas Pinheiro de Lemos, morador de Palmas. Entrevista concedida em 4 de julho de 2012.

quando o ônibus passou por lá, bem do lado, ver os girassóis que *tinha* nas fotos e nas imagens da televisão. Aí eu disse: – olha, eu acho que é aqui.

Temporalidades e visões distintas de uma mesma imagem, mas determinantes na identificação e na fixação no lugar de destino. Assim, a imagem do centro do poder administrativo emerge suavizada em meio aos girassóis, que em diversos momentos marcam sua presença nos jardins e inspiram a contemplação da vida na cidade.

O Palácio Araguaia, localizado estrategicamente no centro da Praça dos Girassóis – na interseção de duas principais avenidas de Palmas –, também pode ser notado simbólica e visualmente de vários pontos da cidade.

Figura 11 – Praça dos Girassóis, Palácio Araguaia e Serra do Lajeado



Fonte: Superinfor⁶¹

Sobre o uso público desse espaço, importa lembrar que, ao longo do tempo, a Praça dos Girassóis tem sido utilizada por instituições públicas ou privadas para a promoção de eventos que oportunizam momentos de lazer e descontração. Comemorações religiosas (shows e celebrações organizados por várias denominações religiosas), culturais (shows artísticos, teatro, feiras, a exemplo da Feira Literária de Palmas, entre outros) e esportivos (caminhadas, corridas, capoeira e outros) fazem parte dos acontecimentos realizados nesse espaço. Todas as manhãs e finais de tarde, quando a temperatura é mais amena, a praça ganha vida e cor ao ser utilizada por pessoas que adotaram o lugar para a prática de atividades físicas individuais ou em grupos.

⁶¹ Disponível em: <<http://superinforpg.blogspot.com.br/2012/04/praca-dos-girassois-em-palmas-to-maior.html>>. Acesso em: dez. 2012.

Para Harvey (2011, p. 208), as imagens do urbano refletem os ideais das “organizações sociais utópicas”, presentes na “escala geográfica da vida” e orientada por uma política urbana “[...] eivada de emoções e paixões políticas profundamente sustentadas, mas com frequências subterrâneas”, em que os sonhos utópicos têm um lugar particular. Além desses devaneios citados pelo autor, Palmas suscitava, e ainda suscita no migrante e/ou nos moradores fixos uma inspiração imaginativa extasiante, que – nas palavras de Bachelard (2005) – é produto do despreendimento do passado e da realidade presente para abrir-se ao futuro (o porvir). Isso ocorre porque a imaginação humana é capaz de “explorar alternativas socioespaciais” (HARVEY, 2011, p. 213).

Em Palmas, o cenário da paisagem e a conjuntura política e econômica em que se projetou o ambiente urbano da cidade estimularam o imaginário migrante a traçar imagens de uma capital próspera tal como as demais, que oferecesse a garantia de um futuro vindouro. Essa imaginação fértil transformou-se em uma “imagem viva” (MAFFESOLI, 1995) para os pioneiros e permitiu unir sonho e realidade.

Damasceno (2012, [informação verbal]) confirma esse potencial imaginativo ao dizer: “Palmas, hoje para mim, é mais ou menos aquilo que eu imaginei [...], uma cidade com tudo aquilo que as outras cidades têm”. Nesse sentido, em face da capacidade sedutora da imaginação, Bachelard (1997, p. 1) distingue duas linhas distintas e complementares atuantes nas forças imaginantes movidas pela alegria:

Umam encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever [...]. As outras forças imaginantes escavam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história. Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a *imaginação formal* e a *imaginação material* (grifo do autor).

As imagens, inicialmente, tomam forma na imaginação do indivíduo para, posteriormente, se materializarem no espaço, dando vida ao ser e sua história. Nesse processo de criação humana, a imaginação material atua ativamente na formação de imagens que ultrapassam a realidade. Isso decorre porque a imagem reflete um evento objetivo e positivo carregado de experiências imaginárias que transformam a realidade do/no ser.

Para Bachelard (1997, p. 3), a imagem é “uma planta que necessita de terra e de céu, de substância e de forma [...]. Muitas imagens esboçadas não devem viver porque são meros jogos formais, porque não estão realmente adaptadas à matéria que devem ornamentar”, ou

seja, elas não produzem uma substância positiva capaz de transformar o mundo. São as imagens do medo, “malditas e perversas” (MAFFESOLI, 1995), que, frequentemente, permeiam o mundo migrante, tornando-se um constante desafio superá-las no cotidiano. Por isso, muitos migrantes não conseguem ludibriá-las e retornam no meio do caminho. Alguns indivíduos se lançam em meio aos turbilhões de imagens individuais que querem ludibriar sua imaginação e buscam, na partilha, fundi-las às imagens do coletivo social para garantir a migração. Dessa forma, tem-se um ideal coletivo fortalecido e fruto de uma religação necessária à vida, um estar junto, “uma empatia que me torna, com o outro, participante de um conjunto amplo, totalmente contaminado por ideias coletivas, emoções comuns e imagens de todos os tipos” (MAFFESOLI, 1995, p. 109-110).

Para Weiner (2009), ao tecer uma *Geografia da felicidade*⁶² entre os lugares que passou e as pessoas que visitou, a lembrança que ficou foi transmitida pelo estudioso do FIB, o butanês Dasho Karma Ura (jun. 2012, [informação verbal]): “Felicidade pessoal é uma coisa que não existe, [...] a felicidade é 100% relacional”. Tal declaração aponta-nos mais um caminho a percorrer em nossa investigação da felicidade nas relações socioespaciais do coletivo palmense.

Nas narrativas, algumas lembranças do período de fundação da cidade emitem nuances dessa felicidade relacional gestadas naquele espaço/tempo que se tornaram duradouras. Diante das adversidades impostas aos migrantes, o contato com o outro permitiu novas e fortes relações sociais que animaram a imaginação para ali permanecer.

Casagrande (2012, [informação verbal]) expressou: “Eu estava tão enfronhado, estávamos todos tão empolgados, tão ativados no construir que não causava esse agastamento”. Para Mary Sônia (2012, [informação verbal]), na atitude das pessoas duas coisas a marcaram: “o *espírito de luta* que foi incorporado por todas as pessoas que estavam aqui. Nós queríamos trabalhar, queríamos ficar, não queríamos mais ir embora para Estado nenhum, não se falava em outro Estado. Essa *solidariedade* era um por todos e todos por um” (grifos nossos). Referindo-se aos moradores do bairro Aureny II, a acolhida foi tão boa que Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]) se sentiu em casa: “A comidinha, o jeito de tratar as pessoas. Muitas pessoas aí são como uma família para mim hoje”. Enaltecendo o mesmo bairro, Jarbas (2012, [informação verbal]) reforçou a sociabilidade existente entre as

⁶² Título do livro jornalista norte-americano, Eric Weiner, que relata as experiências do fenômeno da felicidade. É interessante que, entre o observado, alguns elementos impulsionadores da felicidade giravam em torno das relações sociais: confiança, segurança, identidade, linguagem, cultura própria, amor à pátria e tudo que envolve o convívio cotidiano entre os indivíduos.

famílias: “A gente teve a grata satisfação de morar em uma região onde os vizinhos se falam. A região é de periferia – igual a gente fala –, mas é um pessoal acolhedor”.

Apesar das implicações envoltas no processo migratório, as declarações mostram que o contato com o lugar de destino aflorou um sentimento de satisfação (felicidade), que fortaleceu a vontade de ficar e construir uma nova vida. Para Jarbas e Cláudio Maranhão, a relação de amizade e sociabilidade, construídas na chegada, culminou na manutenção e no sucesso do movimento junino em Palmas. Um espírito de coletividade vivifica as pessoas por meio da doação, da partilha e das trocas culturais entre os indivíduos e o novo espaço. Vivenciar na prática tais sentimentos marcou para sempre a vida social desses sujeitos.

Durante palestra na Conferência FIB em Brasília/DF, Karma Ura deixou um convite aos espectadores: “Vamos criar indivíduos felizes e, conseqüentemente, os problemas serão minimizados, teremos mais imunidade, viveremos mais [...]”. Assim, a intenção do FIB é valorar as relações comunitárias e fortalecer o capital humano da sociedade para, conseqüentemente, gerar uma autotransformação no espaço social.

Algo semelhante sugere Michel Maffesoli, intitulado mundo “imaginal”, ou seja, uma espécie de matriz em que “todos os elementos do dado mundano entram em interação, ecoam em concerto ou correspondem de várias maneiras e em constante reversibilidade” para construir o real contemporâneo (MAFFESOLI, 1995, p. 95). Assim, a migração é mais que um deslocamento geográfico, pois no seu cerne há uma movimentação no universo social que produz, culturalmente, novos espaços geográficos.

O desejo que move a conquista do espaço como lugar seguro se apoia na analogia da casa feita por Bachelard, não apenas como moradia, mas como imagens que desvendam como os espaços vitais são habitados. As imagens surgem das relações entre “todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’” (BACHELARD, 2005, p. 24).

A felicidade – enquanto produto das relações sociais – manifesta-se nas ações do indivíduo em vários pontos do espaço, envolvendo as ações humanas e produzindo uma representação simbólica dos atos que são armazenados no inconsciente, esperando um novo contato para reiniciar o processo. Entre presenças e ausências, a felicidade produz relações socioespaciais que dão sentido à vida, hidratam o cotidiano humano para assumir um caráter geográfico.

2.2 Matizes do capital social palmense

Na sociedade palmense, o desejo de transformação da realidade individual somado à possibilidade de usufruir de uma vida comunitária, igual ou diferente do local de origem, comparece subjetivamente como justificativa para o sucesso da migração e a formação do capital social palmense.

As imagens de satisfação comparecem nas narrativas por meio das experiências de acolhida e solidariedade, do contato com um ambiente de baixa densidade populacional, da tranquilidade para criar os filhos, ter uma casa, ter emprego e qualidade de vida. Enfim, muitos acontecimentos – positivos e negativos – marcaram o cotidiano social dos migrantes da cidade e cada um, em sua magnitude, foi importante na “polinização” daquela que hoje denominamos sociedade palmense.

Duas curiosidades foram lembradas por Mary Sônia durante entrevista. A primeira foi a ausência de animais domésticos (gato e cachorro) e de crianças.

Quando nós chegamos, uma coisa chamou a atenção de todos. Não havia criança, nem gato, nem cachorro. Você não via esse tipo de coisa. As pessoas diziam que aqui tinha três coisas que faltavam: menino, cachorro e gato. Aí começaram a aparecer os gatinhos, cachorro e depois uma criança. A primeira criança que apareceu no alojamento fazia fila *pra* visitar. Eu mesma fui lá apenas pra ver essa criança. A mãe ficava lá, era uma menininha e todo mundo queria ver essa criança. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

O relato revela a percepção imaginativa dos migrantes em relação ao espaço habitado, principalmente, com relação ao que faltava para completá-lo. A imagem de crianças e de animais domésticos, como estereótipo da migração, consagrou-se no imaginário popular como símbolo da vida familiar migrante. Graciliano Ramos, em *Vidas secas*⁶³, descreve por meio das personagens da família de Fabiano e Sinhá Vitória uma imagem que viria a se consagrar como típica da migração. Outro exemplo vem de Cândido Portinari em *Os Retirantes*⁶⁴, que eterniza na arte um imaginário social para a família migrante.

A ausência de crianças e animais soa também como uma lacuna na convivência comunitária (natural e própria entre crianças e animais), que tem origem no convívio da

⁶³ O autor aborda a realidade de uma crise econômica vivida pelo povo brasileiro a partir da década de 1930, principalmente, na região Nordeste e que permanece nos dias atuais: injustiça social, miséria, fome, desigualdade, seca. Uma situação que condicionou a migração como única alternativa à sobrevivência.

⁶⁴ Obra produzida em 1944, em que Portinari, por meio das imagens (pessoas magérrimas), expõe a situação de miséria e fome vivenciada pelos migrantes nordestinos da época.

sociedade tradicional⁶⁵. O aparecimento da primeira criança deixou claro para o grupo a importância de sentir a vida comunitária ressurgir em sua plenitude e simplicidade, ou seja, compartilhar as mesmas sensações vivenciadas no local de origem. Ao mobilizar as pessoas para visitá-la, a presença da criança reforça o sonho de encontrar e viver em um lugar possível, de resgatar a unidade familiar como um pré-requisito para o sucesso da migração.

Daí também vem à reflexão a imigração de trabalho e a imigração de povoamento, pesquisada por Sayad⁶⁶ (2000). Para o sociólogo, tal definição serve apenas como esclarecimento a uma oposição de comodidade classificatória, pois uma das características da imigração de trabalho é ser potencialmente de adultos, de homens em sua maioria. Ao se pensar e defini-la como “uma imigração essencialmente provisória [...] a realidade desmente esta representação que dela se faz; é uma migração puramente instrumental, tolerada como um mal menor, mas jamais desejada; é reputada inassimilável”, pois falta investimento afetivo e simbólico (SAYAD, 2000, p. 24). Para o autor, a migração de trabalho é apenas um passo no processo migratório, no qual o indivíduo investiga as condições que o espaço oferece e decide ficar ou retornar. Já a migração familiar é vista como positiva pela possibilidade de tornar-se permanente e se efetivar é forte, pois promove a formação de descendentes (os filhos da migração) e, conseqüentemente, a fixação no local de destino e o seu povoamento. Nela,

A sociedade de imigração encontraria algum reconforto [...] ao louvar o sinal de confiança e reconhecimento de que certos imigrantes [...] fazem prova, ao nela depositar, o que eles podem ter de mais caro e precioso, suas famílias, suas esposas, e seus filhos de pouca idade e, conseqüentemente, não somente seu presente imediato, aquele da labuta e do salário, mas o seu futuro (SAYAD, 2000, p. 24).

A migração familiar foi a almejada para Palmas. A cidade nascente precisava ser ocupada, construída e povoada concomitantemente. O projeto da cidade ressaltava essa preocupação em seu planejamento estratégico. A proposição foi, ao longo do tempo, absorvida pelos pioneiros/migrantes que aqui permaneceram. Porém vale ressaltar que o processo de imigração familiar passou por um controle estatal⁶⁷. A partir de um período,

⁶⁵ Aquela organizada com base no modo de vida rural: agricultura de subsistência (familiar), cooperação e auxílio mútuo, solidariedade e outros.

⁶⁶ Embora sua análise trate da imigração de argelinos na França, o conteúdo se aplica ao contexto brasileiro em nível nacional e/ou regional.

⁶⁷ Em parceria com o governo do Estado, a prefeitura e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), criou-se a Associação dos Nordestinos do Tocantins (ASNOTO) para apoiar os migrantes que vinham sem orientação ou qualificação profissional. Para o presidente, o Sr. Walter Nordestino (2012, [informação verbal]), a associação cadastrava os migrantes formando um banco de dados a fim de inseri-los no mercado de trabalho e, para aqueles que não tinham condições de permanecer, intermediava ajuda para conseguir as passagens de retorno ao local de origem.

devido ao número expressivo de pessoas para as obras da cidade, o governo decretou que os caminhões que chegavam com migrantes não desembarcassem, principalmente, aqueles que vinham sem qualificação profissional e sem grau de escolaridade, além de muitos filhos (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]). Uma ação contraditória, em face da divulgação massiva veiculada nos meios de comunicação.

Segundo Tuan (1980, p. 199), “Aqui e acolá um governante poderoso pode impor uma regularidade geométrica para exibir seu senso de grandeza; mas que tende a ser absorvida pelos ‘arredores avermelhados’ de vielas emaranhadas e casebres miseráveis”. Os governantes podem controlar parte da situação, porém as experiências construídas no espaço pelos indivíduos é que delimitam o estilo de vida a ser seguido pela sociedade.

Temporalmente, o processo de migração para Palmas ganhou vida própria por meio da instalação de uma atuante rede de comunicação que fortalece a relação entre os migrantes “de cá e de lá”, dificultando o controle estatal. Enfim, a arbitrariedade dos governantes é algo indiscutível e deixa marcas inesquecíveis no imaginário social.

Retomando a discussão de imigração de trabalho e de povoamento, Sayad (2000, p. 25-26) afirma que “hoje não existe imigração considerada de povoamento, e mesmo de colonização que não tenha começado com uma imigração de trabalho”. A afirmativa condiz com a realidade palmense, pois, inicialmente, os migrantes vinham em busca de ascensão social e econômica, que dependia do trabalho. Diante de uma permanente ausência de condições de vida, sem perspectivas de mudança, vem a decisão de emigrar e, a partir daí, o desejo de superar a condição presente, antes de vir a comprometer a sobrevivência familiar.

Assim, a migração que se apresenta inicialmente como movimento de indivíduos isolados e parece provocar fragmentação do grupo doméstico, pode se transformar na migração de famílias ou segmentos de família, pela migração sucessiva dos membros e reconstituição total ou parcial do grupo original. (DURHAN, 1978, p. 134).

Surgem, assim, os elementos que tecem a rede migratória e orientam os sujeitos na transição espacial para fora do seu habitat, na busca de um único objetivo: sobreviver. Aleatoriamente, advém uma mudança radical na estrutura familiar de toda a sociedade. Por trás dessa mobilidade espacial, surge uma cultura (re)significada por novos valores que marcam no espaço/tempo a formação do capital social de uma nova sociedade.

A segunda curiosidade relatada por Mary Sônia diz respeito ao primeiro casamento ocorrido em Palmas, que aconteceu no Cruzeiro⁶⁸, na Praça dos Girassóis. Coincidentemente, na noite do casamento, aconteceu a primeira morte na cidade. O acontecimento foi muito comentado pelos moradores, pois se tratava do dono de um hotel da capital. Ao relembrar detalhes, Mary Sônia (2012, [informação verbal]) contou que uns diziam: “Que choque!”, outros: “não, Palmas é uma cidade mística...”. E, dessa forma, os acontecimentos se propagaram no imaginário da população.

A ausência de vida – a morte – ganhava (re)significação na realização do primeiro casamento, a partir do prenúncio de que uma nova vida brotaria daquele casal, a geração dos palmenses. Segundo a narradora, até então não se falava da identidade palmense, pois todos eram de fora, mas o fato é que,

[...] nasceu uma cidade nova e está mostrando que a vida predomina sobre a morte. Mas a morte não pode ser esquecida, ela é real, ela existe. Só que o casal, representava o início da vida. Aquele casal representava Palmas, o nascer de uma nova geração. Deles sairiam filhos já palmenses. Eu não sei onde anda esse casal (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

Dessa forma, a naturalidade palmense plantada, simbolicamente, com o primeiro casamento em Palmas marcou o início de uma nova geração, os filhos da migração. Entre os entrevistados, selecionamos dois estudantes palmenses, atualmente com dezoito anos, para expressarem o seu sentimento pela cidade.

Moano Rêgo Leite Amorim⁶⁹ lembrou que a satisfação com a cidade surgiu na infância no convívio com uma boa vizinhança, em companhia dos outros, em que todos eram amigos e com os quais gostava de brincar na rua. Devido à ausência de computador na infância, “a gente saía mais, brincava e a cidade era ótima naquela época” (MOANO, 2012, [informação verbal]). Nessa declaração, percebem-se mudanças nas relações sociais mostrando que a experiência de “estar junto” aos amigos e o lazer ficaram restritos. Esse fenômeno tem se tornado comum entre os jovens pelo uso frequente de computadores com acesso à internet e propagação das redes sociais, atualmente, muito frequente nos aparelhos celulares.

Tecendo um comentário geral, estamos diante de uma prática que tende a aumentar a insatisfação entre os indivíduos, visto que a felicidade é 100% relacional. Assim, como

⁶⁸ Monumento tombado pelo Patrimônio Cultural da cidade em 2000. Esculpido em pau-brasil pelo artesão Arnildo Antunes como marco da fundação da cidade (20 de maio de 1989).

⁶⁹ Estudante e morador nascido em Palmas. Entrevista concedida em 1 de julho de 2012.

mantê-la se há uma prática de distanciando entre as pessoas que desestimula o sentido de vida comunitária? Temos um fenômeno espacial que poderá repercutir no aumento das questões sociais no meio urbano: violência, depressão, aumento do uso de drogas, entre outros, que não estão nos objetivos propostos para o momento, mas fica o registro.

Além dos aspectos livres da infância, Paola de Marque de Bortoli⁷⁰ relatou que o diferencial de Palmas está na qualidade de vida que oferece: “Não tem aquela questão de violência igual nas cidades grandes, não tem aquela claustrofobia como em outras localidades”. Para os jovens palmenses (filhos da migração), a definição de qualidade de vida tem relação com as experiências vividas na infância, no contato com a natureza, na segurança de brincar livremente no espaço urbano e na possibilidade de criar fortes laços sociais e familiares.

Para a maioria dos entrevistados, a qualidade das relações, tanto físicas quanto sociais, proporcionada pela cidade, tornou-se uma de suas características marcantes, pois contribuiu para a formação do capital social palmense, determinante na mensuração da felicidade e do bem-estar de uma sociedade. Palmas trouxe essa tradição desde a sua fundação. Um modo de ser e viver que foi construído no espaço pelos moradores/migrantes como imagem de um espaço feliz, com liberdade, amizades, a cultura do verde e das águas, o colorido do por do sol e outros.

Para Grasielle, ao chegar aqui com sua família aos 12 anos, vinda de Betim (MG), a sensação inicial foi um choque: “O é que eu tô fazendo aqui”? Entretanto, nos primeiros dias de contato com o lugar e com o ambiente escolar, tudo se transformou:

Eu fiz uma turma muito grande de amigos que eu tenho até hoje [...]. No final de semana, a gente saía com a família, a gente saía *pro* Cerrado atrás das frutinhas do Cerrado. A gente ia conhecer as cachoeiras do Estado. Toda e qualquer viagem que a minha mãe tinha a serviço, a gente ia junto *pra* explorar. Então *pra* nós isso era o máximo, porque a nossa vida lá era muito urbana. Aqui tinha essa liberdade, que lá não tinha. A segunda impressão foi muito rápida e muito boa (GRASIELLE, 2012, [informação verbal]).

Embora tratasse de um espaço desconhecido, o contexto evidencia a importância de pertencer a um grupo social. Isso se traduz em felicidade, pois somos seres sociais, temos necessidade de “estar junto” e partilhar os mesmos objetivos. A felicidade hidrata a descoberta do espaço do outro, a construção do próprio território atua como elemento

⁷⁰ Estudante e moradora nascida em Palmas. Entrevista concedida em 12 de outubro de 2012.

mobilizador na identificação com a paisagem e na criação de imagens vivas de momentos felizes que se eternizam na memória.

Segundo Tuan (1983), a presença humana em um determinado lugar por si impõe um esquema no espaço, muitas vezes inconsciente, que é valorado e diferenciado pela cultura que rege tal sociedade. A heterogeneidade populacional em Palmas transmutou-se em relações multiculturais a partir do espírito de solidariedade que nasceu durante sua fundação.

Aqui o espírito de solidariedade era muito forte em todos nós. E logo esse conhecimento que foi travado com pessoas de outras regiões, como se a diferença regional deixasse de existir. Naquele momento, ela se transformou aqui em Palmas numa curiosidade sadia. A gente queria saber como eles conversavam, o que eles comiam, o que eles gostavam e eles também estavam interessados aqui, pois eles estavam se integrando, estavam gostando e queriam ficar. E muitos permanecem. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

O depoimento revela uma nostalgia ancestral impregnada nos seres, fruto das relações sociais construídas entre os migrantes no espaço. Vivia-se um momento mágico, que materializava a consagração dos símbolos culturais trazidos das diversas regiões de origem. Similar a um ato ecumênico a “existência relacional” marcava e instituía a força do capital social na formação da sociedade palmense.

Andrews (2011) considera que o capital social, resultante da interação e do compartilhamento comunitário, tem forte atuação na satisfação com a vida, na saúde física e mental dos indivíduos, no desenvolvimento e bem-estar infantil, na qualidade da rede de relacionamento entre vizinhos, nas competências e nos valores de uma cidadania democrática, que refletem diretamente na qualidade da governança.

Complementando a importância do lugar na identificação e na fixação no destino, Sayad (2000, p. 12) afirma que a nostalgia presente no lugar exerce grande poder de transfigurar tudo aquilo “que toca e, com o amor, efeitos de encantamento evidentemente, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo natal, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares, privilegiados da nostalgia [...]”. Para o autor, a nostalgia é um sentimento qualitativo na vida do migrante, pois produz a sensação de vida que o espaço oferece e a paixão que alimenta a permanência ou não no lugar de destino.

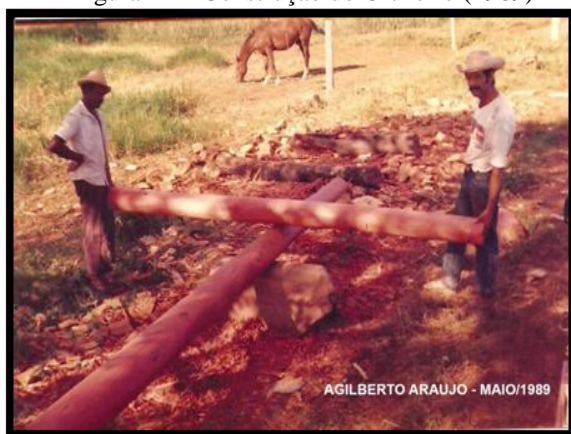
2.2.1 A fixação migrante em Palmas

No relato dos pioneiros, presenciar o nascimento de uma cidade foi algo marcante e inédito para suas vidas, assim como para os tempos modernos, pois jamais pensaram experienciar tal fato. Segundo Mary Sônia (2012, [informação verbal]), “poucas pessoas no Brasil e no mundo tiveram a condição de ver nascer uma capital, nela se estabelecer e poder contar a história do seu nascimento como se formou aquela cidade. [...] É um privilégio para poucas pessoas [...]”.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos migrantes/construtores, o sentimento de protagonizar a história da cidade impregnou a alma dos pioneiros, envolvendo-a em uma lembrança nostálgica, repleta de satisfação e alegria por ver e viver a cidade na realidade. Ao expressar sua satisfação, Jean Araújo Teixeira⁷¹ (2012, [informação verbal]) afirmou que “Era o sonho. Ela possibilitou todos os sonhos serem realizados. Na verdade, isso aqui era um jogo, a construção de vários sonhos junto de um sonho, compondo um sonho só”.

A Figura 12 apresenta os trabalhadores (protagonistas da história da cidade) montando o Cruzeiro para a celebração da primeira missa que marcou a fundação de Palmas.

Figura 12 – Construção do Cruzeiro (1989)



Fonte: arquivo de Agilberto Araújo (1989)

Figura 13 – Monumento ao Cruzeiro de Fundação



Fonte: arquivo da autora (2013)

Para os migrantes que chegaram posteriormente, tais particularidades formuladas no imaginário dos indivíduos assumem novos significados, pois outros valores são agregados à paisagem e tudo se transforma. Entretanto há valores que permanecem no imaginário dos indivíduos como convite para habitá-la: oportunidade para o crescimento pessoal e

⁷¹ Jean Araújo Teixeira é publicitário e morador em Palmas. Entrevista concedida em 17 de junho de 2012.

profissional, a tranquilidade, a segurança, a presença do verde, a beleza da paisagem, a qualidade de vida e outros.

No espaço/tempo, o fervilhar de imagens que atraem os habitantes dando qualidade aos lugares conecta-se ao sentimento construído por cada ser e resulta nos símbolos que identificarão a cidade no futuro. Para Lynch (2007, p. 127) a identidade advém do “nível a que uma pessoa consegue recordar um local como sendo distinto de outros locais – como tendo um caráter próprio vívido, único, ou pelo menos particular”.

Grasielle, residente em Palmas desde 1995 – portanto, há 18 anos –, nos forneceu um exemplo das impressões identitárias que a paisagem plantou em seu imaginário:

Ela me inspirava **muita liberdade**, porque aqui **eu não tinha medo de ir e vir, de tentar algo novo**. Muita liberdade! Como aqui era tudo muito simples, tudo muito fácil, a questão de você **entrar num ambiente**, você **participar de alguma coisa**, era tudo era muito fácil. **Eu me sentia alguém**. Eu era a Grasielle. Não era só mais uma pessoa aqui em Palmas. **As pessoas** que estavam aqui desde o início **não eram apenas uma pessoa**, elas **eram o personagem**. **Todo mundo conhecia todo mundo** e tudo e qualquer coisa que você fazia você se destacava, porque **tinha muita oportunidade**. [...] E a natureza, **muita natureza**. Portanto, **hoje eu não sei viver num local que não me dê esse contato**. Pode ser um lugar que me dá muitas outras coisas, mas se não tiver esse contato com a natureza (GRASIELLE, 2012, [informação verbal], grifos nossos).

Os elementos identificados em sua experiência com o lugar carregam, na forma de símbolos, valores ocultos e significativos que podem ser associados aos indicadores FIB. Ao impregnar o ser migrante, os símbolos materializam-se em imagens que passam a ser socializadas pelos indivíduos em diversos pontos do espaço, conforme o organograma sincretismo teórico-metodológico, proposto para conectar FIB e imaginário socioespacial.

Por exemplo, na palavra “liberdade”, Grasielle define que aqui se pode desenvolver a *cultura* (“**tentar algo novo!**” – a criatividade); a *governança* (“**entrar num ambiente**” – participação); o *bem-estar psicológico* (“**Eu me sentia alguém**” – satisfação com a vida); a *vitalidade comunitária* (“**as pessoas eram o personagem**” – relações sociais); o *uso do tempo* (“**todo mundo conhecia todo mundo**” – lazer e socialização); o *padrão de vida* (“**tinha muita oportunidade**” – necessidades e desejos se realizavam); concepções de *meio ambiente* (“**muita natureza**” – organização do espaço); a *saúde* (“**hoje eu não sei viver num local que não me dê esse contato**” – qualidade de vida). Indiretamente, o indicador *educação* também comparece no **conhecimento que ela adquiriu no/do espaço** (uma forma de conceber o mundo) e se espalha nas relações sociais (de geração em geração) na produção socioespacial.

É uma construção um tanto enigmática que nos bastidores das imagens transmuta-se em uma sensibilidade sutil e revela mil matizes. A expressão “Muita liberdade!” pode ser transmitida como “*Muita felicidade!*” para as pessoas de seu convívio, para os visitantes da cidade e de outros sujeitos que a indagarem sobre a cidade que escolheu para viver. Por isso, defendemos a felicidade como hidratante das relações socioespaciais, pois gera uma rede de sensações positivas acerca de um lugar e transforma-se em uma imagem/símbolo que o define no espaço/tempo. Em se tratando de migração, a felicidade opera como “mito” indutor do sucesso de sua realização.

Segundo Ferrara (2000), a apropriação do lugar se processa por meio de uma atividade que esclarece a dimensão experiencial do imaginário, liberta-o da inefabilidade de contemplação do saber comum, mostrando-o como um objetivo real, concretamente realizado. Na criação do espaço urbano palmense, os símbolos instituídos para o lugar soaram fortes para os migrantes, como imagens de um “espaço feliz” (BACHELARD, 2005). Uma sensibilidade que emergia dos sonhos dos sujeitos impulsionava-lhes a vontade e o desejo para criar no urbano um locus de materialização da felicidade esperada.

Olhando pela perspectiva migratória, cada indivíduo carrega em si uma *imaginação ativista*, ou seja, aquela que “sonha e que ao sonhar, dá um futuro à sua ação” (BACHELARD, 2003, p. 1). São elementos da dialética da migração que, ao mesmo tempo em que predispõe o indivíduo a uma situação de inferioridade perante o novo lugar, lhe desperta o ideal para, destemidamente, enfrentar as circunstâncias impostas à realização de seus objetivos. Por isso, a migração está entre os fenômenos complexos e multidisciplinares⁷² (SAYAD, 2000). O seu desfecho expõe “questões que transcendem o retirante e, no entanto o condicionam” (OLIVEIRA; COSTA; MANDELBAUM, 2008, p. 19). Para compreender os fatos, as autoras sugerem valorizar o aspecto subjetivo do migrante e não perder de vista o seu próprio mundo. Além das reações comuns (impressas na condição do migrante) e das reações diferenciadas (ligadas à conjuntura do lugar), uma das especificidades do mundo migrante é que “nenhuma migração assemelha-se à outra” (SAYAD, 2000, p. 10).

⁷² A definição dada pelo autor explica-se pela lógica que governa o processo histórico da migração. Segundo Sayad (2000, p. 9), “desde seus primórdios até seu estágio atual, tanto pelos determinismos econômicos [...], como também pelas categorias de nosso entendimento político que é, inclusive, entendimento indistintamente social, econômico, cultural, moral, político [...] e mental”.

Figura 14 – Fisionomia migrante na construção do Palacinho



Fonte: arquivo de Agilberto Araújo (1989)

Nesse sentido, tendo como ponto de partida a sensibilidade do indivíduo “palmense”, escolheu-se trabalhar na direção das diferenças em Palmas, a fim de assimilar a satisfação de aqui permanecer e deixar as raízes de um futuro feliz. Mas o que contribuiu para a fixação dos entrevistados na cidade? Por unanimidade, o quesito “oportunidade” de trabalho e qualificação profissional foi determinante entre os entrevistados. Por quê?

[...] o trabalho permanece na memória dos sujeitos uma vez que os habilita ao pertencimento a um lugar, ao lugar de trabalho. [...] o trabalho no lugar de origem como condicionante para a *partida*, e o trabalho no lugar de destino como condicionante para a *chegada*. “Mundos do trabalho” independentes por lugares *distintos*, mas que se cruzam e se interpenetram pelo fazer migrante, pela construção/reconstrução dos lugares. (GOETTERT, 2008, p. 53).

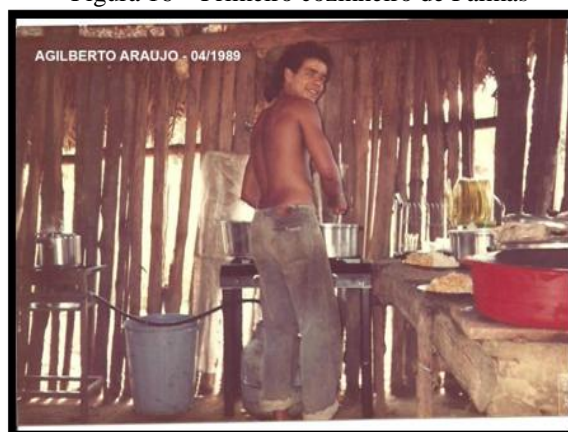
O trabalho foi sempre uma necessidade para a produção dos espaços do homem. Ao tornar-se uma condição obrigatória na produção de lugares na lógica econômica, ficou mais complexo, exigindo dos seres tanto habilidade quanto volume de trabalho para garantir sua sobrevivência e a de seu grupo. Daí a necessidade de migrar para lugares que oferecem melhores oportunidades. As Figuras 15 e 16 retratam o perfil dos trabalhadores/pioneiros e parte das condições de trabalho durante a fundação de Palmas.

Figura 15 – Primeiro restaurante de Palmas



Fonte: arquivo de Agilberto Araújo (1989)

Figura 16 – Primeiro cozinheiro de Palmas



Fonte: arquivo de Agilberto Araújo (1989)

Palmas surgiu com o emblema de terra de oportunidade, onde o Sol nasceria para todos e que o novo Estado era “O Estado da livre iniciativa e da justiça social”. As palavras “liberdade” e “justiça”, algo tão sonhado por nossa geração, poderiam de fato acontecer no coração do Brasil? A informação era veiculada de forma positiva e a expectativa de que havia trabalho aumentava, mesmo que não fosse na ocupação desejada.

Higino Júlia Piti⁷³, o primeiro africano a pisar o solo palmense, contou a sua fixação:

Com a mudança da capital de Miracema para Palmas, nós viemos de Brasília já diretamente *pra* Palmas, no meio do mato. Eu adorei! [...] Não sei se é porque eu sou africano, mas eu gostei do ambiente. [...] era legal, porque você tinha contato com a natureza, gente diferente. Eu gostei da cidade, fui acreditando, as coisas acontecendo e tudo o mais. Eu percebi: não, vou ter que ficar aqui. [...] Mas fiquei porque acreditei na cidade, gostei e estou gostando, embora muito quente, em relação ao meu país (HIGINO, 2012 [informação verbal]).

Na declaração, o fator trabalho e a migração vêm acompanhados das imagens do local de origem – a terra natal – como motivação à condição presente. O trabalho atua como o principal responsável para abrir as portas da ascensão social e efetivar a fixação no lugar de destino. Somado a isso, o convívio com o ambiente (físico e social) estimula os sonhos individuais e coletivos, ou seja, permite a reprodução econômica e cultural no espaço pelos migrantes para, conseqüentemente, adotar a nova terra como um lugar para chamar de seu.

Conforme afirmou Jarbas (2012, [informação verbal]), “a gente foi conseguindo espaço, trabalho, o conhecimento das pessoas, as amizades [...]”. Na declaração, mais uma vez, identifica-se que a relação com o outro, a amizade, as redes que os migrantes tecem entre

⁷³ É professor de economia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e morador de Palmas. Entrevista concedida em 5 de outubro de 2012.

o lugar de origem e o de destino vão determinando o desfecho da migração e a construção de novas redes no lugar de destino que culminarão ou não na fixação.

Como fruto da relação trabalho/espço, os migrantes transformam a si mesmo, o seu entorno e o coletivo social. Percebe-se na cidade migratória que o trabalho também é migratório, pois exige competência e qualificação específica para adequar-se às modificações que a cidade sofre à medida que se desenvolve. Enquanto teatro da existência de todos os moradores, a cidade aprimora-se de forma técnico-científico-informacional. Dessa maneira, tem-se a competitividade no mundo do trabalho aumentada – conforme a intencionalidade do mercado – exigindo como garantia o aprimoramento de novas habilidades profissionais.

Bruna Barcelos⁷⁴ vivenciou, profissionalmente, a experiência com capacitação na área de hotelaria e turismo e percebeu, de um lado, a busca pelo aprimoramento profissional dos indivíduos migrantes e, de outro, as exigências por um perfil profissional qualificado para o setor de serviços. Segundo a turismóloga, os indivíduos iniciavam nos cursos gratuitos (a exemplo dos oferecidos no SENAC) e, após o estágio, ao inserirem-se no mercado de trabalho, sentiam-se valorizados. A partir daí, o trabalhador tinha a autoestima aumentada e motivação para prosseguir nos estudos, fazendo opção pelos cursos técnicos profissionalizantes. Além disso, em paralelo, muitos buscam aprimoramento nos cursos de línguas. Segundo Bruna (2013, [informação verbal]), aqueles que acreditaram em seu potencial estão evoluindo e há pessoas montando o seu próprio negócio.

O relato confirma uma migração com forte conotação de trabalho, estimulada pela melhoria do *padrão de vida* (necessidade e desejo). A garantia de melhores condições de trabalho e de renda tem levado a maioria dos trabalhadores a buscar capacitação profissional, seja em cursos técnicos profissionalizantes ou em cursos universitários. Trata-se do efeito das condicionantes externas atuando na adaptabilidade do sujeito ao espaço e na produção de mudanças socioculturais. Além disso, a percepção das conquistas que o lugar proporciona aumenta a satisfação pessoal e coletiva.

O aperfeiçoamento profissional também é uma condição imposta ao migrante para manter-se no lugar de destino, pois exige uma adaptação à demanda do mercado e a busca de alternativas para que ocorra crescimento pessoal esperado, tal como no relato abaixo.

O Tocantins me fez, me ajudou demais, me foi muito salutar. Então, cada um desses períodos em que eu fiquei sem a segurança do trabalho e do meu sustento foi

⁷⁴ Turismóloga e professora. Trabalhou com capacitação profissional no SENAC e no IFTO (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins). Morou em Palmas de 2015 a fevereiro de 2013. Entrevista concedida em 19 de fevereiro de 2013.

um convite à **superação**. A cada momento eu abri meu campo, abri meu leque para a **realização** em outras áreas e fui abrindo... Na área da **cultura** [...]. Por isso eu me especializei na **literatura**, fui fazer **teatro**, comecei a escrever **dramaturgia** também, **poesia**, e daí foi **cinema**, enfim. As dificuldades foram pra mim possibilidades de **estímulo e desenvolvimento**. [...] **Para os filhos, eu não teria um lugar melhor, mais adequado, para eles crescessem em liberdade** do que aqui. Não tinha nada, nada de banditismo, não tinha aqueles perigos todos: excesso de tráfego, de violência, não tinha nada disso. Os meninos cresceram livres por essas ruas, entrando em tubulação que estavam fazendo. Aquela coisa maravilhosa, *pra* mim isso contou demais. (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal], grifos nossos).

Mais uma vez é possível identificar a conexão do imaginário migrante atuando pelos os indicadores FIB na produção socioespacial no/do lugar: *bem-estar psicológico* (“**O Tocantins me fez**”); *padrão de vida* (“**superação/ realização**”); *cultura* (“**literatura/ teatro/ dramaturgia/ poesia/ cinema**”); *educação* (“**estímulo e desenvolvimento**”); *saúde* (“**para os filhos**”); *governança* (“**nada de banditismo, não tinha aqueles perigos todos**”); entre outros que justificam o rompimento da transitoriedade migratória e ser um cidadão do lugar.

Além da satisfação pelo crescimento profissional que teve que operacionalizar, o que mais lhe trouxe felicidade foi poder criar os filhos em liberdade, com segurança e criatividade. O sentimento de felicidade do narrador advém da qualidade do desenvolvimento psicofísico e sociocultural que o espaço proporcionou aos filhos. É um fato que repercute, de forma positiva, na saúde da família ao reduzir os gastos com enfermidades, sem contar que tais benefícios podem se estender até a fase adulta.

Segundo Lynch (2007, p. 139), “um mundo rico e sensorial, repleto de significados diversos e caracterizado por uma ordem reveladora é um excelente meio de crescimento se a criança estiver livre para o explorar e se puder, de vez em quando afastar-se dele para um local sossegado e protegido”. Pela experiência de Grasielle, Palmas permitiu a ela desenvolver esse mundo rico e sensorial em comparação aos primos que ficaram em Betim (MG):

Hoje a gente olha para os primos, [...] nós estamos muito além deles. Parece que eles pararam no tempo. Eu acho que é essa miscigenação de Palmas, pois [...] a gente está no âmbito profissional e no âmbito pessoal, psíquico, tudo à frente do pessoal de lá, e isso é muito positivo. A questão de saúde, isso fez a diferença, ao viver num ambiente assim. Tanto a saúde mental quanto a saúde física. Eu acho que isso interferiu (GRASIELLE, 2012, [informação verbal]).

A declaração reforça a ligação espaço/felicidade/imaginário atuando no desenvolvimento psicofísico e sociocultural dos indivíduos em Palmas. Tudo faz sentido quando os pesquisadores da Universidade de Michigan declaram que caminhar em ambientes

naturais “melhora em 20% a sua atenção e memória” e que o contato com os espaços verdes também ajudam a pensar claramente e a lidar melhor com o estresse e sugerem: “Tomem vitamina V” (VISÃO FUTURO⁷⁵).

Além disso, as experiências infantis positivas geram símbolos que revelam a satisfação de pertencimento ao lugar, que pode refletir na convivência com as demais gerações. Quando o potencial de uma sociedade é valorado, a tendência é criar valores harmoniosos nos indivíduos, aumentar a autoestima da comunidade, gerar cidadãos comprometidos com o futuro, a qualidade de vida do lugar e, conseqüentemente, do espaço como um todo.

Dessa forma, o contato livre com o verde, em Palmas, fez a diferença na vida de Grasielle, dos filhos de Casagrande, dos palmenses Moano e Paola. Além disso, tem contribuído para a fixação dos moradores, pois ainda é possível usufruir da convivência com os espaços verdes da cidade. Tais experiências vividas pelos narradores figuram como gotas em um oceano de possibilidades para pensar a espacialização da felicidade e do bem-estar na sociedade, bem como validar conhecimento empírico e científico via os indicadores FIB.

2.2.2 Ser ou não ser palmense? Eis a questão!

Entre os entrevistados, dois não se consideram palmenses. A justificativa dos narradores revela uma falta de identidade com os residentes e a cultural local. Entretanto há de se considerar a dualidade presença e ausência atuando na condição humana e o efeito temporário da transitoriedade migratória ligando o indivíduo a dois lugares, sem que se pertença a nenhum deles.

Um *ser em trânsito* que também é um *ser cambiante* entre o lugar onde está e o lugar *deixado*. A *transitoriedade migratória* que apresenta, fundamentalmente, uma “temporiedade” (e não apenas uma temporalidade), pois se inscreve em um tempo determinado. É temporária. É definida por um *espaço temporal*. Esse tempo é variante de migrante para migrante. Pode durar toda a parte da vida no novo lugar vivido. Ou pode durar até o momento exato da chegada no lugar de destino. As *situações e condições* de cada migrante – econômicas, sociais, psicológicas [...] – é que definem esta “temporiedade”. Uma “temporiedade” que se define pela subjetividade, que por sua vez inscreve-se sobre um conjunto de relações tanto com o novo lugar como com o lugar de origem. (GOETTERT, 2008, p. 42, grifos do autor).

⁷⁵ Vídeo *Vitamina V para o stress* produzido pelo Instituto Visão Futuro. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4EMbXAm_WuY>. Acesso em: jul. 2013.

A resistência em se deixar envolver pelo local de destino mostra que a fixação das depoentes em Palmas permanece uma incógnita, pois a cidade ainda não lhes permitiu vislumbrar as condições favoráveis à realização pessoal e profissional. Palmas não as seduziu por completo, a exemplo desta narrativa: “Eu não tenho problema de adaptação. Se eu tiver que sair daqui do Tocantins e ir para outro lugar, eu vou, pois eu tenho que estar empregada em algum lugar. [...] A gente sente falta da raiz da gente. Eu nunca esqueci da minha raiz ainda” (ILDA, 2012, [informação verbal]). Vive-se um trânsito indefinido que impede a consolidação da migração. Como a depoente, muitos sujeitos vivem o drama de duplo pertencimento, até encontrar um ponto geográfico que lhes preencha o sonho de ser feliz.

A constatação do fim da *transitoriedade migratória* define a passagem de um para outro lugar, na medida em que a migrante ou o migrante se definem como *sujeitos* do lugar novo, em detrimento do sentimento de pertencimento ao lugar *deixado*. É o reconhecimento de um *ser* do lugar onde está e, em derivação, do não mais pertencimento do lugar de origem. Aqui, deixa de ser migrante. (GOETTERT, 2008, p. 42, grifos do autor).

O deixar de ser migrante implica a identificação plena com o espaço de destino, o que não significa esquecer as origens. Porém a conquista do novo território o permite mostrar-se enquanto sujeito, capaz de doar a sua cor, o seu brilho na criação do *espaço feliz* (BACHELARD, 2005) no novo lugar. A partir daí, não importa a titulação ou a naturalidade, mas o sentimento topofílico desenvolvido com o espaço que o acolheu e permitiu ser o artista de sua vida e da coletividade.

Na questão “Você se considera palmense?”, a maioria dos cidadãos entrevistados demonstrou o fim do “ser migrante” e declarou sentir-se “tocantinense de coração”.

Sim, eu me considero. Eu adoro essa terra aqui. Uma que não tem como você se desfazer de seu passado. Principalmente, se ele marca. Em 1997, eu me casei, dez anos depois eu tive o meu primeiro filho, uma menina, e depois, um menino. Isso finca você. Se você chama de raízes o que faz com que você fique numa terra, quando você tem os filhos, são mais que raízes. [...] Eu gosto daqui, porque o lugar onde você faz a história é o lugar onde você tem tudo para gostar. Imagine o lugar onde você participa da história diretamente, que você saber explicar cada ponto [...]. (DAMASCENO, 2012, [informação verbal]).

A superação dos desafios da imigração trouxe, para Damasceno, a satisfação de participar da história da cidade, não apenas como protagonista, mas como responsável pela formação dos futuros governantes da cidade: a geração de palmenses. Enquanto nordestino, contribuiu culturalmente com o crescimento da cidade, cultivando as raízes do futuro para

Palmas. A mesma satisfação foi compartilhada por Jean, por sua contribuição individual e o legado que deixará aos filhos palmenses.

Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]) também nos forneceu como exemplo a sua trajetória de trabalho, qualificação profissional, formação da família e de amizades que resumiu na frase: “Eu sempre falo que sou maranhense de nascença, piauiense de criação e palmense de coração”. Como todo migrante nordestino, guarda no coração um cantinho para os amigos que se fizeram presente em seu caminho. Cláudio sente um amor imenso e uma saudade dos bons costumes nordestinos. Para saciar essa emoção, mantém contato com os amigos *on-line* e/ou contribuindo para a manutenção das raízes nordestinas por meio da organização das apresentações e competições das quadrilhas juninas em Palmas.

O sentimento de amor pela cidade compareceu também na fala de Grasielle (2012, [informação verbal]):

Eu criei um amor por Palmas. Eu tenho um orgulho. [...] por tudo que a cidade representa em termos de estrutura. É uma cidade planejada, bonita, muita coisa nova acontecendo aqui. Essa qualidade de vida. Eu tenho orgulho de dizer que eu sou palmense porque a cidade dá orgulho e eu consegui boas coisas aqui.

Ao tratar de uma migração familiar (caso da Grasielle), percebemos que a capacidade de lidar com as condicionantes migratórias, no local de destino, é minimizada. O convívio sociocultural estimula a criação de imagens significativas no destino e agrega a elas novos valores que possibilitam a superação da distância e o apego ao lugar de origem.

Para a geração de jovens adultos – aqueles que tiveram contato com o processo migratório campo/cidade – adaptar-se à multiculturalidade, a desagregação familiar e regional parece algo um tanto indefinido. Mesmo buscando novas imagens, nada sobrepõe o passado, ainda impregnado de sentimentos vividos que ofuscam as emoções do presente.

“Eu amo o Nordeste e adoro Palmas. Palmas é como se fosse uma filha pra mim. Eu adoro Palmas, mas eu não me esqueço do meu Nordeste não” (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]). Como ele, muitos outros nordestinos migraram com o objetivo de melhores condições de vida, mas se veem divididos no tempo e no espaço, na busca de (re)significar suas vidas entre as alternativas que os liguem ao passado e os façam esquecer a nostalgia do presente. Diante das oportunidades que teve aqui, o retorno de Walter para o Nordeste é uma questão indefinida, ou seja, o pensamento não foi dominado pelo coração.

Atualmente, Walter e outros companheiros nordestinos comandam o programa de rádio Nação Nordestina aos sábados, das 14 às 16 horas, em que tudo gira em torno do

Nordeste: músicas, notícias, manifestações culturais e outros. Um espaço para (re)significar as raízes nordestinas em Palmas, reinserir culturalmente a família nordestina e alimentar o sentimento topofílico da terra natal.

Assim como Walter, outros buscam na nova terra outros significados que mantenham as lembranças regionais. Não com um sentimento nostálgico que não se apaga, mas disseminando a alegria que o lugar de origem semeou em seu coração. Ao dirigir um grupo de cultura junina, parece que Jarbas transferiu sua identidade para a nova terra.

Ah, eu sou maranhense de nascimento, mas eu me considero palmense, porque é aqui onde que eu estou ganhando o meu pão. É aqui que bem ou mal eu estou sobrevivendo. [...]. E fazendo parte de uma coisa que se construiu dentro do Estado, que se consolidou em Palmas. Um movimento que a gente fez parte da sua construção e esse movimento hoje é o maior movimento cultural que tem dentro de Palmas e dentro do estado do Tocantins. Eu me sinto palmense de coração, como se tivesse nascido aqui, pois são doze anos, não só sobrevividos, mas participativos em várias áreas dentro da construção de Palmas. Não como político, não como vereador, mas enquanto liderança de bairro, enquanto liderança do nosso movimento cultural. Eu tenho certeza de que eu fiz a minha parte *pra* que nosso movimento chegasse *onde* chegou. (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

Entre os migrantes/moradores, aqueles que conseguiram criar espaços de esperança (pessoal, profissional e cultural) na/para a cidade guardaram um sentimento positivo e cheio de expectativas com relação à cidade. Jarbas está entre os exemplos de superação dos desafios de “ser imigrante” e imaginar uma história para si e para a cidade. Ele chegou com uma expectativa e, no decorrer do processo, traçou um percurso imaginário para a cultura local, o movimento junino.

Higino (2012, [informação verbal]), de forma bem humorada, afirmou sua identidade palmense na reivindicação de um reconhecimento pelos serviços prestados: “Vou ter que reivindicar. Eles nunca deram um título para o primeiro africano que chegou aqui. Um título de cidadão palmense”. Como pioneiro, sua declaração revela que a cidade permitiu-lhe dar melhores condições de vida, imprimir a sua marca e sentir-se realizado. O sentimento topofílico que estabeleceu com o espaço palmense o faz digno de reconhecimento.

Percebemos, com base nas narrativas, que a convivência familiar e social tem, sutilmente, materializado essa identidade com a cidade. Principalmente, entre as famílias constituídas aqui, isso tem florescido em um sentimento de cuidado com o futuro dos descendentes – os filhos palmenses. As experiências vividas em família, com os amigos e o espaço traduzem-se em símbolos que cantam esse amor à terra: “Eu sou palmense de coração”. Por vezes, tal sentimento se manifesta no orgulho de pertencer a uma terra que o

acolheu: “Eu sou palmense porque já me amorenei no corpo e na alma” (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]).

2.3 Condicionantes ao retorno do migrante

Ao tratar-se de um conjunto de situações que mexem, psicologicamente, com o indivíduo, vimos que os fatores que influem na decisão de migrar são diversos e muito particulares, pois o deixam vulnerável a buscar nas forças externas o encontro com os sonhos, supostamente, impossíveis no local de origem. O que mobiliza o migrante é o desejo de livrar-se da pobreza, da fome e da miséria, como também da “fome cultural e sede de reconhecimento no movimento, mas sua motivação fundamental é a necessidade de estabelecer novos padrões de sobrevivência econômica” (HASSE, 2007, p. 77).

Para Durham (1978), na maioria das vezes, o indivíduo se vê cercado por pressões e tensões externas emanadas da sociedade global, que influem em seu comportamento motivando-o a emigrar. A melhoria no nível de vida, na maioria das vezes, é fundamentada em metas de projetos de desenvolvimento econômico e social como condicionante para se alcançar a felicidade, porém nem todos são contemplados.

Mas a definição da situação de existência em termos de nível de vida indica uma situação de mudança e a inclusão em sistemas socioculturais mais amplos que fornecem termos de comparação com a situação presente. A percepção da necessidade de “melhorar de vida” é decorrência de uma quebra do isolamento relativo e inclusão numa economia competitiva. É a criação de novas necessidades que rompe o equilíbrio econômico. (DURHAM, 1978, p. 114).

Em face do processo de produção e consumo, entram em cena as condicionantes externas, difundindo novos valores e necessidades como pré-requisito para que os indivíduos se lancem em uma cultura migratória. Diante das poucas alternativas, o sujeito se vê atraído a mergulhar em um mar de possibilidades que os meios de comunicação difundem como solução para a partida em busca do “pássaro azul”.

Parafraseando a fábula, Palmas carregava o “pássaro azul” do século XX. O projeto arquitetônico revelava-se – em mil matizes – como a “oportunidade” para se encontrar a felicidade. Assim, os meios de comunicação projetaram no espaço/tempo os detalhes de uma ascensão política, econômica, social e ambiental para a região. Era uma visão meio futurista para a época de sua fundação. A atração maior girava em torno das imagens de uma capital

ecológica emoldurada pela serra, banhada por um grande rio, edificada por “girassóis de pedra”⁷⁶ e iluminada pelo Sol.

Aos poucos foram chegando os caçadores de felicidade (Figura 17), em busca da cidade imaginária. Entretanto a “fada” se esqueceu de comunicar que, inicialmente, a procura do pássaro azul se daria no passado, nas entranhas da terra mãe. Assim, quando chegaram ao local da nova capital, todos estavam contentes, mas, ao mesmo tempo, assustados com a paisagem que teriam de desbravar e foi uma avalanche de dúvidas e incertezas.

Figura 17 – Família migrante na fundação de Palmas



Fonte: arquivo de Agilberto Araújo (1989)

Não sabiam se estavam em um “deserto de gente” (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]) ou se era uma cidade do Velho Oeste americano (DAMASCENO, 2012, [informação verbal]) em construção. Alguns correram em busca de um lugar para se abrigar. Outros se encheram de esperança sonhando em reunir a família, ter uma casa, conseguir um emprego melhor (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]). Enfim, cada um resgatava na imaginação um pedacinho do passado que trouxesse boas lembranças e dizia: “Eu vou

⁷⁶ Título original da tese de Silva (2008): *Girassóis de pedra: imagens e metáforas de uma cidade em busca do tempo*. Ao ser publicada em livro (2010), assumiu o título: *Palmas, a última capital projetada do século XX*.

participar de novo dessa história” (JEAN, 2012, [informação verbal]) como se fosse um encontro com as origens.

Entretanto aqueles que imaginaram que o pássaro azul lhes tiraria o sofrimento e lhes daria em fartura um oceano de riqueza não resistiram e retornaram da metade do caminho. Seja pelas intempéries climáticas ou pela rusticidade do Cerrado, pela ausência da convivência familiar ou pela insegurança da aventura, não conseguiram vislumbrar o futuro imaginário em que, supostamente, estaria o pássaro azul e partiram. Partiram com o coração dilacerado, frustrado, abortado da razão de viver e despedaçado em meio a um horizonte sem fim.

A princípio, o retorno às origens soa como resgate do seio familiar, do carinho para lhe afagar a saudade, o cheiro da terra, dos sabores e amores que lá deixou. O retorno é próprio da condição do migrante, pois “o passado, que é o ‘ter estado’, não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não permite” (SAYAD, 2000, p. 11). Dessa forma, para que ocorra o retorno, é necessário haver uma emigração (ter estado) e uma imigração (estar-no-presente) que não se efetivou. Para o sujeito, a continuidade permanente da dualidade presença/ausência impede a superação da transitoriedade migratória.

A decisão de retornar advém da análise das perdas e dos ganhos propiciados pelo local de destino, em que se está em jogo a relação presença/ausência conjugada com os sentimentos que conectam o migrante ao local de origem. Entre as implicações do retorno, sua decisão passa pela garantia de liberdade que o deslocamento espacial proporciona. Porém, para Silva (2005), trata-se de uma “pseudoliberalidade”, pois, ao tratar-se de um sistema excludente, o sucesso ou o fracasso da migração passa a ser unicamente de responsabilidade do migrante.

No processo de exclusão, o indivíduo passa a viver um mito paradoxal: tem-se uma lei que regula o direito de acesso aos bens disponíveis na sociedade, mas, concomitantemente, não garante a todos que suas necessidades sejam atendidas. A situação gera um enorme desgaste psicológico, um sentimento de abandono, que condiciona o sujeito a emigrar/imigrar/retornar sem qualquer garantia da felicidade esperada. A cada opção a seguir no espaço, abre-se um novo ciclo temporal cheio de lacunas que a ausência não superou. Por isso, o retorno encontra-se na “ordem do fantasma que ronda as consciências” (SAYAD, 2000, p. 12).

O retorno nada mais é que uma relação com o tempo, por meio da representação de um tempo passado e da projeção de um tempo futuro que é dependente do presente. Qualquer

que seja o motivo do retorno, no imaginário “o retorno é para o próprio migrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva [...]” (SAYAD, 2000, p. 12), na qual o indivíduo terá de enfrentar desafios intrínsecos ao fenômeno migratório, só que em um processo inverso, marcado por sentimentos de ordem psicológica definidos entre presença e ausência.

Bruna Barcelos viveu essa tripla experiência. Conheceu Palmas ainda jovem (1994), durante visita aos tios. Gostou tanto da cidade que suas imagens não lhe saíram da cabeça. Passou o período universitário idealizando morar em Palmas e trabalhar com o turismo. Em 2005, já casada, emigrou de Uberlândia (MG) para realizar tal sonho, enfrentando todas as condicionantes de ser migrante: o impacto climático, cultural, psicológico, entre outros. “O impacto foi grande, porque primeiro convivi com meus tios e, no trabalho, *veio* as diferenças: o jeito de falar, o comportamento, tudo era estranho, mas depois fui me adaptando. Como era algo que eu queria muito, estava muito feliz por realizar este sonho” (BRUNA, 2012, [informação verbal]).

A situação de estranhamento vivida pela depoente faz parte do sentimento de desamparo experimentado na mudança de espaço, até que se tenha domínio sobre o território. Segundo Silva (2005, p. 219), “o migrante, enquanto ator social representa uma potencialidade, não sendo apenas alguém deslocado de um corpo social, mas alguém contido em mudanças” e, para os fixos do lugar, também pode “ser visto como ‘aquele’ que vem para disputar o espaço com quem lá está”.

Os impactos sentidos pelo ser migrante advêm das “rupturas afetivas, sociais e culturais”, que o envolvem, “mesmo que ele faça questão das rupturas, partindo em ilusão, na busca de um mundo novo que lhe pareça promissor, acolhedor ou mesmo desafiador” (CARIGNATO, 2005, p. 11). Esse contato cultural entre os sujeitos não é de todo destrutiva, pois gera intercâmbios e transformações. Para Caragnato (2005, p. 11), “a característica da cultura é a sua plasticidade e flexibilidade”. Entre as vivências e as experiências, os homens e as mulheres “constroem uma *tradição* e com ela promovem relações no tempo e nos lugares” (GOETTERT, 2008. p. 51, grifo do autor).

Superado o momento de chegada, a localização espacial na cidade (vias públicas e suas rotatórias, quadras e não bairros, endereços sem nome de ruas), a cidade se mostrou agradável para Bruna: trânsito tranquilo, qualidade de vida, lazer, trabalho na área desejada, novas amizades. Porém, como tudo no espaço está em constante metamorfose, o lugar se transforma, as relações sociais mudam, o ser também se renova rumo a novos paradigmas.

Bruna, ao se defrontar com uma separação matrimonial, adentra a um novo processo na “transitoriedade migratória”. Para Carignato (2005), psicanaliticamente falando, isso se traduz em uma elaboração das perdas ou do “fazer o luto”.

Esse processo é muito dolorido, mesmo para os migrantes que decidem pela fixação no novo lugar, reconhecem e até insistem no rompimento com o passado. Puro engano. Se o passado é esquecido em nome do “novo mundo”, se é renegado sem a elaboração do luto, por mais maravilhosa que seja a vida na nova sociedade, as experiências traumáticas de separação e das perdas podem reaparecer quando o sujeito se depara com os impasses psíquicos ou de outra natureza [...]. Reaparecem por meio de manifestações psíquicas (ideias e imagens) que lhes parecem sem sentido, às quais procuram dar significados nem sempre condizentes. Ou o sujeito é tomado pela tristeza e depressão que parecem bem justificadas pelos impasses que vivencia, as quais, porém, têm origens e significações diversas. (CARIGNATO, 2005, p. 11).

Trata-se de uma reflexão um pouco paradoxal, mas significativa para a compreensão do processo migratório. Na migração, embora existam implicações psicológicas, Bruna aprendeu a lidar com o passado de forma “harmônica”. Ausentar-se do seio familiar para se unir ao cônjuge é facilmente aceitável no local de origem como uma ausência normal, afinal, todos torcem pela continuidade de sua geração. Entretanto, diante das mudanças no percurso temporal, o passado volta à cena e faz surgir a necessidade de compensação das ausências e dos momentos perdidos. “A gente começa a colocar na balança se compensa ficar longe da sua família. Eu fui analisando e resolvi optar por voltar, por questão familiar mesmo: saudade, não querer ficar longe e perder tudo que se perde quando esta longe da família” (BRUNA, 2012, [informação verbal]). Dessa forma, o passado, já imobilizado no tempo e no espaço, volta a entrar em cena no presente para (re)significar o futuro: o retorno.

O domingo é decisivo. Por mais que a gente tenha tio aqui, que eu tenha amigos, cada um tem a sua vida. Aí chega o domingo: onde é que você vai almoçar? Eu vou para o shopping ou vou para um restaurante, todo mundo que você vê almoçando é família. E acaba que você fica muito sozinho. Esse fator de isolamento contribui muito para a decisão. Eu estou aqui e estou perdendo o almoço em família. Pode ser meio infantil isso, mas eu acho que futuramente isso vai pesar muito. (BRUNA, 2012, [informação verbal]).

Antes, o estranhamento de ser imigrante em Palmas; depois, ao ver-se sozinha na cidade, a solidão aflora o isolamento de suas raízes e a fragilidade das relações longe dos familiares, dos amores e dos sabores que a casa natal lhe proporcionou viver. O desejo de restabelecer tais benefícios lhe traz segurança para voltar a sonhar com uma nova vida, com o retorno em busca da felicidade.

Presenciei um fato parecido em 2001, com uma colega de quarto que vivia em uma república feminina em Palmas. Sônia era professora de artes e lecionava no colégio Marista. Havia emigrado com o cônjuge de Curitiba (PR) para Gurupi (TO) e, depois, para Palmas. Na época, separada do cônjuge, os filhos haviam retornado a Curitiba para estudar. Não tinha apreço por Palmas, pelo calor, pela falta de atividades culturais, e o modo de vida local que, somado à ausência dos filhos e dos demais membros da família culminaram na decisão de retornar à terra natal no final de 2001.

Segundo Bachelard (2005), quando se reporta à casa natal, as imagens permitem resgatar a topografia da intimidade do ser. A casa lhe permite os devaneios e o protege para sonhar em paz. Na verdade, “a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões e ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 2005, p. 36). Nesse “fazer o luto”, Sônia e Bruna resgataram a força de voltar a sonhar, a proteção da casa (lar/ lugar/ paisagem/ território onde nasceram).

Sobretudo, Bruna deixou-nos uma informação importante sobre o modo de habitar a cidade, que difere da imagem vivenciada em sua fundação. A cidade não proporciona o encontro entre as pessoas ou a atual conjuntura sociocultural tem alargado o distanciamento e a fragilidade das relações humanas?

É impressionante. Isso é um fator determinante. Eu não consigo nem entender. Por exemplo, o que me deixa mais pensativa e reflexiva é quando você pega um voo saindo de Brasília para Palmas. O voo está lotado e ali você não conhece sequer duas pessoas dentro do voo. Aí você pensa: Onde essas pessoas estão? Onde elas se encontram? O que fazem? Porque não tem explicação. (BRUNA, 2012, [informação verbal]).

De fato, a cidade cresceu e o avanço dos meios de comunicação tem influenciado na aquisição de outros hábitos que determinam novas relações culturais com o lugar e perda da vitalidade comunitária⁷⁷, ficando restrita apenas a amigos e parentes (quando dá). A observação de Bruna é pertinente e fortalece o relato dos pioneiros de que a convivência comunitária entre os migrantes traduzia-se em um forte espírito de solidariedade e, no processo de expansão da cidade, aos poucos vai se diluindo.

Trabalhar o resgate da vitalidade comunitária está entre os indicadores FIB, como valorização do capital social de um povo. Dele advêm novos valores que se conectam com os demais indicadores, tais como a cultura; o bem-estar psicológico (o estar junto); a qualidade

⁷⁷ Em 2001, aos domingos, a Praça Bosque dos Pioneiros era o ponto de encontro dos palmenses, local onde acontece uma feira de artesanato, comidas típicas e shows para animar os presentes. Na época, não havia muitas opções na cidade e a feira era um atrativo para o lazer e fazer amizades.

da saúde; o uso do tempo para a socialização; a educação (formas de conceber o mundo). Enfim, desenvolve-se o potencial do ser humano: a imaginação.

Para Bruna (2012, [informação verbal]), a falta interação entre as pessoas na cidade lhe chamou a atenção desde o início da migração: “o que vejo é as pessoas que se relacionam entre si e cada um entra *pra* dentro da sua casa, chama para fazer um churrasco e ali fica. Não sai desse mundo, da sua roda, do social. Mesmo quando você vai a uma festa ou um restaurante, é tudo limitado àqueles que você conhece”.

A observação nos faz pensar na importância dos espaços públicos para convivência social. Palmas cresceu, mas o número de opções de lazer e cultura continua praticamente o mesmo. O indivíduo encontra-se diante de uma situação que o impele de apropriar-se dos lugares, o que gera insatisfação na população em geral e atrito na construção da identidade palmense.

Apesar de tudo, Bruna declarou gostar de Palmas, pois, no período que aqui residiu, realizou-se profissionalmente, ou seja, vivenciou uma migração, exclusivamente, de trabalho. Como sempre, a felicidade também falou mais alto na decisão de retornar, pois para ela a felicidade é feita de pequenos momentos que devem ser aproveitados como se fossem os últimos. “É isso que eu vivo hoje e por isso que eu tomei a decisão de retornar. Lá quando eu estou com a minha família, eu sinto que lá realmente é felicidade e eu quero aproveitar os meus momentos com eles e sei que eu iria retornar mais cedo ou mais tarde” (BRUNA, 2012, [informação verbal]).

Recordando as lembranças da casa, Bachelard (2003, p. 75) afirma que “o mundo real apaga-se de uma só vez, quando se vai viver na casa da lembrança”. Isso significa para os retornados não mais se perderem entre presenças e ausências impostas pela migração, mas (re)hidrataram-se da felicidade que os deixa em paz consigo, com o outro, a terra e a casa natal⁷⁸.

Conclui-se que o retorno, componente do ato de migrar, supera o trânsito de um lugar a outro, pois ocorre em uma transição temporal vivida no novo espaço (MARTINS, 1986). Palmas, ao trazer consigo toda a parcialidade do momento, propõe realizar essa transição temporal (tradicional/moderno) em seu espaço físico e nas relações socioculturais. Impossível deixar de considerar, na questão do retorno, outra faceta da emigração/imigração: o retorno dos filhos da terra. Com a criação do estado do Tocantins e da capital Palmas, os nascidos na

⁷⁸ Aquela que carrega “o diagrama das funções de habitar” (BACHELARD, 2005, p. 34). Um resgate do eu interior presente nos compartimentos da casa natal.

região vislumbraram a oportunidade de recomeçar uma vida livre na terra natal, resgatar as sensações nostálgicas que os perseguiram em outro território.

2.3.1 O retorno às raízes tocantinenses

A localização da cidade entre o rio Tocantins e a serra do Lajeado, o contato com a paisagem do Cerrado e toda a riqueza da fauna e da flora reanimaram o desejo de conquista da liberdade – típica da migração – perdida nos grandes centros pelos migrantes do antigo norte goiano. Para Mary Sônia, a construção de Palmas possibilitou o retorno dos filhos da terra (os tocantinenses) que viviam em cidades, como Goiânia e Brasília, para as margens do rio Tocantins, onde “a maioria absoluta nasceu”. Esse retorno simbolizava a união e a reinserção às origens.

O rio Tocantins (atual Lago) se modificou de maneira que se tornou fisicamente irreconhecível hoje, mas ele está aí. Ele passa lá no seu leito, permanece e é uma coisa que nos une: a questão do Tocantins. Até porque ele é **cantado em muitas músicas**, em muitos **poemas**, e isso permanece na nossa imaginação para sempre. Retornar à sua terra natal um dia, banhada por um grande rio. **O azul do Tocantins é o mesmo azul do céu.** Essa questão do **verde**. Essa região aqui, as pessoas que aqui nasceram todas saíram para o sul, mas saíram de cidades pequenas, e Palmas no início era uma cidade pequena. **Talvez tenha sido por isso que nós tenhamos ficado aqui tão à vontade.** Porque aqui representava o início nosso, em nossa cidade. Era a mesma coisa. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal], grifos nossos).

O retorno ao território de origem possibilitou reviver a nostalgia de um sonho real, perceber o colorido da paisagem de outrora, ouvir os sons das aves e sentir o cheiro do ambiente impregnado em seu próprio eu. Uma experiência dos cinco sentidos que adentra o corpo e preenche a alma, dando vida e cor à relação identitária construída no espaço. Desprovidas de objetividade, essas sensações resgatam o sentimento de pertencimento ao lugar que produz muita felicidade no ser.

Na narrativa, alguns dos indicadores FIB comparecem como hidratantes dessa felicidade espacial: o *meio ambiente* (“**o azul do Tocantins é o mesmo azul do céu [...] o verde**”: organização espacial); a *cultura* (“**cantado em muitas músicas [...] poemas**”: criatividade); o *bem-estar psicológico* e a *vitalidade comunitária* (“**Talvez tenha sido por isso que nós tenhamos ficado aqui tão à vontade**”: satisfação). As imagens trazidas por Mary Sônia também transmitem informações de como os filhos da terra visualizavam e se relacionam com o espaço palmense.

Para Lynch (2007, p. 277), esses valores espaciais surgem da relação das pessoas com os objetos, das pessoas umas com as outras, e esse “cenário espacial não estabelece somente limites; ele é a fonte de satisfações”. Tem-se um processo que decorre da adequação entre os homens e os locais e provoca modificação em ambos. Nesse sentido, as pessoas aprendem como responder aos locais, descobrindo meios de dotá-los de valores humanos na busca de uma satisfação que não se restringe à “cidade natal”, mas faz pensar numa “região natal” (LYNCH, 2007, p. 278).

Durante a criação de Palmas, para dar significado ao lugar, estabeleceu-se uma ligação regional/local a ser apropriada no processo migratório, trazendo implícito, nos jargões do desenvolvimento e do progresso, o objetivo de que toda a região seria alvo de satisfação. Entra em cena, sob o álibi de implantar novos modelos culturais, o resgate do sentimento de amor à terra pelos nascidos na região, pois é sabido que no íntimo do ser jazem os sonhos construídos com o espaço que não podem ser desconstruídos aleatoriamente.

Embora tenha consciência das modificações sofridas pelo rio (“se tornou fisicamente irreconhecível hoje”), Mary Sônia mantém em seu imaginário as imagens vivas, construídas desde a infância na terra natal para afirmar que são elas “que nos unem” à região de Palmas.

[...] a terra natal é menos uma extensão que uma matéria; [...] É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura [...]. Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água Anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes. (BACHELARD, 1997, p. 9).

A terra natal é a materialização da vida humana, pois nos elementos terra e água encontram-se as imagens poéticas vividas em sonhos que formam a estrutura do ser por toda a vida. Em outra passagem, Bachelard (2005, p. 35) afirma que, “é no plano do devaneio, e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente preservamos a poesia do passado”. Portanto, o que permeia a relação de retorno ao território dos filhos da terra são os sentimentos construídos na infância, os quais são semelhantes aos devaneios do autor. O poder banhar nas águas límpidas do Tocantins, apreciar o “breve instante do pôr do sol avermelhado, uma hora azul, outra rosa... todas as cores se misturam no céu. É muito bonito”, relatou Mary Sônia (2012, [informação verbal]).

Prosseguindo a nostalgia poética, a depoente traz a imagem “inesquecível” gravada para sempre em sua memória; aquela marcada pelo alvorecer do Sol e o ocaso da Lua no dia

do lançamento da pedra fundamental de Palmas: “O Sol no momento de seu nascimento era brilhante, muito diferente. Eu acho que nós é que pensávamos que era diferente. Então era um mundo novo, *pra* nós representou um novo mundo, [...] nem sei o que era [...], essa imagem muita gente tem até hoje” (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]). A expectativa que envolvia o novo lugar reavivaram sensações nostálgicas que estabeleciam uma ligação afetiva com os elementos naturais e espaciais a fim de identificar o ser no tempo do devir.

Figura 18 – Pôr do sol na atual Avenida Palmas Brasil



Fonte: arquivo de Mary Sônia (1990)

Segundo Lynch (2007), a formação de um aglomerado populacional precisa de um sentido claro para ser apreendido e identificado. Esse sentido surge da interação dos indivíduos com o local no tempo e no espaço, por meio de elementos espaciais e da ligação de conceitos e valores não espaciais (LYNCH, 2007). Os filhos da terra traziam essas representações materiais e imateriais do tempo/espaço nos símbolos que, naquele momento, identificavam a regionalidade tocantinense. As imagens que embalaram a nostalgia do retorno dos filhos da terra carregavam em si a identidade local para dar sentido ao nascimento de Palmas e impulsionar a migração.

Diante da liberdade espacial que o deslocamento migratório provoca, Sayad (2000) ressalta que a qualidade das sensações e das emoções que envolvem o ser migrante ultrapassa a homogeneidade matemática.

Ainda que isto se passe sem muitas dificuldades ou se confronte com obstáculos maiores ou menores, mudar de espaço [...] é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um “espaço nostálgico”, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade. O espaço não é, portanto, esse espaço

abstrato, contínuo e homogêneo dos matemáticos, esse conjunto de lugares indiferentes e intercambiáveis entre os quais se pode ir e vir em espírito, e com toda a liberdade, como postula a geometria. Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto. (SAYAD, 2000, p. 12).

Há uma subjetividade no espaço que é construída pelos seres que nele habitam ou deslocam e, nostalgicamente, determinado pela intensidade do “significado expressivo ou simbólico” (LYNCH, 2007, p. 137) vivido pelos indivíduos que o utilizam. Identificados tais valores, obtêm-se novas formas de ver o mundo e de se relacionar com os lugares. A reflexão refere-se à oportunidade de crescimento pessoal que a migração promove. Na mesma intensidade que “pessoas e lugares são deixados para traz” (MENEZES, 2007, p. 109), novas relações podem ser constituídas, bem como novos aprendizados. Há uma formação contínua de novas identidades e, conseqüentemente, de novas sociedades em gestação.

Para Mary Sônia, a maior atração do retorno à região natal era a possibilidade de voltar às raízes, a exemplo do “linguajar parecido”.

Nós nos identificamos com o outro através de uma linguagem própria. Poder voltar às origens com uma linguagem própria. Desenvolver de novo aquela linguagem que ela estava um pouco, às vezes até distorcida, para nós. Para os outros, estava tudo normal. Mas nós não nos sentíamos tão bem numa rodada tão diversa da nossa, em outro Estado, outro lugar. E aqui nós ficávamos à vontade e ficamos à vontade até hoje (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

Embora se refira a uma situação de migração internacional, Menezes (2007, p. 109), afirma que “a língua, uma forma comum a todos, é abandonada em troca de um viver afundado em outra realidade simbólica”. Entretanto a experiência de Mary Sônia descreve uma situação muito particular das migrações internas, comum em países (como o Brasil) em que, devido à sua extensão territorial, existem variações regionais. A particularidade da migração experimentada pela entrevistada é específica e curiosa, pois se refere a uma migração regional dentro do próprio Estado (na época Goiás). O fato nos chama a atenção para as divisões territoriais, muitas vezes, feitas de forma aleatória, desconsiderando as características ambientais e socioculturais de uma região. No caso da entrevistada, tratava-se da região do Bico do Papagaio que, geograficamente, possui características da região amazônica (vegetação, hidrografia, ocupação socioeconômica e cultural).

O depoimento também revela o poder da “imaginação material” (BACHELAR, 1997) na construção das imagens do retorno à terra natal, na maioria das vezes reformulada por anos, até o indivíduo poder desfrutá-la como realidade. O sentimento de amor à terra

contagiou o imaginário social dos demais indivíduos envolvidos na migração, atuou como idealizador da esperança, da solidariedade, da expectativa de construir um espaço feliz na nova terra, pois era um sonho real e inspirador de um espaço vivo, concreto, qualitativa e emocionalmente apaixonante.

Embora embalados pela nostalgia do retorno institucionalizado com a criação de Palmas, para os nascidos na região, também veio à tona o “apagamento cultural” (SILVA, 2010, p. 20) da identidade goiana em prol de uma identidade tocantinense. Esse sentimento também foi expresso pela pioneira como contradição entre o orgulho e a nostalgia:

Eu tenho isso, eu tenho orgulho, mas às vezes eu tenho essa nostalgia. Talvez seja um pouco de saudade do início, do rompimento nosso também com a nossa raiz goiana. É possível que não passe pela nossa cabeça como uma coisa real. Mas lá no fundo, lá no fundo, basta olhar a nova carteira de identidade. A minha carteira de identidade que era de Goiás, eu perdi. Hoje eu tirei outra que está escrito Tocantins, mas eu nasci em Goiás. Eu nasci no estado de Goiás. Isso provoca uma certa nostalgia. É como se eu quisesse o passado no impossível do presente. É como se eu quisesse unir os dois, mas a impossibilidade é total. Não há como voltar. A não ser ir *pra* frente. Ir *pra* frente significa não olhar *pra* trás. Todos nós do extremo norte de Goiás fechamos a porta do passado e começamos a olhar para um futuro novo. Porém o passado nunca vai deixar de existir na nossa cabeça, nem no nosso sentimento. Não há como retirá-lo. As nossas lembranças estão em Goiás. As lembranças de infância estão no estado de Goiás (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

A melancolia do apagamento da identidade goiana invadiu a alma de muitos “tocantinenses” à espera de uma explicação convincente. No caso da entrevistada, é duplo, pois a rua que morava em Tocantinópolis (sua cidade natal) – a rua Renascença – já não existe mais. Como ela, muitos outros goianos/tocantinenses convivem com essa separação de forma indefinida, pois como apagar na memória as experiências vividas em um espaço que de repente parece não existir mais?

Com base em matérias veiculadas no jornal *O Estado de São Paulo*, período inicial da procriação do estado do Tocantins, Rodrigues (2012), em *O tocantinense não é goiano*, atém-se aos fatores materiais que justificam e (re)significam a identidade “tocantinense” para a legitimação do novo Estado. Para o geógrafo, do ponto de vista cultural e subjetivo, criaram-se nos sujeitos sentimentos e representações de pertencimento regional para o “ser tocantinense”, por meio da exploração das diferenças e das exclusões entre tocantinenses e goianos.

[...] o reconhecimento daquilo que *é* e significa *ser* tocantinense representa-se pelo princípio da negação, ou seja, pelo aquilo que ele *não é*. Neste caso, o tocantinense *não é* goiano. Essa identificação pelo reconhecimento daquilo que *não é* ou *não lhe*

representa permite reconhecer que a identidade tocantinense existe a partir de algo exterior a ela, do negado, mas que é necessário para que ela possa existir. Assim, o ser *tocantinense* é ser um *não goiano*. (RODRIGUES, 2012, p. 482, grifos do autor).

A identidade tocantinense foi uma criação que partiu dos “sujeitos sociais, detentores do poder e interessados na emancipação da região”, portanto, fruto das relações de poder e sem qualquer influência na dimensão cultural (RODRIGUES, 2012, p. 481), a qual se manteve fiel às características goianas, reforçando a existência de uma contradição identitária mal resolvida.

O contexto de apagamento cultural permite refletir que as sensações de identidade construída em um determinado espaço/tempo tornam-se arquetípicos e acompanham o indivíduo ao longo da vida. Tais arquétipos, em vários momentos, podem interferir na relação do indivíduo com um novo espaço, um território e/ou uma paisagem. Durante visita aos países inseridos no *ranking* da felicidade⁷⁹, o jornalista Eric Weiner (2009) inseriu a Moldávia – país menos feliz do mundo – em seu roteiro de viagem e constatou que o motivo da infelicidade dos moldávios derivava da perda da identidade, acompanhada da generalizada falta de confiança que os envolve no cotidiano.

O exemplo mostra a importância de estabelecer um sentimento topofílico com o espaço habitado, pois, embora se trate de uma formação simbólica, ele se cristaliza no cotidiano, promovendo uma (re)significação das ausências que o tempo não assimilou. Na dualidade presença/ausência, a relação com o espaço vivido delimita novas formas de resistências, as quais dão sentido e direção à organização espacial. Portanto, revendo os acontecimentos da migração em Palmas, percebe-se que a preocupação de reforçar a identidade tocantinense para “os de fora” (os migrantes) teve um efeito positivo. A fundação da nova capital do Estado, ao criar no imaginário da população a ideia de rompimento com o “velho” (até então constituído), para instauração do “novo” (carregado de uma referência moderna) para todo o Estado, consolidou a capital como “cidade modelo” para as demais cidades do Estado e da região Norte. Uma conquista efetivada com a participação da população migrante que, destemidamente, imprimiu no espaço/tempo da cidade imaginária um legado sociocultural para seus descendentes.

⁷⁹ Eric Weiner, baseado no banco de dados do sociólogo holandês Ruut Veenhoven, o denominado *World Data base of Happiness*, selecionou dez países distintos para sentir na prática como viviam as pessoas felizes e as infelizes.

CAPÍTULO III – MIGRAÇÃO E FELICIDADE EM PALMAS: UMA MARCHETARIA CULTURAL?

As pessoas em busca da felicidade, superadas as contradições do passado no presente, vivem as experiências que colheram durante o percurso imaginário à procura do “pássaro azul” (símbolo da felicidade). A migração para Palmas parece que aconteceu ontem. Mas tudo mudou e as expectativas também. Somos habitantes de uma cidade que cresceu e se expandiu. Atualmente, o fluxo de pessoas, veículos e mercadorias lhe dá um toque de vivacidade e de complexidade para explorá-la rumo a um futuro que continua indefinido.

Embora existam muitos lugares criados, é possível visualizar espaços carregados de esperança para serem ocupados pelos migrantes que chegam à busca das oportunidades imaginárias a eles prometidas. Navegando pela paisagem de Palmas, ainda reina no imaginário do ser a sensação de que um mundo de oportunidades desabrocha pelos quatro cantos da cidade. Diferentemente de quando os elementos naturais dominavam as opções de uma vida livre no espaço, no presente, a globalização ampliou os horizontes da cidade compartilhando uma diversidade de elementos artificiais como referencial moderno de uma vida em liberdade.

Seduzidos por essa cultura global que massifica a felicidade no ser, os habitantes não mais precisam desbravar a paisagem. Pelo contrário, o desbravamento hoje se faz nas asas da imaginação individual em face das incertezas do futuro. A busca existencial (do indivíduo e da cidade), antes partilhada como um sonho solidário de uma sociedade heterogênea, parece apartar-se do coletivo social impondo-lhe uma forma de vida homogênea, competitiva e globalizada, que cria uma existência solitária.

Aqui a sociedade é uma entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais, elos que se impõem aos seus membros, indicando – tal como acontece numa peça de teatro ou num cerimonial – tudo aquilo que é estritamente necessário e tudo o que é dispensável ou superficial para que se possa criar e sustentar o evento que se deseja construir. (DA MATTA, 1997, p. 7).

O autor fala da sociedade brasileira como um todo, mas para nós é como se estivesse fazendo uma analogia à criação de Palmas. O jogo de imagens que alimentou o imaginário migrante passava a ideia de uma cultura abstrata, desconectada do repertório social daqueles indivíduos. A cidade nascia à margem das imagens que prometiam uma vida social e cultural, simplesmente, transplantadas de vivências e padrões culturais de um passado histórico

(colonial, rural e coronelista) que, apesar de ter valor apenas no polo de origem, ressurgia como novo para o estado do Tocantins e, conseqüentemente, para Palmas.

A partir de um levantamento histórico das manifestações culturais do Estado (festas religiosas, danças, músicas, cultura indígena), ressuscitaram-se elementos “culturais” (re)significados nas imagens midiáticas difundidas nos diversos meios de comunicação. O conteúdo era despejado como um repertório normativo de valorização e desenvolvimento cultural para o novo Estado e supunha-se que a ideia valeria para a nova capital. Nós migrantes, leigos em relação ao repertório ideológico do Estado, recebíamos aquelas imagens como uma coisa fabulosa e de que aqui tinha um governo diferente que primava pela tradição cultural da população.

Mas que população era essa se a cidade passou a existir a partir de 1989? Seria possível considerar os moradores do distrito do Canela formado por migrantes nordestinos? Provavelmente, eram os únicos que mantinham uma ligação afetiva com o espaço da capital, pois haviam criado os símbolos para celebrar a vida e o bem-estar por meio de festas religiosas (famosa Festa do Divino) e eventos esportivos (MENESES; SILVA, 2006). Porém o saber desse grupo esteve em evidência, virtualmente, porque de lá partia a balsa que fazia a travessia para o outro lado do rio Tocantins, em direção à antiga praia da Graciosa, transformada temporariamente, em atrativo de lazer para os moradores da cidade. Após o enchimento do Lago da UHE Lajeado, esses moradores foram desapropriados e reassentados em outra área, sendo a maioria, na quadra 508 Norte em Palmas. A partir daí, a sua referência para a cidade ficou relegada aos arquivos documentais na Casa Suçupara⁸⁰ e à memória dos moradores que ainda guardam histórias vividas junto à comunidade.

Como criar valores culturais em uma cidade que não tinha referência? Os novos migrantes atuavam como desbravadores e construtores das edificações que a qualificassem como cidade. Mas que significado tinha a cidade para eles? Ao contrário, cada migrante trazia consigo os valores culturais com raízes do local de origem que estavam sendo confrontados com um espaço desconhecido, abstrato e criado, sem uma imagem concreta que servisse de ligação com a área.

Entretanto estava-se diante de uma cidade que nasceu no auge da expansão técnico-informacional, e essa foi a estratégia adotada para criar um imaginário para a cidade.

⁸⁰ Sede da antiga fazenda Triângulo, localizada no Parque Cesamar, foi utilizada como sede administrativa do primeiro governo de Palmas.

Utilizaram de programas de televisão (TV Palmas⁸¹), jornais, revistas (Ex.: Almanaque cultural do Tocantins que circulou até 2002), *folders*, cartilhas (Ex.: Construindo e preservando Palmas, 2000 e Patrimônio cultural, 2007), para divulgá-la político, cultural e ideologicamente.

A esse fervilhar de ideias e ideais denominamos “pluralismo cultural”, ou seja, uma forma de favorecer a expansão espacial e a coexistência de diversas culturas disputando um mesmo espaço. Para Silva (2010), trata-se de um advento cultural moldado entre imaginário do poder e imaginário popular, um processo lento e imperceptível aos olhos dos sujeitos, mas que por vezes manifesta-se de forma conflituosa ou mesmo complementar no interior de um espaço.

Nessa complexidade de valores socioculturais, pode-se dizer que Palmas coleciona uma variedade de adornos coloridos ao longo dessa tessitura cultural/simbólica. As relações sociais entre os migrantes – enquanto produto da diversidade regional brasileira – condensam imagens que, ao serem moldadas pela imaginação material, deram vida ao novo espaço e aos lugares na cidade. A essa articulação híbrida que ocorre sobre os espaços migratórios, a exemplo de Palmas, damos o nome de “marchetaria cultural”.

Definir cultura em si não está entre os propósitos deste trabalho, pois cairíamos em uma polissemia indefinida de conceitos que impediria a apresentação dos fenômenos do fazer geográfico que a migração proporcionou a Palmas. Buscamos, nos múltiplos sentidos de cultura, refletir sobre os dois grandes eixos propostos por Berdoulay (2012): cultura como reunião dos traços que compõem a sociedade palmense e cultura como um fenômeno individual, ou seja, como desenvolvimento pessoal do indivíduo no contexto migratório.

O autor interpreta a cultura vinculada a uma ação ideológica que permite a passagem do individual ao coletivo e vice-versa. Partindo do princípio de que a felicidade é 100% relacional, como foram tecidas as múltiplas trocas culturais entre os migrantes palmenses? O contato com o outro contribuiu para a troca de informações e valores saudáveis? Como esses valores têm sido absorvidos pelo coletivo social?

Diante de um espaço vazio, marcado por uma ausência temporal, a cultura palmense foi instituída a partir da ação/ligação tecida pelos indivíduos no cotidiano da fundação da cidade. O período de fundação/consolidação, embora diante da condição imposta aos migrantes, os fatos e os relatos evidenciam que foi propício ao convívio com as diferenças do

⁸¹ Primeira emissora televisiva da capital. Entrou no ar em agosto de 1990, afiliada à Rede Bandeirantes de televisão com retransmissão para Araguaína, Gurupi e Miracema do Norte. Atualmente, denominada Rede Sat, desde 2011, a emissora está afiliada à rede TV Brasil.

ambiente, da política, da economia e da ideologia que os indivíduos carregavam de suas culturas. Como já comentado, o referencial ideológico que imperou sobre o coletivo era construir as condições de existência da cidade. Esse ideal foi absorvido e adequado aos interesses particulares de cada um. “Todo mundo querendo ganhar alguma coisa e nem desconfia que estejam trazendo alguma coisa” (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]). Na fusão dos interesses particulares, criou-se um amálgama de solidariedade com as diferenças que serviu de ponte para a realização coletiva e vice-versa. O objetivo era construir a “casa” enquanto lugar de todos (a cidade) e a individual (da existência e a residencial) para ser feliz.

Berdoulay (2012, p. 120) expõe que a cultura está relacionada

[...] ao esforço que o indivíduo faz sobre si mesmo para melhor compreender o mundo e interagir com ele, para se enriquecer pessoalmente e para agir com sabedoria. A cultura é uma questão de sentido, de trabalho sobre si, de tensão entre si e o mundo, enfim, de afirmação do sujeito. [...] Todavia, esse indivíduo se constitui sujeito a partir do momento em que toma suas distâncias *vis-à-vis* dos modelos de comportamento assim propostos. Intuitivamente [...] e também em razão dos diversos contextos de ação ligados ao seu espaço vivido, o sujeito se encontra confrontado com situações nas quais ele deve se posicionar pessoalmente. Sobretudo no mundo moderno [...] em que as tradições estão enfraquecidas e não servem mais para legitimar os comportamentos, o sujeito deve se redefinir em razão de situações novas.

Assim, a cultura resulta da interação do indivíduo sobre o espaço para compreendê-lo e moldá-lo de acordo com suas necessidades e desejos de realização pessoal. O indivíduo é o “personagem”, atua como (co)autor da vida nos lugares de sua existência e, periodicamente, vai estabelecendo os símbolos que caracterizam e identificam a sociedade ou o grupo, em particular, no qual está inserido.

E o que vem a ser marchetaria? Segundo o dicionário Aurélio, marchetaria é uma técnica que consiste na arte de incrustar, embutir e recortar peças formando desenhos que podem ser adornados com manchas coloridas para realçar. Assim, por marchetaria cultural entendemos a bagagem que cada ser migrante reuniu do lugar de origem para (re)significar a vida no lugar de destino. São os toques de sabedoria individual que compõem a diversidade de culturas regionais que, reunidas em um mesmo espaço, fermentam as imagens que identificam a vida coletiva na cidade.

As imagens, sendo reflexo do como habitar a cidade e explorar seu espaço, reúnem, em uma tessitura constante de adornos, os traços simbólicos que moldam homem/natureza. Dessa forma, tem-se um espaço significativo que preenche com satisfação a imaginação do

ser e, independente da sua consciência, grafa uma cultura para a cidade, que no futuro convergirá em uma imaginabilidade a ser compartilhada não só pelos habitantes, mas por todos os viajantes que por ela passarem.

A forma de um aglomerado populacional é sempre determinada e valorizada, mas a sua complexidade e a sua inércia obscurecem frequentemente essas ligações. Deve-se descobrir – por dedução, se não houver melhores fontes – por que razão as pessoas criaram as formas que criaram e como se sentiram em relação a elas. Deve-se penetrar na experiência real dos lugares através dos respectivos habitantes, no decurso de suas vidas diárias. (LYNCH, 2007, p. 41).

Essa perspectiva vem ao encontro do objetivo de abstrair a felicidade no imaginário social dos palmenses a partir da fixação dos indivíduos na cidade para compreendê-la como hidratante das experiências socioespaciais. Talvez, pelo curto espaço/temporal de sua existência, não seja possível explicar todas as nuances da participação dos migrantes como agentes ideologizadores de uma “cultura” para Palmas. Outro fator a se considerar é a dinâmica da cidade, pois, a cada geração, a cidade assume formas diferenciadas que estabelecem pontos de partida para adequar-se às novas necessidades e desejos do presente. Baseado no convívio entre os migrantes que transformaram modos de vida em forma de habitar o urbano, propõe-se reunir as peças simbólicas na montagem dessa marchetaria cultural em Palmas.

Sabe-se que, desde o período colonial, o território tocantinense constituiu-se, historicamente, de uma população de base migrante, que veio em busca de melhores condições de vida, a exemplo dos nordestinos que povoaram a região da futura capital, Taquaruçu e Vila Canela. Trata-se de uma população regional, em sua maioria, constituída de múltiplas territorialidades adaptadas ao espaço tocantinense e com raízes culturais híbridas. Portanto, a criação do estado do Tocantins e da sua capital teve a função de acelerar um processo já existente.

Os dados populacionais da migração, apresentados no primeiro capítulo, confirmam que os habitantes de Palmas são, em sua maioria, vindos do interior do Estado (goianos/tocantinenses e/ou de outras regiões que já residiam no Tocantins), seguido por nordestinos. Nesse processo, temos uma população migrante oriunda de regiões interioranas para promover uma urbanização em uma área rural. Desse contexto, nasce uma cidade constituída por modos de vida mixados entre o rural e o urbano, principalmente, nos primeiros quinze anos, quando foi construída boa parte das edificações e da estrutura física essencial (residências, prédios comerciais e públicos). Há, nesse período de fundação e consolidação da

cidade, um processo de adaptação ao espaço urbano e a constituição da sociedade palmense, ou seja, um período de identificação com a cidade para fixar residência.

Ao avaliar o contexto de formação do espaço urbano palmense, é possível extrair do cotidiano migrante um efeito positivo marcado por um “retorno” às origens ancestrais (para os territorializados nas grandes cidades) e a redescoberta de valores e habilidades adormecidas. Citamos como exemplo o contato permanente com o verde e a contemplação da natureza que, comprovados cientificamente, estimulam a tranquilidade, a harmonia e a autoestima no ser a fim de desfrutar uma vida de qualidade, tão sonhada e desejada por todos. Além disso, o período da fundação da cidade também marcava o despontar, em nível mundial, do resgate de valores culturais na relação homem/natureza. Alternativas (positivas) que traziam implícito colocar o homem em contato com a sua essência – perdida no tempo – durante a urbanização das cidades. Embora em condições incipientes, Palmas nasceu proporcionando essa experiência a seus habitantes. Acreditamos que tais valores perduram, porém de forma diferente, pois a cidade expandiu e assumiu outros valores socioculturais.

Mary Sônia, ao nomear o rio Tocantins como maior atrativo da região para os filhos da terra, resgata, em um primeiro momento, os elementos que identificavam o lugar para seus habitantes. Segundo ela, o rio cuida desse intercâmbio cultural “pela própria poética do rio, pela própria condição que ele nos oferece”; depois, lembrou-se do clima e do Cerrado como parte dessa atração regional, definindo-os como “volta às raízes” (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]). Realmente, o rio, o clima e o Cerrado representavam a acolhida da mãe terra: purificação, calor e abrigo, respectivamente.

Algumas frases narradas fazem alusão a esse acolhimento. “Palmas tem aquele calorão forte, mas não queima. Parecia com a minha região (Cerrado X Caatinga). Eu via o pessoal comendo pequi e lembrava *do* pessoal da minha região chupando umbu e eu dizia: Nossa! Tem a ver com o meu Nordeste aqui, não tem?” (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]). São símbolos que o migrante estabeleceu para identificar o novo lugar e encorajar-se. Em uma analogia à raiz, enquanto sustentáculo do ser, Bachelard (2003) diz que ela traduz sempre uma descoberta, porque é mais sonhada do que vista. Assim, o sonho consciente de amor à terra natal veio à tona nas imagens de Walter para lhe assegurar viver as mesmas emoções de suas raízes.

Para Jean (2012, [informação verbal]), arraigado em sua cultura nordestina, “O sentimento era de que eu tinha chegado numa terra minha”. Isso ocorre porque todo espaço habitado traz a noção da casa (BACHELARD, 2005). A sensação de Jean foi bem similar à

minha. Embora percebesse as diferenças culturais entre os filhos da terra⁸², eu sentia que estava em um espaço conhecido e queria desbravá-lo. Uma alternativa para argumentar com familiares e amigos de que estava em um lugar seguro e promissor. Não entendia o motivo, mas hoje posso afirmar que Palmas proporcionou o retorno às raízes da terra mãe, ceifadas pela vida agitada da cidade grande. Tudo passou a ter som (canto das aves, o vento de agosto), cores (o céu, os frutos, as flores, as aves...) e sabores. O primeiro sabor da terra veio do fruto roubado do cajueiro de um desconhecido. Era um caju especial, pois trazia a lembrança do cajueiro (da roça do meu avô) que mamãe lamentava nunca ter dado fruto. Eu saboreei aquele caju como se saciasse o desejo frustrado de minha mãe, só para argumentar que aqui tinha caju e cada um mais gostoso que o outro. Realmente, a vida tem sentido a partir das sensações de uma nova experiência, tal como nas sensações da infância de Grasielle, gravadas na imagem de quando saía com a família para colher as frutinhas do Cerrado e saboreá-las.

Tais imagens habitam as raízes de nossa alma, conectam-nos com a vida enquanto natureza humana e cosmológica. Por isso a raiz é uma árvore misteriosa, “é a árvore subterrânea, a árvore invertida” em que a terra mais sombria “é também um espelho, um estranho espelho opaco que duplica toda a realidade aérea como uma imagem subterrânea” (BACHELARD, 2003, p. 225). As imagens subterrâneas carregam os fios que, na sutileza dos gestos e nas informações das trocas cotidianas, tecem as possibilidades de viver a plenitude da vida. Além da necessidade de melhoria das condições de vida, a migração, ao mesmo tempo em que oculta, faz aflorar as raízes subterrâneas no ser.

Na busca do diferente, o ser pode encontrar o que lhe faz diferente para ser feliz: um novo trabalho, uma casa, liberdade, segurança, convívio social e troca de valores. Enfim, tudo aquilo que o conecta a um grupo ou uma sociedade para justificar no futuro sua existência e a dos seus descendentes. E mais, em um cenário festivo, regido pelas forças da natureza e orquestrado pelo som das aves cantantes do Cerrado que, diariamente, alegram do alvorecer ao entardecer a cidade imaginária. Nessa realidade simbólica, os habitantes vão encontrando as diversas expressões de festa que os inserem na multiculturalidade da vida que conduz à felicidade.

⁸² Pessoas nascidas em terras tocantinenses. Na migração para Palmas, fui acolhida por uma família de Recursolândia (TO) que havia acabado de migrar para Palmas. Morava em Taquaralto (região sul de Palmas).

3.1 O habitar a cidade e o existir na cidade

Habitar um espaço/lugar desconhecido tem sido uma condição imposta à evolução humana (desde as cavernas), para existir ou fazer existir alguma coisa: o alimento, o trabalho, uma casa, um bairro, uma cidade e outros. O ser migrante sempre se depara com situações que o fazem mergulhar na intimidade do espaço/lugar para decifrá-lo na diversidade, testando sua capacidade de atender as suas necessidades (TUAN, 1983).

A partir do contato inicial, das sensações irradiadas pelo lugar, o migrante se enche de esperança na elaboração de seus projetos futuros. Inicialmente, busca um lar (uma casa) que o abrigue, mesmo que seja, provisoriamente, para sustentar tais projetos. Não importa a forma ou a cor, se é de parentes ou amigos, pode ser um casebre ou um barraco de lona, esse lar será o lugar para a construção da sua intimidade com o espaço. Nele, entra-se em contato com o outro – presente ou ausente – que lhe inspire criar as imagens que transcendam o tempo e o façam sonhar na nova realidade. Na casa, elaboram-se momentos de lazer em companhia de amigos e parentes, celebra-se a vida em sua plenitude e imagina-se um futuro se desmanchando em festa, pois o novo sempre traz sonhos mirabolantes carregados de prazer. Apoiar-se no passado e nas sensações significativas construídas no local de origem talvez seja a única alternativa que o migrante dispõe para imaginar o futuro entre os de “cá”.

Para Tuan (1983, p. 160), o lar é “um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores”, ou seja, nele revivemos as melhores sensações que dão sentido à existência humana. Zanini (2004) afirma que, a partir da casa, o mundo exterior se expande e reivindica outras imagens. Segundo Bachelard (2005), na casa, encontram-se os princípios de integração psicológica que permitem uma toponálise, o mapeamento da vida íntima do ser.

[...] veremos a imaginação construir ‘paredes’ com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. (BACHELARD, 2005, p. 25).

A casa transporta o habitante no tempo e no espaço, conta histórias carregadas de desejos, faz lembrar amores e sabores, pensar na vida e na morte de um tempo que não voltará a existir. Entre os momentos vividos e revividos, edifica-se um novo sentido para a existência do ser migrante, resgata-lhe o palpitar do coração, desatando os nós que impelem a alma de viver instantes eternos como um presente edificante.

A casa tem “voz” e “alma”. Expressa um tempo, uma cultura. Reflete a dinâmica econômica, as desigualdades sociais. Diz muito sobre a política, em sua acepção mais ampla. É território e lugar, espaço de afagos ou de dissensos. [...] Através da casa comunicamos aos outros nossa identidade; buscamos segurança e privacidade; gozamos de momentos íntimos; deixamos o “mundo” em suspenso; demarcamos nosso “pedaço”; exibimos nossas prioridades, gostos e desejos. Em seu interior, exercemos o direito à liberdade ou, ao contrário, aprisionamo-nos no mundo que construímos. Nela estabelecemos vínculos familiares, recuperamos a energia para mais um dia de trabalho ou enveredamos por uma labuta incansável. (MAIA, 2012, p. 340)

A casa apresenta-se como *locus* de contradição humana, diante da dialética da vida. Entretanto, na topoanálise proposta por Bachelard, na casa, restauram-se os conflitos vivenciados pelo ser que a habita e faz emergir pela imaginação uma realidade que desabrocha do pensamento e dos sonhos mais íntimos. Por isso é impossível avaliar a forma de uma casa pela sua estrutura, de forma objetiva, sem olhar para o indivíduo e buscar, nos elementos que a compõe, a subjetividade e a dinâmica da vida no ser. Cada casa difere não só pela forma, pela cor e pelo conteúdo da organização de seus cômodos, mas também pelas histórias vividas e sonhadas pelo indivíduo que, independentemente, grafa um imaginário social para um bairro e/ou uma cidade.

Seria impossível retratar todas as formas de habitar e de se fazer existir em Palmas, mas buscamos alguns *flashes* que revelam a importância da casa na sustentabilidade emocional e social do indivíduo para existir no espaço/tempo de uma sociedade. Dos barracos de lona de sua fundação às casas simples dos bairros “periféricos”, das mansões aos edifícios que começam a inundar a cidade, cada lar carrega a evolução cultural e intelectual de uma existência no coletivo social.

A evolução de todas as casas também revela a sobrevivência de valores culturais, impostos ou não pela sociedade moderna. Muitos valores não entram nas estatísticas econômicas do governo da cidade, mas são significativos na manutenção da cultura societária. Refiro-me aos valores alternativos apontados nos indicadores FIB como métrica na avaliação e na promoção de uma cultura da felicidade. Na casa, começa-se o *bem-estar psicológico*; constrói-se a *vitalidade comunitária* com o lugar (bairro e a cidade); define-se o *uso do tempo* para o lazer e a sociabilidade; é a referência de cuidado com o *meio ambiente*; a partir dela se pensa a participação da *governança* tanto da economia doméstica quanto da cidade; sonha-se em melhorar o *padrão de vida* emoldurando-a com sons e cores da vida moderna; nela se veem as manifestações do local de origem que o conectam à *cultura* da cidade, dando-se

continuidade à uma educação de qualidade para as gerações futuras, bem como à manutenção da saúde da família e da comunidade com as receitas caseiras herdadas do lugar de origem.

Uma cultura holística começa no lar e não se inscreve em livros, mas no cotidiano de uma vida em busca da felicidade, da partilha com o outro nos mais diversos pontos geográficos do planeta. Sobre essa cultura que carregamos conosco, o geneticista David Lykken (apud ANDREWS, 2011, p. 62) propôs o que seria a fórmula da felicidade “ $F = G + C + AV$ ”, ou seja, “(Felicidade = Genes + Condições externas + Atividades Volitivas)”. Ele confirma que 50% da nossa felicidade é herança familiar, o restante é atribuído às condições externas (também responsabilidade dos governantes) e as atividades volitivas⁸³ (aquilo que posso fazer para me tornar mais feliz). Entretanto a ciência epigenética⁸⁴ já afirma que esse percentual hereditário pode reduzir-se de 50% até 1%, mediante as condições do ambiente em que se vive. Para os cientistas, o modo de vida no ambiente influencia a genética humana, alterando a transcrição e o processamento das informações do DNA nas células, e isso é transmitido para as demais gerações (ANDREWS, 2012).

Tais informações científicas são preciosas, pois fornecem dados que subsidiam as ciências humanas na formulação de um pensamento holístico acerca da sociedade contemporânea. Reforçam também o pressuposto de que as análises do ambiente, seja urbano ou rural, não sejam exclusivamente objetivas, mas agregadas com elementos subjetivos que qualificam os seres que o habitam e se fazem existir no espaço. Na sequência, seguem algumas observações dos modos de habitar a cidade de Palmas conforme as narrativas.

Dona Áurea (aposentada) vive, desde que chegou a Palmas, um conflito imaginário para habitar a cidade. Quando migrou, viveu de favores em lotes de conhecidos, montando e desmontando barraco para se fixar na cidade. Depois, ingressou em um movimento de moradia e conseguiu um lote no Jardim Morada do Sol onde, a duras penas, construiu sua casa. Porém, por motivos familiares, precisou vendê-lo e hoje ocupa um barraco de alvenaria em uma área verde no Jardim Aurenny II, enquanto espera ser removida para uma casa popular. Entretanto, diante do sonho de habitar dignamente a cidade, ela encontra sempre alternativas para alimentar a esperança de ser feliz em “seu cantinho”. Dona Áurea mantém na entrada de seu barraco várias plantas que cultiva em vasos e cria animais domésticos (vínculo

⁸³ São atividades intencionais que permitem ao indivíduo entrar em contato com o seu íntimo e desenvolver habilidades que lhe aumentem a autoestima e baixem o estresse: caminhadas ao ar livre, cultivo da gratidão com todas as coisas e pessoas, atividades voluntárias, meditação, músicas, dança e outros.

⁸⁴ Estuda as transformações no funcionamento dos genes que, embora não representem alterações do DNA, podem ser transmitidas transgeracionalmente. Essas transformações decorrem das condições da experiência vital das células ou dos organismos, ou seja, do ‘ambiente’ em que estão inseridos (DUARTE, 2012).

com o passado rural). Além disso, cuida dos netos (sua maior alegria) enquanto a filha trabalha e, nas horas vagas, seu lazer é fazer flores artesanais e assistir à TV. Mesmo diante do pouco que tem e das dificuldades enfrentadas, ela se diz mais feliz do que no lugar de origem.

O exemplo revela que as muitas formas de viver a cidade estão mergulhadas em um mar de solidão, de abandono e de desvinculação espacial, como alternativa para manter presente a liberdade do ambiente campestre. Diante de sua trajetória migratória, Dona Áurea carrega nas raízes da solidão a felicidade adormecida na terra (casa) natal, nas vivências de uma infância perdida pela lida do dia a dia e é essa nostalgia que a mantém viva, que sustentou e sustenta sua coragem diante da vida. Ao cuidar dos descendentes, quer ser essa “ponte viva” dos valores culturais entre a vida rural e a vida urbana (MELLO, 1990).

Em Bachelard (2005), esses espaços de solidão são concebidos como produto das paixões do mundo vivido que não se apagaram em nós.

E todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indelévels em nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Mas, no próprio devaneio diurno, a lembrança das solidões estreitas, simples, comprimidas, são para nós experiências reconfortantes, de um espaço que não deseja estender-se, mas gostaria de ser possuído mais uma vez. (BACHELARD, 2005, p. 29).

Trilhando uma trajetória solitária, Ilda migrou sem a companhia de familiares e amigos e aqui foi construindo o seu próprio espaço e mudando de casa em casa em busca de um espaço feliz. Segundo ela, nos onze anos que reside em Palmas, já mudou treze vezes e já está cansada.

Na minha casa. Não é bem a minha casa, mas o lugar onde eu moro porque eu sou migrante. Como a gente não tem uma residência fixa, hoje eu estou lá, amanhã eu vou mudar. [...] eu chego *na* minha casa aconchegante, durmo, acordo, vejo minha TV, leio o meu livro. Eu não preciso de uma mansão, eu gosto de estar bem e eu tenho essa paz. Não tem ninguém me incomodando o tempo inteiro. [...] Eu tenho a satisfação de estar bem. (ILDA, 2012, [informação verbal]).

Enquanto não se tem residência fixa, o indivíduo sobrevive no limite de suas condições física, emocional e financeira, pois a especulação do mercado imobiliário que dita o valor dos aluguéis não é comprazente dos valores culturais de uma casa. Se o indivíduo quiser manter suas necessidades compatíveis com o seu padrão econômico, mudar de residência torna-se rotina. Entretanto nada desfaz o valor universal da casa no imaginário humano, figurando sempre a sensação de proteção, abrigo seguro, onde ainda se podem estabelecer os

limites para aqueles que são bem vindos (ou não), para os problemas do mundo externo e/ou guardar os segredos da intimidade.

O mercado imobiliário palmense se alastrou na ocupação dos espaços vazios na mesma velocidade em que muitos moradores tiveram oportunidade de conquistar a casa própria e manter a tradição cultural brasileira de usufruir de um direito, fazendo dele um sonho realizado. Para Mary Sônia, um ideal de conquista formulado na fundação da cidade passou a permear os sonhos da população como algo natural e cultural em todos os sentidos.

Aquí você pode adquirir algo novo melhor do que o que você já tinha, do que você conseguiu conquistar até chegar aqui. [...] Eu tenho visto muitas pessoas dizerem assim: Ah, eu mesmo e nem fulano de tal e nem sicrano, quantos anos levaríamos para conseguir uma casa, que é básico pra todo ser humano? Todo ser humano precisa e busca isso. É um sonho a ser realizado. [...] Em Palmas, tem-se essa impressão de que aqui você conquista uma casa e um emprego com mais rapidez do que em outro lugar. Os outros lugares estão saturados e Palmas não está. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

É realmente indiscutível a importância da casa para a evolução individual e coletiva. A informação de Mary Sônia fornece apenas um detalhe criado e absorvido pelo imaginário migrante, para confirmar o potencial da imaginação humana, como apreendeu Bachelard. Certamente, a imaginação foi positiva para a fixação dos habitantes, elevando a esperança de conquista da casa própria.

O diferencial de facilidade na conquista dos ideais, criado para a cidade de Palmas, também carrega o estigma da propriedade da terra, do poder, da autoafirmação no território, como uma necessidade diante da sociedade, principalmente do grupo mais abastado.

Aí quando eu consegui o primeiro carro, depois consegui a primeira casa. Eu entrava no Palácio como se eu tivesse entrando na minha casa. Eu entrava na Assembleia, nas melhores famílias, nas piores famílias. Eu achei assim: Nossa! O que eu tenho hoje de ser bem quisto, nada de riqueza, o meu patrimônio hoje é muito pouco, mas eu sou muito contente com o que eu arrumei aqui em Palmas. (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]).

Trata-se de sentimentos apreendidos por cada indivíduo, conforme sua necessidade. De acordo com os cientistas da epigenética, o ambiente influencia nossas células, as quais passam a registrar as sensações captadas no espaço e as lançam em todo o corpo como informações verdadeiras. Bachelard (2005) também defende que o espaço convida à ação, anteriormente criada, ceifada e lavrada na imaginação do ser, ou seja, a imaginação adentra nossas células com as imagens reais e produz as condições para que as ações se concretizem no espaço.

A experiência de Antonieta (2012, [informação verbal]) nos revela o poder da imaginação na concretização dos fatos da vida real, mesmo diante de contradições inesperadas:

O meu marido me deixou com as crianças e veio para Palmas. Mas, nessa vinda, ele tinha trazido os meus documentos e me inscreveu para conseguir uma casa e eu consegui. É onde eu moro hoje. Fui morar na ARNO 43, o lugar onde o pessoal só difamava. A quadra mais falada. Quando dizia “Vila União”, dizia que todos não prestavam, todos eram tidos como vândalos.

O exemplo é simples, mas evidencia o potencial da imaginação na produção do espaço. No caso da depoente, a casa não se materializou conforme a imagem “idealizada da cidade”, pois ninguém imagina viver em uma sociedade preconceituosa ou ser alvo desse preconceito. Há de se considerar que, esse preconceito faça parte de uma cultura do poder econômico, criador de ícones de exclusão para dominar o nosso pensar.

Em face da segregação social, difundida pela cidade moderna, outro elemento nocivo tem se instalado junto com o preconceito: o “medo do outro”. A cultura do medo também chegou a Palmas, desde o seu início (visível nos altos muros das casas). Atualmente, nos segmentos sociais de poder aquisitivo médio, observa-se certo aquecimento no setor imobiliário, efetivado na construção de edifícios e condomínios residenciais, disseminados como sinônimo de segurança, o que tem levado muitas pessoas a venderem suas casas.

Entretanto, em um mergulho na intimidade da casa, não se registram tais elementos nocivos. A casa formata uma cultura da vida cotidiana por meio da partilha de iguarias gastronômicas, dos símbolos de unicidade cultural entre migrantes, dos encontros comunitários ou da intimidade, assim como da celebração da vida individual e coletiva (aniversário, casamento, almoço de domingo, oração). A partir da casa, a festa transcende o espaço privado e ganha a rua como manifestação cultural de um povo.

Depreende-se que a casa tem um papel importante na difusão da cultura societária. Analogamente, em sua essência, pode ser comparada ao útero materno, enquanto local propício ao desenvolvimento do ser, até o momento em que ele – utilizando a metáfora da “águia” – possa voar livre pelo espaço sideral.

3.2 Os momentos de lazer na cidade

Nessa rota imaginária para pontuar os mosaicos da marchetaria cultural de Palmas, trilhamos o caminho da identidade do local, passando pela casa como ponto geográfico fixo

do migrante para, então, vislumbrar o mundo externo (a rua), onde a vida assume valores diferenciados no tempo e no espaço.

O tempo livre do migrante, geralmente, é associado ao ócio do trabalho duro, suado, das noites mal dormidas em meio às preocupações que roubam o sono e os sonhos. Trata-se de momentos necessários para refazer o físico, o mental e o espiritual e retomar o labor que, culturalmente, se impõe como o único meio para a ascensão social. Mas essa é uma regra para todos os grupos migratórios? Em Palmas, quais as opções de lazer e como ocorriam as escolhas?

Ao estudar o lazer dos trabalhadores de um bairro periférico de São Paulo, Magnani (1998) defende que a diferenciação de “tempo livre” para referir-se a “tempo de lazer” está justamente na escolha que o indivíduo faz, diante de opções e condições disponíveis. Apesar das limitações impostas pelo ambiente ou da condição financeira, o indivíduo sempre faz uma escolha por aquilo que parece ser o mais agradável no momento (MAGNANI, 1998).

No período de fundação da cidade, não havia opções de lazer, exceto, os encontros para bate-papo e troca de amizades ou o desbravamento do Cerrado para reconhecimento do território e/ou chegar até o rio Tocantins. Ademais, muitos trabalhadores/migrantes/construtores da cidade foram habitar áreas periféricas, distante cerca de 16 quilômetros do perímetro central, nas imediações de Taquaralto, onde puderam se expandir livremente, criar um espaço diferenciado e sem muitas regras.

Atualmente, a região de Taquaralto soma 22 bairros que juntos reúnem mais habitantes que na área projetada da cidade. Na extensão da Avenida Tocantins em Taquaralto e nas principais vias dos bairros Aurenys, desenvolveu-se um comércio forte com várias opções de compras, redes bancárias e opções de lazer no segmento de bares, restaurantes e lanchonetes, que, por serem concentrados, estão sempre bem movimentados.

Além disso, na região do Jardim Aurenys III, já existem bares que oferecem uma programação noturna diferenciada para a população local, conforme exemplificado no panfleto de divulgação da atividade proposta (Figura 19) por um desses bares para o fim de semana.

Figura 19 – Programação de fim de semana – Aurenys III



Fonte: arquivo da autora

É interessante observar que os bairros de Taquaralto e Aurenys desenvolveram adaptados às características de seus moradores, em sua maioria, originários da região Nordeste. Ao se desenvolver de forma concentrada, a população desses bairros construiu um forte elo de convivência comunitária que a fez superar a condição de isolamento e a falta de infraestrutura para estabelecer uma dinâmica própria e típica da região.

Ao longo do tempo, os moradores construíram um modo de vida independente do centro administrativo. Atualmente, têm acesso a quase todos os serviços básicos na própria região para atender suas necessidades. Obviamente, isso se deve ao processo de mobilização encetado pelos moradores desde a formação desses bairros. Ademais, as conquistas ainda são incipientes diante do aglomerado populacional dessa região e adjacências, que mantêm uma carência por vários serviços que propiciem melhor qualidade de vida a seus habitantes. Nesse processo de autonomia, um fato é recorrente, a relação dos moradores com a região central da cidade continua restrita à oferta de trabalho, principalmente, para os trabalhadores informais (diaristas, pedreiros, serventes, entre outros).

Passeando pelo bairro Aurenys III, em um domingo, é possível ver a movimentação de pessoas ocupando os espaços populares do bairro como a praça na frente da igreja de Santo

Antônio (Figura 20), onde a comunidade dispõe de equipamentos sociais instalados para prática de esportes, depara-se também com o famoso pipoqueiro e um miniparque com brinquedos infantis a serem alugados para a alegria da criançada.

Figura 20 – Domingo na praça – Aurenny III



Fonte: arquivo da autora (out. 2013)

Figura 21 – Domingo na lanchonete – Aurenny III



Fonte: arquivo da autora (out. 2013)

Lanchonetes, sorveterias e bares locais também estão sempre ocupados por pessoas de várias faixas etárias, conforme a necessidade e o interesse individual (Figura 21). De fato, os indivíduos, ao fazerem suas escolhas de lazer, optam sempre por alternativas que dão um toque mais agradável à vida, até mesmo, ir ao circo quando ele chega à cidade. Durante o trabalho de campo, constatamos a visita de um circo no bairro. Para os moradores, uma opção diferente da convencional, principalmente para as crianças, pois a arte circense proporciona o contato com o lúdico (Figuras 22 e 23). Trata-se de uma forma de lazer muito comum no passado, que sobrevive no presente por levar alegria ao interior do Brasil.

Figura 22 – Circo no Jardim Aurenny III



Fonte: arquivo da autora (out. 2013)

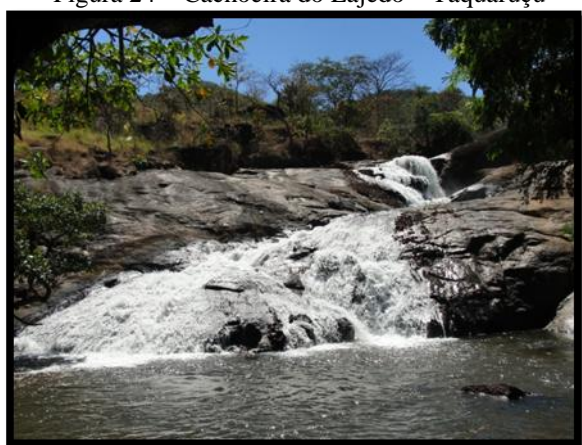
Figura 23 – Domingo no circo – Aurenny III



Fonte: arquivo da autora (out. 2013)

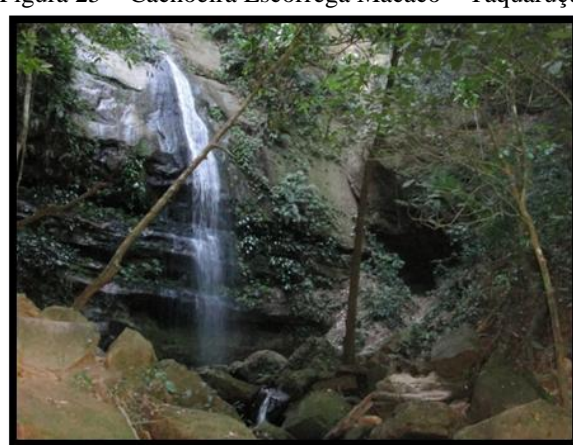
Entre as formas de lazer, a contemplação da natureza – regada por laços de amizade e solidariedade entre vizinhos, amigos e parentes – foi sempre a mais sugestiva e sem custo algum, pois tecia as representações que os identificavam no espaço. O cenário das serras e das cachoeiras marcava a programação dos finais de semana. As cachoeiras (Figuras 24 e 25) figuraram como opção de lazer para liberar o estresse, como relataram Mary Sônia, Cláudio Maranhão, Jarbas e Grasielle, a exemplo de outros tantos “palmenses” ou não. Além disso, os passeios ecológicos, feitos pela população ao Distrito de Taquaruçu, permitiram desbravar as cachoeiras e inseri-las como roteiro ecoturístico da capital.

Figura 24 – Cachoeira do Lajedo – Taquaruçu



Fonte: arquivo da autora (jul. 2013)

Figura 25 – Cachoeira Escorrega Macaco – Taquaruçu



Fonte: arquivo da autora (jul. 2013)

Até a data de enchimento do Lago da UHE Lajeado (agosto de 2001), além das cachoeiras, o mês de julho era a temporada de praia e os moradores contavam com uma estrutura de praia montada às margens do rio Tocantins: a famosa praia da Graciosa (Figura 26). O local contava com barracas de comidas típicas, bebidas, artesanato e muita animação, com shows de cantores regionais e de renome nacional (financiados pelo poder público).

Reimplantada, artificialmente, a praia da Graciosa sobrevive para mostrar a exuberância do Lago de Palmas nas tardes de pôr do sol. Embora o local seja apropriado como local para eventos e shows, perdeu a originalidade e a rusticidade de um ambiente natural. As sensações e as emoções que fomentaram os primeiros momentos de sociabilidade e lazer sobrevivem na memória e em fotografias que somente o tempo poderá apagar. Além da praia da Graciosa, a capital conta com outras praias urbanas: a praia das Arnos, a praia do Prata, a praia do Caju e a praia dos Buritis, que possuem uma infraestrutura mais rústica, barracas para alimentação e espaço propício para banho.

Figura 26 – Antiga praia da Graciosa no rio Tocantins



Fonte: <<http://wikimapia.org/3391720/pt/Local-da-antiga-Praia-da-Graciosa>>. Acesso em: ago. 2013.

Opção de lazer muito comum entre os migrantes, no local de destino, é a participação em uma comunidade religiosa, pois funciona como uma alternativa na criação de vínculos no espaço habitado e no fortalecimento dos laços sociais. Tal prática aparece nos relatos como elemento importante na evolução pessoal do indivíduo. Nesse segmento, uma curiosidade marca o espaço palmense: a diversidade de segmentos religiosos disputando o mesmo espaço, a exemplo da quadra 804 Sul, que possui seis igrejas de diferentes denominações (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]).

Sobretudo, a prática de atividades espirituais insere-se no indicador *bem-estar psicológico* como promotor de satisfação e otimismo do indivíduo com relação à vida. Nas pesquisas do FIB, constatou-se que as pessoas que têm uma crença religiosa sentem mais facilidade para lidar com as adversidades da vida e, por isso, são mais felizes.

Como expressou Grasielle (2012, [informação verbal]) em Palmas,

Eu desenvolvi o meu lado espiritual. Eu e toda a minha família. [...] A gente sempre se apegou, de fazer mover montanha, de dormir tranquilo, mesmo com muitos problemas por causa dessa fé que a gente aprendeu a desenvolver aqui em Palmas. E isso não só na igreja católica, mas a gente começou a conviver com evangélicos. Essa coisa de fé aqui em Palmas é assunto até em roda de amigos, é muito mais forte que em outros lugares. As pessoas aqui praticam mesmo a fé, não a religião, a fé. Então a minha felicidade está sempre apegada a isso [...].

A inserção dos migrantes nos grupos sociais, principalmente, em igrejas e associações comunitárias no local de destino tem um significado incontestável. No espaço urbano, mais precisamente, de destino migratório, as igrejas exercem um importante papel na inclusão social do indivíduo e no apoio à superação das ausências. Em minhas experiências migratórias, o contato social na comunidade cristã foi determinante na identificação com o novo espaço. Funcionou como lugar de apoio, garantia no equilíbrio psicológico/afetivo, segurança e confiança para desenvolver o sentimento de pertencimento ao novo grupo, além de facilitar a conquista do território em todas suas parcialidades.

Os espaços sagrados, geralmente, são lugares onde o indivíduo não se sente excluído. Pelo contrário, a acolhida o torna um cidadão pertencente a um grupo, e isso gera bem-estar e felicidade. A letra e música *Cidadão*, do cantor Zé Geraldo, retrata o sentimento do migrante (nordestino) que ajudou a construir a cidade, mas não podia desfrutá-la. Exceto a igreja, o único lugar onde lhe era permitido entrar, participar e ter momentos de lazer.

[...] Tá vendo aquela igreja moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar [...] (ZÉ GERALDO)

No primeiro contato na comunidade religiosa do Jardim Aurenny II, a experiência da colhida marcou para sempre a vida de Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]): “O bairro era aconchegante, todo mundo se conhecia e o pessoal da igreja me recebeu bem demais”. A partir desse contato, selou uma participação ativa na comunidade, que também era a continuidade de uma prática iniciada na infância no local de origem. A atuação no grupo de jovens do Jardim Aurenny II o impulsionou a desenvolver atividades culturais para animar o “pedaço”⁸⁵ e, depois de casado, essa participação se estendeu ao grupo de casais. “Hoje, além

⁸⁵ Categoria criada por Magnani (1998) que se define por dois elementos básicos: o pedaço tem uma ordem espacial (área que compreende a rede de relações sociais dos indivíduos) e os pontos de referência que compõem seu núcleo (telefone público, padaria, igreja, bares e casas comerciais, campo de futebol e outros).

da minha casa, eu gosto muito de estar lá na igreja⁸⁶ com os meninos [...]” (CLÁUDIO MARANHÃO, 2012, [informação verbal]).

O mesmo aconteceu com Jarbas. Após um ano de residência em Palmas, “como eu sempre gostei do movimento da Igreja Católica – eu sou católico –, comecei a trabalhar no grupo de jovens, [...] me tornei coordenador do grupo de jovens, quando veio na cabeça *pra* mexer com quadrilha junina. Foi a partir do grupo de jovens aqui em Palmas” (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

Tanto Jarbas quanto Cláudio Maranhão tornaram-se lideranças na comunidade e no movimento junino, a partir de uma ação criativa que surgiu da vontade de proporcionar espaços de lazer e cultura no meio popular. O exemplo mostra a força de um ideal comunitário que acabou tomando uma proporção bem maior que o esperado. O movimento junino permitiu aos integrantes – antes excluídos do projeto básico da cidade – criarem uma imagem positiva do bairro e da comunidade ao passar a ser motivo de orgulho e felicidade para o coletivo social da região. Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]) expressou sua paixão pelo “pedaço” que o acolheu em Palmas: “O Aurenny II, *pra* mim o bairro mais cultural de Palmas, onde tem mais artistas concentrados”. Posteriormente, daremos mais detalhes do movimento junino.

À medida que a cidade se desenvolveu, as opções de lazer se ampliaram com o surgimento de pontos de encontro mais modernos, como os *Shoppings Centeres*, que, segundo Andrews (2011), assumirão o papel de centro da vida social das pessoas em detrimento das igrejas.

Nós nos tornamos seguidores de uma religião secular de compradores. As futuras gerações vão desenterrar ruínas das lojas *Targets* e *Wal-Mart*s pensando que eram antigos templos de adoração. E eles estarão corretos. [...] O sentido da vida não deveria estar em quinquilharias e bugangas, mas em nosso relacionamento com os outros e no esforço criativo que celebra a nossa singularidade. Deveríamos estar cultuando a Terra e a Deus, não nossos bens. A vida não deveria ser consumida pelo consumismo. (ANDREWS, 2011, p. 25).

A autora chama a atenção para pensar a realidade em nossa volta de forma diferente, valorizar mais o convívio com o outro, “visitando amigos, conversando com pessoas, sempre em família” (GRASIELLE, 2012, [informação verbal]). Não há como desfazer um modelo cultural globalizado, mas olhar para as opções, fazer escolhas que nos tragam prazer e felicidade duradoura deve ser um dos objetivos na vida. As pesquisas científicas apontam

⁸⁶ Referindo-se à Paróquia São Francisco de Assis no Aurenny II, onde participa até hoje assessorando os jovens e na organização dos festejos.

alternativas para melhorar a qualidade de vida e driblar a cultura do consumo, que nos impõe um tempo de durabilidade finito à matéria, delimitado pelo momento que um novo produto, melhor e mais eficiente, entre em cena prometendo mais felicidade. Daí, a analogia aos templos de compra modernos que acabam por influenciar na qualidade das relações sociais.

Na cidade, há também espaços públicos como opções de lazer que podem nos oferecer momentos de felicidade igual ou superior aos templos de compra modernos. Alguns entrevistados se referiram a esses espaços: Espaço Cultural (PAOLA, 2012, [informação verbal]), Parque Cesamar (GRASIELLE, 2012, [informação verbal]), Praça Bosque dos Pioneiros e feiras livres (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]).

O Espaço Cultural José Gomes Sobrinho, inaugurado em setembro de 1996, compreende um complexo administrado pela Fundação Cultural de Palmas: o Teatro Fernanda Montenegro (530 lugares); o Centro de Criatividade (com cursos gratuitos à população); a Sala Sinhozinho (210 lugares, utilizada como cinema); a Biblioteca Municipal Jaime Câmara (dispõe livros para consulta e espaço para estudo); e uma grande praça onde acontecem shows e outros eventos artísticos, a exemplo da Figura 27, que mostra o Arraiá da Capital 2012.

Figura 27 – Praça do Espaço Cultural – Arraiá da Capital 2012



Fonte: arquivo da autora (jun. 2012)

Construído na área da antiga fazenda Triângulo, o Parque Cesamar é composto por um lago formado pelo córrego Brejo Comprido, contornado por uma pista para caminhadas; por trilhas em meio à mata ciliar; pista de *skate*, *bicicross*; equipamentos sociais para prática esportiva; bem como um bosque onde as pessoas se reúnem, em manhãs e tardes do fim de

semana, para fazer um piquenique e/ou descanar. Trata-se de um local fresco, agradável, permite o contato com a flora e a fauna e muito frequentado, diariamente, pelos amantes da prática esportiva. Entretanto o Parque Cesamar não comporta a necessidade e a demanda da atual população urbana, principalmente, nos finais de semana, em que o fluxo de visitas aumenta.

Figura 28 – Queda d'água no Parque Cesamar



Fonte: arquivo da autora (jul. 2001)

Figura 29 – Lago do Parque Cesamar



Fonte: arquivo da autora (mar. 2013)

Sobretudo, há carência de espaços verdes com estrutura de lazer, compatível com a necessidade da população, por todo o tecido urbano, principalmente, nos bairros periféricos. Para Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]),

Temos muito verde, mas não tem praças, infelizmente. Como é muito quente, tem que ter praças, tem que ter árvores, arborização *pra* gente se sentir melhor. [...] um espaço de teatro de arena, uma coisa *pra* você ficar ali, ou brincando, ou ensaiando, se apresentando. [...] espaços multiuso *pra* gente poder fazer esporte, caminhar [...].

Com a urbanização, além de perder os espaços verdes, a população perde os espaços de convivência, esquecidos na elaboração das políticas públicas como uma necessidade humana. A observação não se restringe ao contato com o verde, mas enquanto *locus* de desenvolvimento de uma cultura criativa, do cuidado com a vida, com o ambiente e de experiências comunitárias, a exemplo dos espaços multiuso, sugeridos por Cláudio.

Criada em homenagem aos pioneiros de Palmas, a Praça Bosque dos Pioneiros está localizada em frente do Paço Municipal (quadra 502 Sul) e compreende uma área composta por espécies remanescentes do Cerrado que foi inaugurada em maio de 1996. Desde essa época, no final das tardes de domingo, abriga a Feira do Bosque, uma feira de artesanatos e

comidas típicas da região. Lá, os artesãos comercializam a produção de variadas peças do artesanato local, com destaque ao capim dourado. Tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, é considerada uma das primeiras feiras no gênero e um atrativo turístico da capital (Figura 30). Em face da ausência de opções de lazer, por muitos anos, o local funcionou como um ponto de encontro da família palmense que se dirigia ao local para se divertir, levar as crianças para passear (Figura 31) e saborear as delícias da culinária local.

Figura 30 – Feira na Praça Bosque dos Pioneiros



Fonte: arquivo da autora (jun. 2013)

Figura 31 – Área infantil – Pça. Bosque dos Pioneiros



Fonte: arquivo da autora (jun. 2013)

Lembro-me de que, no período de minha migração para Palmas (2001), aos domingos, a população dispunha de gratuidade no transporte coletivo, uma medida adotada pelo poder público do município em parceria com as empresas de ônibus municipais. A medida fomentava a circulação e a ocupação dos espaços públicos na área central da cidade, promovia o lazer e a visitação entre parentes e amigos. Assim, a população carente tinha, em seu repertório, mais uma opção de escolha. Para os migrantes recém-chegados, a ação permitia a circulação pelo espaço a fim de desbravá-lo em seu íntimo e criar laços de amizade. Entretanto, ao final da gestão, a parceria foi extinta.

As feiras livres podem ser consideradas uma opção de lazer muito comum nas cidades. Com a denominação de “feira coberta” em Palmas, elas foram construídas em um espaço adequado às condições climáticas, ou seja, abrigar vendedores e compradores no período chuvoso. Tais espaços estão espalhados por vários pontos da cidade, mas a tradicional localiza-se na região central, popularmente conhecida como Feira da 304 Sul (referência à quadra de localização). No final da tarde das sextas-feiras e dos sábados pela manhã, é um local que dispõe de produtos e artesanato regionais e comidas típicas.

[...] quando eu cheguei, todo mundo falava da feira da 304 Sul, na sexta. Sempre a gente quer levar alguém lá *pra* conhecer. A única coisa que reúne um pouco de cada um mesmo é a feira. Agora eu vou fazer um comentário, a feira depois que foi reformada ficou pior. [...] Eu acho que eles fizeram enfeitar. Eu tenho umas amigas da minha família que vieram do Rio de Janeiro, elas adoravam aquela feira lá. Era o jeitão daquela feira, bonita. Aí mudaram o estilo e ela não ficou mais parecida. (WALTER NORDESTINO, 2012, [informação verbal]).

Por muito tempo, a feira da 304 Sul funcionou como opção de lazer (ponto de encontro) do palmense, até que outras opções entrassem na concorrência. Antes da reforma, era algo muito original e interessante, pois, além das compras tradicionais, a degustação de comidas típicas era regada com a apresentação dos artistas locais. Embora a reforma tenha sido feita para organizá-la e oferecer conforto aos frequentadores, perdeu a simplicidade anterior. Após a mudança, recebeu o nome de Espaço Popular Mario Bezerra Cavalcanti e continua sendo um ponto muito frequentado por palmenses e visitantes.

3.3 A identidade cultural na cidade

Falar de identidade cultural é algo muito complexo, principalmente, em uma cidade com pouco tempo de existência e com uma população heterogênea, ou seja, formada por indivíduos que trazem do lugar de origem culturas de diversas raízes. Palmas reúne uma miscelânea de elementos mesclados entre símbolos da cultura tradicional e da cultura moderna, que fomentam uma transformação sociocultural nos indivíduos.

Definida como modernidade, a transformação em curso não se resume a uma experiência pautada na “convivência com uma mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2000, p. 15). Para Haesbaert (1999), a identidade é uma construção que se processa no campo das ideias a partir de uma experiência real e concreta. Ao analisar a identidade no âmbito territorial, o geógrafo concebe que a identidade individual pode assumir uma dimensão ampla a ponto de contribuir para a formação de uma identidade social, pois ambas são carregadas, concomitantemente, de subjetividade e de objetividade. No âmbito humano-social, identificar é identificar-se com alguém ou alguma coisa, o que implica um processo relacional, dialógico, inserido em uma relação social. Portanto, a identidade é indefinível, pois se trata de um movimento, “uma identificação em curso, e, por estar sempre em processo/relação, ela nunca é uma, mas *múltipla*. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, em uma relação

complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas” (HAESBAERT, 1999, p. 173).

A partir dessa reflexão, buscamos na fixação do “ser migrante” identificar as marcas deixadas pelo “fazer da vida” na cidade. Entre as questões que orientaram essa construção, perguntamos aos entrevistados: Palmas tem atualmente um evento cultural que a define? O que propicia a interação das pessoas de outras regiões com a cidade de Palmas? Como será o futuro, teremos uma nova identidade? A maioria mostrou ter uma opinião formada sobre essa construção simbólica na cidade e está convicta de que existe um processo em gestação. Há aqueles que pontuaram algumas ações positivas nesse processo; outros lembraram as inúmeras tentativas frustradas de importar eventos de outras regiões. Na medida do possível, selecionamos algumas peças desse mosaico para compor a marchetaria cultural que tem se processado como identificação para Palmas.

Segundo Casagrande (2012, [informação verbal]), ao longo da existência da cidade, a contribuição cultural por parte do poder público se definiu em duas fases. Na primeira, a cultura era tratada como *marketing* governamental simbólico e interpretada como promoção de grandes shows, principalmente, os showmícios na inauguração de obras. Para Claval (2011), essa prática constitui uma afirmação da dimensão simbólica do “novo poder” e de contenção das multidões que controlam e subjagam. Já a segunda foi marcada por mudanças inseridas na legislação com a instituição dos editais de cultura, o que contribuiu para a descentralização do processo, o surgimento de novas perspectivas entre os profissionais envolvidos e o favorecimento da construção de outro perfil de cultura na sociedade (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]).

Entre os eventos considerados de qualidade, promovidos para a população em geral, vários entrevistados citaram a Feira Literária Internacional do Tocantins (FLIT)⁸⁷ e a Feira de Cultura e Artes do Tocantins (FECOARTE)⁸⁸.

⁸⁷ Feira que reúne vários segmentos da cultura, da arte e da literatura em uma programação extensa, diversificada e direcionada para todas as faixas etárias, reunindo vários gêneros musicais, literários e teatrais. Acontece, geralmente, no período de uma semana. A última aconteceu em 2012 na Praça dos Girassóis.

⁸⁸ Essa feira foi instituída em Palmas como parte do propósito de difundir os valores tradicionais da cultura tocantinense (indígena, africana, festas religiosas, danças e outras), a produção artesanal e trabalhos manuais e apresentação artística. A realização dessa feira ficou interrompida por oito anos, sendo retomada em 2012.

Figura 32 – Fecoarte – stand artesanato indígena



Fonte: arquivo da autora (ago. 2013)

Figura 33 – Fecoarte – praça de alimentação



Fonte: arquivo da autora (ago. 2013)

Segundo Casagrande (2012, [informação verbal]), nos eventos de qualidade, todos saem ganhando, pois adquirem a conscientização de que cultura é uma responsabilidade social. Os eventos citados mobilizam a cidade, tanto pela dinâmica e pelo conteúdo das atividades, quanto pela contribuição para a formulação de uma concepção de cultura à sociedade palmense (processo em gestação). A experiência revela que a fixação na cidade estimula no indivíduo uma sutil necessidade de construir uma identidade simbólica com o lugar. Assim, à medida que se tem contato com as tradições locais, passado e presente, surgem os ícones de conectividade que, possivelmente, formatarão no espaço/tempo os símbolos que a identificam.

Em meio à tessitura cultural vivida em Palmas, denominada por Casagrande “colcha de retalhos”, as ações visavam a atender as necessidades dos grupos migrantes e dos tomadores de decisão. O Carnaval, uma das principais manifestações da cultura brasileira, é um exemplo a ser lembrado. Em Palmas, o Carnaval começou nas ruas como festa popular, estruturado em experiências de outras regiões, mas com objetivo único: proporcionar lazer aos moradores e celebrar a cultura nacional.

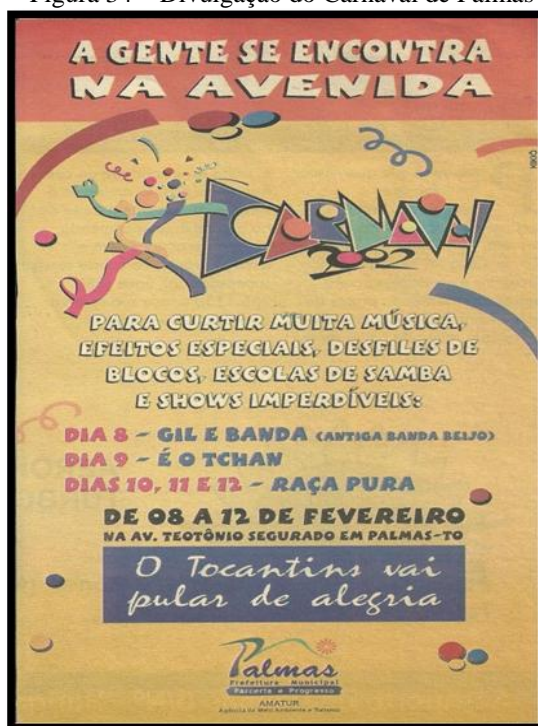
Inicialmente, nas vias públicas, acontecia o desfile de escolas de samba e de blocos carnavalescos; depois em uma parceria entre a prefeitura de Palmas e a iniciativa privada, introduziu-se como modelo o Carnaval baiano, no qual a festa é animada ao ritmo de axé, apresentação de bandas e de trios elétricos da Bahia. O modelo adotado acabou sobrepondo-se ao desfile das escolas e dos blocos tradicionais, sendo substituídos pelos blocos modernos, diferenciados por “abadas”⁸⁹.

⁸⁹ Camiseta estampada que identifica os membros de cada bloco. Formam as famosas tribos urbanas da pós-modernidade estudadas pelo sociólogo Michel Maffesoli.

No tempo que eu estava na prefeitura, no Carnaval, um sujeito que fazia a comercialização do trio elétrico veio falar comigo e disse: ‘– Você tem que escolher o modelo porque o Tocantins vai competir com Olinda e Salvador’. Como é que vamos competir com Olinda e Salvador com trio elétrico? Nós temos que formatar a nossa cara cultural, ter a nossa atitude. Não é importar o da Bahia não. Sabe quem cuidava do Carnaval? (CASAGRANDE, 2012, [informação verbal]).

Sendo a festa de Carnaval uma identidade do povo brasileiro, os sujeitos sentiam-se no direito de manipular os momentos lúdicos na cidade em benefício próprio. Uma das características do Carnaval é permitir uma “experimentação momentânea da sociedade sem regras, livre de um dado modo de organização, tendo a função de *reiterar*⁹⁰ ou de *negar*⁹¹ o modo pelo qual uma sociedade se organiza num dado momento histórico, através da dissolução temporária que o desregramento permite” (AMARAL, 1998, p. 6). Dessa forma, o Carnaval proporciona a integração entre os membros de uma comunidade e também a identificação com a cidade, por meio da festa.

Figura 34 – Divulgação do Carnaval de Palmas



Fonte: Jornal Turismo no Tocantins (2001)

⁹⁰ Refere-se à função da festa e sua ação na organização social tornando “perceptível a imprescindibilidade das regras limitadoras a fim de que a sociedade não se dissolva no caos e anomia [...]” (AMARAL, 1998, p. 6).

⁹¹ “A mesma organização através do desregramento, para afirmar a utopia da sociedade ideal, nova, na qual a alegria e a interação total com a própria natureza humana sejam o modelo do viver pleno e feliz. A utopia do retorno ao Paraíso primordial” (AMARAL, 1998, p. 6).

Recordo-me do primeiro Carnaval de que participei em Palmas – ano de 2002 –, conforme divulgação na Figura 34. O evento acontecia na Avenida Teotônio Segurado, e a programação contava com o desfile de escolas de samba e de blocos carnavalescos (mesclados no ritmo do Carnaval baiano). A experiência proporcionou-se uma forte identificação com a cidade, pois, após passar anos confinados em uma cidade grande, foi sensacional vivenciar e participar do Carnaval de rua. Novamente, podia sentir o despertar de uma liberdade (adormecida pelo medo) para retomar a alegria da festa e me deixar contagiar na felicidade dos carnavais de outrora, vividos em minha cidade natal.

Os ingredientes da festa carnavalesca (pinturas, máscaras, inversão de poderes) permitem uma subversão momentânea dos papéis sociais, confortam o sentimento de pertencimento a uma cidade, uma comunidade... Sem que seja desnaturado, um tipo de reversão transforma, nos nossos dias, o carnaval em vetor de atratividade turística. (BERNIÉ-BOISSARD, 2011, p. 373).

Para o indivíduo, a popularidade da festa carnavalesca é, justamente, uma opção de ser feliz, nem que seja pelo tempo de duração da folia. A autora afirma que o Carnaval gera um sentimento de pertencimento ao lugar e às pessoas. Essa sensação foi por mim experimentada na cidade de Palmas, em duplo sentido: a festa de Carnaval era a (re)significação de uma imagem do passado e o ressurgimento de uma realidade vívida no presente. Nesse mesmo ano, lançaram em Taquaruçu o Carnaval Ecológico, com a participação dos bonecos gigantes. Regado às tradicionais marchinhas de carnaval, tinha um formato diferenciado em gênero e idade, mais voltado para famílias.

O Carnaval de rua em Palmas esteve suspenso por dois anos consecutivos (2010-2011), tendo as atividades retomadas de forma descentralizada em 2013. Animado ao som de bandas, o evento ocorreu na praia das ARNOS, no bairro Taquari e no Distrito de Taquaruçu. O desfile dos bonecos também assumiu outra conotação. Ele ocorre a partir de uma narrativa celebrativa da Caçada da Boiuna, percorrendo as ruas para convidar as pessoas para o Carnaval na aldeia TabokaGrande, residência dos bonecos. Pela tradição dos bonecos no Carnaval de Taquaruçu, sua imagem marcou o tema da edição do Carnaval 2013 (Figura 35).

Figura 35 – Banner ilustrativo do Carnaval 2013



Fonte: arquivo da autora (fev. 2013)

No mês de julho, organizado pela iniciativa privada, por um longo período aconteceu o Carnaval fora de época. Uma festa em que o critério de participação é a aquisição de um abadá. Trata-se de novas modalidades de festas consideradas “não ‘espontâneas’ mas cuidadosamente planejadas” (AMARAL, 1998, p. 8) pela indústria cultural. Ao tornar-se comum nas cidades brasileiras, o Carnaval fora de época apropria-se de uma festa popular e dos espaços da cidade para difundir um “tempo das tribos”⁹² e, devido à sua conotação mercadológica, assume um caráter de sobreposição cultural e uma forma de vender lazer. Em Palmas, no período de existência, passou por três denominações distintas: “Carnapalmas”⁹³, “Palmas Folia”⁹⁴ e “Palmasindoor”⁹⁵ (sendo a última edição em 2011). Mantida sob a ótica de criar uma identidade social para os indivíduos, a descontinuidade desse tipo de festa é própria da ausência temporal das festas modernas.

Apresentando uma breve leitura da miscelânea de atividades que floresce na cidade moderna, Mary Sônia (2012, [informação verbal]) declarou que “Palmas é um caldeirão

⁹² Categoria usada pelo sociólogo Michel Maffesoli para se referir às novas formas de organização das redes sociais urbana, definidas por laços de afinidades e interesse.

⁹³ Disponível em: <<http://www.carnasite.com.br/v4/noticias/noticia.asp?CodNot=2836>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.carnaxe.com.br/micare/micaretas/palmasfolia/2005.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

⁹⁵ Disponível em: <<http://www.carnaxe.com.br/micare/micaretas/palmasfolia/2011.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

cultural e há uma efervescência muito grande nesse caldeirão”. A narradora faz uma interpretação muito próxima da cultura estética de Maffesoli (1995, p. 57), que afirmar que estamos vivendo “um momento em que os valores estéticos contaminam o conjunto da vida social, momento em que nada escapa a influência, momento em que as diferenças sociais não são de maior importância”. O que importa é existir enquanto ser social. Completando o raciocínio acerca da visão de identidade palmense, Mary Sônia (2012, [informação verbal]) afirma que

Em Palmas, nunca haverá uma identidade cultural nova, pois ninguém quer romper com suas raízes. Eu particularmente não quero. Embora conviva com outras pessoas que trazem as suas culturas, elas vão se misturando, nós vamos sempre nos misturar, nos misturar... Mas todo mundo me parece querer preservar a todo custo a sua própria identidade cultural. E essa é a riqueza cultural de Palmas. [...] a graça dela, a beleza dela são esses mimos, as curiosidades que ela tem. É uma coisa graciosa de ver. Aqui tem um clube dos nordestinos, eles fazem as festas deles. Tem o CTG, o clube dos gaúchos, eles preservam a cultura deles como preservam em todos os lugares que eles vão. E o Norte também, nós preservamos a nossa cultura. A nossa pamonha é diferente do Sul, os nossos bolos. E as pessoas do Sul chegam e gostam. E o Sul se mistura aos daqui também, trazem as próprias comidas, a arte de se apresentar, de dançar, de se apresentar na própria sociedade. No meu pensamento, Palmas sempre vai ter essa separação, mas é tudo misturado, é tudo muito junto, muito colado. É essa miscelânea.

Profetizando um ecumenismo cultural para a sociedade palmense, Mary Sônia imagina uma convivência harmônica entre as diversas culturas, ou seja, uma pluralidade de formas de ver e sentir o mundo que aponta para uma “liberdade globalizada”, sem perder a própria característica de habitar e existir na cidade como indivíduo.

Em uma análise das identidades no mundo globalizado, Hall (2000) detecta uma oscilação entre “tradição” e “tradução” e declara a existência de um processo em transição marcado por uma flexibilidade entre as identidades culturais, as quais retiram seus recursos de diferentes tradições culturais, ao mesmo tempo em que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais, comuns no mundo globalizado. De fato, na atual conjuntura social, será impossível pensar em uma identidade cultural fixa. Tomando o exemplo de Palmas, concebida em uma metamorfose cultural híbrida, as raízes de uma tradição local encontram-se em um processo germinativo.

Cláudio Maranhão e Walter Nordeste também compartilham da opinião de que existem várias iniciativas com o objetivo de contribuir para a formação da identidade cultural de Palmas. Entretanto o processo ainda levará um tempo para ter algo consolidado.

Acho difícil construir essa identidade própria. Vai ser sempre essa mistura mesmo, cada um trazendo um pouquinho do seu, fazendo e tentando virar alguma coisa. Eu acho que vai ter nas pessoas sempre esse sentimento de ter um pouquinho da sua terra natal. Mesmo que ele não tenha nascido lá, mas seu avô é de lá, então você vai ter vontade de ter aquela “coisinha ali”. (CLÁUDIO MARANHÃO, 2012, [informação verbal]).

Percebe-se, nitidamente, tanto nas narrativas de Mary Sônia quanto de Cláudio Maranhão, o nível evolucionar da sociedade palmense, marcado pelo conflito entre tradição e tradução. Tecendo um perfil sociocultural a partir dos migrantes fixos e daqueles que estão em busca de uma identificação com a cidade de Palmas, constata-se uma sociedade com base nas raízes tradicionais em metamorfose, fato definido por Hall (2000, p. 88-89) como “tradução”, ou seja,

Pessoas que retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam traços das culturas, das tradições e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas (e não a uma ‘casa’ particular).

Talvez seja esse o caminho alternativo ao processo em gestação na sociedade palmense: um produto de várias histórias e culturas conectadas. Constatou-se, entre os entrevistados, que a vida em Palmas está melhor do que no local de origem, o vínculo de retorno ao passado está descartado, embora isso não os impeça de manter na lembrança as experiências positivas do passado. Aliás, a vida é dinâmica e sempre o novo não descarta totalmente o velho, mas o (re)significa para o futuro. A casa do futuro (referindo-se à cidade do futuro) será produto de muitas casas oníricas⁹⁶ (BACHELARD, 2003).

Retomamos aqui as reflexões acerca da heterogeneidade referenciada na narrativa de Grasielle, quando defende um futuro com muitas novidades positivas. Discorrendo sobre a identidade cultural em Palmas e com base nos estudos do padrão comportamental da população palmense, ela detectou algo próprio surgindo no ar. Trata-se de “pessoas mais tolerantes, mais tranquilas. Tem o seu lado bom, pessoas mais flexíveis, com jogo de cintura; e o lado ruim, pessoas acomodadas. Tanto é que muitas coisas que acontecem aqui, em outro

⁹⁶ Por casa onírica, o autor compreende um constructo de várias formas de habitar o espaço (do ser), feito de lembranças condensadas nos mistérios da felicidade. A casa onírica reúne os detalhes vividos no passado que, transmutados nos sonhos mais profundos, criam imagens que transcendem a realidade presente.

Estado as pessoas estariam reivindicando e aqui não” (GRASIELLE, 2012, [informação verbal]).

Corroborando para pensar a identidade da cidade, há alguns mosaicos indefinidos que Bruna Barcelos (2013, [informação verbal]) relatou de sua convivência entre as crianças palmenses, a exemplo da formatação de um dialeto próprio com forte influência nordestina:

Elas já têm o seu próprio dialeto (sei lá); elas já têm a própria característica que é muito próximo à do Maranhão. **O que você ouve elas falarem?** (pergunta). A minha priminha de seis anos usa a palavra: *malinar* (uma palavra que a gente não usa e eu nem sabia o que é que significava). O jeitinho delas falarem é meio apressado. É mais para o lado do Nordeste. Inclusive na maneira de ser, de agir, de falar, eu percebo isso. Eu convivo muito com crianças. É engraçado que antes cada um falava do seu modo. Eu vim de minas, eu falo o *mineirês*; o do Sul (que também tem uma influência muito forte aqui) fala o *gauchês* (grifos nossos).

Ecumenismo cultural, tradução cultural, flexibilidade/comodismo cultural e dialeto cultural são sementes de um passado vívido, que hidratados pelos sonhos de felicidade, poderão germinar as imagens cosmológicas de um futuro onírico. Nessa tessitura de experiências migratórias, abordamos os três exemplos que se consolidaram como modo de celebrar a tradição cultural em uma tradução de festa, a princípio, nomeada de “felicidade onírica” dentro de nossa marchetaria cultural.

3.4 Festa e identidade migratória: uma felicidade onírica?

A palavra *festa* tem origem no latim (*festa*: popular e *festus*: clássico) e carrega, nas definições clássicas, a marca do calendário religioso. A expansão dos festivais e das festividades coletivas fez a festa se tornar laica e mercantilizada. Seu sentido conota a “celebração em honra de algo ou de alguém”, levando a entendê-la como ato de “evocar uma parte de prazer (‘noite de prazer’) ou qualquer causa grande de prazer” (GWIAZDZINSKI, 2011, p. 337).

No dicionário Aurélio, festa é uma reunião alegre para fim de divertimento, que, associada à nossa temática, se pode definir como “celebração da felicidade” tanto pelo prazer e pela alegria (pregados por Epicuro) quanto pelo bem-estar psicológico e pela satisfação com a vida proposto pelo FIB. Dessa forma, a festa traduz a felicidade e se especializa na finitude do corpo que, ao criar territórios no tempo e no espaço, identifica um coletivo social. O povo baiano figura como um exemplo vivo, pois pensar na Bahia vem logo uma sensação de

felicidade transmitida pelo ritmo da música, pela face descontráida e pela ginga do corpo, como marcas da intimidade social desse grupo.

Na dinamicidade do significado de festa, visualiza-se também como palco o ritmo frenético das cidades, em que as relações cotidianas evoluem na busca por um tempo livre – ausente no sentido do volume de atividades – para vivenciar na alma a essência do prazer, nem que seja por um instante, demarcando, assim, novas microterritorialidades.

Para Claval (1999), a festa assume uma perspectiva de cultura e pode ser definida como uma construção imaginada por meio dos cinco sentidos corporais, que permitem uma comunicação entre as pessoas, o sentimento de proximidade ou diferença que se constituirão na unicidade dos grupos e em sua identificação. Na migração, a festa torna-se um elemento primordial na fixação dos indivíduos ao local de destino, funcionando como uma ponte entre a realidade e os sonhos de conquista do espaço imaginário. Assemelha-se também a um momento em que o espírito busca extravasar as emoções impregnadas em seu interior e identificar os símbolos representativos capazes de sustentar sua territorialização no lugar de destino.

Segundo Martins (1986), a migração se define a partir da festa, ou seja, ela se concretiza quando a festa também migrar; “Quando o reencontro desses dois momentos se der no mesmo espaço e a festa [...] sair do seu ciclo cósmico e entrar no ciclo linear [...]” (MARTINS, 1986, p. 61). Nesse sentido, a festa deixa de ser um ponto de fuga no espaço/tempo do indivíduo para tornar-se um símbolo da realização coletiva de um grupo.

Trata-se de um momento apresentado sob a forma de outra realidade, a qual implica “um reordenamento de todo o seu estoque simbólico” (MAGNANI, 1998, p. 25). Diante desse arsenal de símbolos, Claval (1999) propõe aos geógrafos indagar os homens sobre o que motiva a espacialização desse sistema simbólico na negação ou exaltação das distâncias.

Falar dos mundos interiores apresenta, contudo, um risco. Os indivíduos, que constituem as sociedades, não existem como entidades independentes. Na perspectiva relacional que nos parece dever ser mantida, eles devem sua especificidade à maneira como se inscrevem as relações que eles mantêm com o ambiente e com os outros: eles constroem seu eu a partir de modelos sociais que eles aceitam, que eles imitam ou que rejeitam; não se compreende seu mundo interior sem essas articulações com o social. (CLAVAL, 1999, p. 75).

A festa, fruto das necessidades e dos desejos exteriorizados e partilhados pelo coletivo, carrega um repertório relacional, subjetivo e simbólico concebido entre os indivíduos no espaço. A partir daí, a intenção é apresentar as festas que, pela forte expressão cultural e,

independentemente, das imposições culturais, migraram para Palmas, conseguindo manter-se (re)significadas na cidade.

Entre as manifestações festivas, priorizamos três grupos alternativos que, ao longo de sua existência, conseguiram manter, no teor de sua sociabilidade, uma proposta festiva para Palmas. Concomitantemente, esses grupos destacam-se como referência na identificação de um imaginário sociocultural na cidade. Essas atividades têm proporcionado um espaço de partilha para a sociedade palmense? Elas podem tornar-se uma referência cultural entre os palmenses? Como esses grupos influenciam o modo de vida e o contexto histórico da cidade?

3.4.1 A migração gaúcha e a festa

Em Palmas, a fundação do CTG Nova Querência concebe-se como o primeiro grupo migratório a criar um espaço de festa e de manifestação cultural na cidade. O CTG, local de celebração da cultura gaúcha, vem demarcando seu território Brasil afora, onde quer que encontre um de seus descendentes – os gaúchos ou “povo sulista” (RIBEIRO, 1995) – identificáveis pelas características típicas da região de origem.

Entre as estâncias se estende, como terra sem dono, [...]. O gaúcho montado em cavalo brioso, da bombacha, de chapéu com barbicacho, de pala vistosa, revólver, adaga e o dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas na cintura, lenço no pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chilenas, etc. ou é o patrão fantasiando de campeiro ou é integrante de algum clube urbano de folcloristas. [...] A roda de chimarrão se faz como sempre e é o círculo de convívio social do gaúcho, frequentado às vezes pelo patrão para ali controlar a execução de suas ordens e distribuir novos encargos. [...] São os que misturam a erva, esquentam a água e provam o chimarrão, os que lhe assam, cortam e servem o churrasco; [...] (RIBEIRO, 1995, p. 422-423).

A descrição tece uma visão estereotipada desse grupo migrante, consagrada com orgulho, historicamente, como “diáspora gaúcha”, conforme destacou Vieczorek (2012, [informação verbal]). Embora representado em Palmas por um pequeno contingente de habitantes, a contribuição gaúcha para a formação da cidade foi expressiva. A fundação do CTG Nova Querência, em outubro de 1991, marcou o início dessa contribuição entre os palmenses (Figura 36). Um espaço de festa para celebrar a vida migrante na capital, territorializar suas raízes e restabelecer o convívio social, tão importante para a identificação na nova terra.

Figura 36 – Fases da criação do CTG Nova Querência



Fonte: arquivo do Informativo “Querência” (ago./set. 2011)

Luciane, mãe da palmense Paola de Marque de Bortoli (2012, [informação verbal]), a Primeira Prenda do CTG Nova Querência, gestão 2012, lembrou-se das angústias sentidas no período de fundação da cidade, pela ausência dos espaços de convívio social e cultural. Segundo ela, mesmo acreditando no sucesso da cidade, em alguns momentos, era impossível não se deixar abater pela dúvida quanto à sua materialização.

Cada um de nós necessita, como um “recurso” básico, territorializar-se. Não nos moldes de um “espaço vital” darwinista-ratzeliano, que impõe o solo como um determinante da vida humana, mas num sentido muito mais múltiplo e relacional, mergulhado na diversidade e na dinâmica temporal do mundo. (HAESBAERT, 2004, p. 16).

O geógrafo nos estimula a refletir sobre a representatividade do CTG para Palmas e nos coloca diante de uma imagem que ultrapassa a visão territorial “estereotipada” acerca das práticas culturais do gaúcho. Acreditar na construção da cidade e da sociedade palmense, com apenas dois anos de fundação, era um devaneio muito ousado e digno de reconhecimento.

Além da perpetuação das tradições gaúchas e da (re)significação da vida desses migrantes, plantava-se no imaginário a possibilidade de celebrar uma vida cultural para os moradores e para a cidade. Segundo Gwiazdzinski (2011, p. 340), “a festa, o evento festivo,

pode aparecer como um dos motores da cidade [...]” bem como suprir a “[...] necessidade de demanda de sensibilidade, de arte e de artistas, que se expressa em numerosos domínios [...]”. Acreditamos que o objetivo dos fundadores do CTG versava sobre uma necessidade individual daquele grupo e, especialmente, marcava a formação de todo o coletivo social palmense.

Essa expectativa esteve presente na fundação do CTG Nova Querência em Palmas na forma de uma curiosidade sadia: na prática, o ecumenismo cultural foi plantado entre os fundadores no momento de fixação na nova terra. Conforme relato de Vieczorek (2012, [informação verbal]), o grupo dos 31 sócios fundadores era composto por membros de outras regiões do Brasil. Além dos gaúchos, participaram paranaenses, mato-grossenses, paulistas e mineiros.

Para o gaúcho, o CTG constitui um legado importante na manutenção das tradições culturais de seus antepassados. Uma representação identitária da unidade familiar e das relações de amizade, enquanto combustível que alimenta a alma e os mantém vivos, assim como a fé e a religiosidade (VIECZOREK, 2012, [informação verbal]). Assim, em 1993, tal como ocorre em todo o Brasil, celebrou-se em Palmas a Primeira Semana Farroupilha (Figura 37).

Normalmente, a programação da Semana Farroupilha dura quinze dias, pois a celebração constitui um marco histórico e político da sociedade rio-grandense e um momento especial de culto e afirmação dos princípios e das tradições gaúchas. Em Palmas, o evento inicia com uma cavalgada do centro da cidade até o CTG onde se reúnem as famílias para um delicioso almoço. Durante a semana, há uma programação noturna com jantares típicos, regados a discursos, música, danças e muita alegria. No encerramento, acontece o tradicional baile gaúcho, com apresentação de grupos folclóricos – as moças exibem os belos vestidos de prenda e os rapazes as bombachas – e, embalados por bandas ao ritmo do folclore rio-grandense, todos podem dançar e se divertir.

Novas relações de tempo (instantaneidade, imediatismo, urgência...) desenham-se. Novas relações com os outros esboçam-se em diferentes escalas com uma generalização de relações flexíveis e efêmeras e a dificuldade de viver valores de longo prazo numa sociedade do imediatismo. A festa responde, de igual modo, a uma forte necessidade de segurança e tranquilização. O evento festivo inscreve-se num calendário, torna-se um rito, serve de “marcador urbano” – equivalente no tempo daquilo que representa a casa no espaço – e participa, pouco a pouco, da assinatura da cidade, sua cor. (GWIAZDZINSKI 2011, p. 342).

Os CTGs concebem-se, como um local para reviver, no saudosismo dos tempos de outrora, o modo de vida, o folclore e todo o conjunto de manifestações culturais que identificam o povo sulista. A expressividade na música, na dança, na culinária e na indumentária revelam as características marcantes do seu arsenal simbólico.

Figura 37 – Imagens da I Semana Farroupilha realizada em Palmas (1993)



Fonte: arquivo publicado no Informativo “Querência” (ago./set. 2011)

A palmense Paola, apaixonada pela cidade com a qual cresceu junto, no momento vive com orgulho o título de prenda rio-grandense-palmense. A eleição de escolha da primeira prenda é um concurso que leva em consideração os valores femininos da tradição cultural gaúcha. Paola contou que durante a seleção se faz uma prova discursiva sobre a história e a geografia do Rio Grande do Sul e do Tocantins, o requisito é saber declamar uma poesia e confeccionar um artesanato. Na cozinha, prepara-se o famoso arroz carreteiro e demonstra-se (na prática) como fazer o chimarrão. “É pra provar que sou uma pessoa prendada, que sigo os valores culturais do Rio Grande do Sul” (Paola, 2012, [informação verbal]). Depois no julgamento, é escolhida aquela que se melhor cumpriu todos os requisitos.

Figura 38 – Primeira prenda do CTG Nova Querência



Fonte: arquivo da autora (set. 2012)

A mãe Luciane ressaltou que “Não é um concurso de beleza, tem que conhecer a cultura e ser prenda”. O título é válido por um ano e, segundo Paola (2012, [informação verbal]), a prenda deve “ajudar na organização das festas, participar nos eventos e no grupo folclórico, enfim, em tudo. A gente tenta passar isso, principalmente, para aqueles que moram aqui e não conhecem. Para os gaúchos, uma forma de relembrar o passado *pra* continuar a tradição e não deixar morrer”.

O sentimento de nossa tradição, da nossa visão é de que o que trouxemos não é coisa ruim. Completa o homem bom, o homem que sabe bem viver. É uma tradição que não atrapalha a vida da gente. Pelo contrário, nos reúne, nos anima, nos fortalece e nos dá a alegria do encontro nas festas, nos churrascos, nos bailes que nós chamamos de fandango. É o contato com as tradições gaúchas. O local de rever e fazer amigos. Celebrar a alegria do encontro entre as famílias. (CARLOS, 2012, [informação verbal]).

A declaração revela que a migração se efetivou e a festa garante momentos agradáveis em torno da tradição gaúcha e fortalece o sentimento de partilha entre as novas gerações. Durante a Semana Farroupilha (2012), no dia 20 de setembro – data de início da Revolução Farroupilha –, comemorou-se no CTG Nova Querência o dia do gaúcho regado a um jantar italiano, em que se puderam degustar saborosos pratos a base de massas. O ambiente estava carinhosamente ornamentado com as cores da bandeira rio-grandense, os utensílios e os símbolos da tradição gaúcha. Adentrando à recepção, homens exibiam o traje típico (acompanhado da famosa bombacha) e, ao ritmo da música fandanga, as famílias trocavam um “dedinho de prosa” com os conterrâneos e simpatizantes da tradição.

Sobre as transformações culturais que assolam o grupo, o Carlos manifestou certa preocupação com a manutenção da tradição por parte da nova geração: “[...] estamos vivendo outra geração. Nós que viemos, fundamos o CTG, temos orgulho de nossa cultura, nossa tradição. Mas os nossos filhos não têm o mesmo sentimento. Eles preferem outras atividades, as famosas ‘baladas’”. Assim, fica evidente que o grupo gaúcho também depara com a dualidade tradição/tradição analisada, anteriormente, a partir de Stuart Hall.

Entre a juventude, há um forte empenho em manter as tradições, como também uma necessidade de transpor a realidade e criar algo original, com um significado simbólico próprio da nova fase. Existe uma relação genética com a tradição, mas a identidade dos filhos da migração se inscreve em outro espaço/temporal e carece renovar-se para existir. A própria festa “gaúcha” ou a “balada” constituem a busca de um “fazer da cidade”, dar significado à “família” (raiz existencial) ou ao “território” (lugar de trocas afetivas).

3.4.2 Carnaval Ecológico de Taquaruçu: uma festa onírica

A iniciativa do grupo Os Tawera constitui uma idealização do teatrólogo e pesquisador cultural Wertemberg Nunes⁹⁷. Com o apoio da família e de amigos, fundou o Instituto Tabokaçu, que, a partir de um convênio com o Ministério da Cultura (2005), desenvolveu o projeto TabokaGrande, um “Ponto de cultura” para se pensar a cultura tocantinense. A ideia teve início em 2001 e se efetivou pela inserção de bonecos gigantes no Carnaval do Distrito de Taquaruçu, apresentados ao ritmo “capoeboicongo”⁹⁸ pela banda TabokaGrande.

Ao levar às ruas do distrito o tema *Por um mundo melhor*, no ano seguinte (2002), a proposta foi agregada à programação de Carnaval da cidade, com o título de Carnaval Ecológico de Taquaruçu. A programação compunha-se do desfile da banda e dos bonecos e, ao final, a animação do público em geral (idoso, jovem, adulto e crianças) acontecia ao som das marchinhas de Carnaval, apresentadas pela Banda da Guarda Metropolitana de Palmas.

Assim, por meio de signos teatrais (universal e cultural), foram criados os elementos (antropológicos e mitológicos) da cultura local que identificavam a comunidade. Segundo

⁹⁷ Morador de Palmas, entrevista concedida via telefone em 18 de novembro de 2012 e documento enviado via *e-mail* em 1º de dezembro de 2012. Nasceu em Gurupi (TO) e foi criado em Ponte Alta (TO). Residiu em Goiânia (GO), onde teve experiências com o circo e o teatro. As inquietações despertaram-no para mergulhar na história do teatro e da cultura brasileira. Há treze anos desenvolve um trabalho em Taquaruçu de resgate antropológico e mitológico do povo da terra e dos elementos da natureza presentes na região, com ênfase na terra e na água como fonte da vida (informação verbal concedida em entrevista em 28 novembro 2012).

⁹⁸ Nome dado à fusão de três ritmos: capoeira de Angola (manifestação cultural brasileira), do boi bumbá (origem religiosa ligada aos autos de São João) e o congo (origem africana e ligada à festa de São Benedito).

Wertemberg, o trabalho tem o objetivo de resgatar as várias manifestações culturais brasileiras a partir das representações simbólico-culturais existentes em Palmas, para, em face dos conceitos universais de cultura, estética e pensamento, construir uma identidade regional. A esse movimento de construção simbólica das culturas tradicionais e populares denominou “cultura de transformação”⁹⁹. A proposta tem sido construída e adaptada ao longo dos anos de pesquisa, tendo como público-alvo a família, em especial as crianças, por considerá-las precursoras dos valores culturais e artesãs de sua própria história.

O local onde se dá vida aos personagens e ao contexto de criação da trama festiva denominou-se Aldeia Tabokagrande¹⁰⁰. Os instrumentos utilizados para alegrar o imaginário festivo são os berimbaus, as matracas, os caxixis e os tambores artesanais construídos de materiais disponíveis na natureza: troncos de madeira, bambu, cabaça.

Os bonecos gigantes – representantes da Aldeia TabokaGrande – foram inspirados nos mitos e personagens simbólicos da cultura local. Entre eles, o Amarelo representa as pessoas do lugar e comanda a festa; o Tabokão simboliza a terra e representa força masculina; o Cobaçu simboliza o babaçu (força das matas) e representa a beleza natural do lugar e de todos nós; a Boiuna simboliza as águas e representa a força feminina; e os “Galos de Palmas” fazem alusão às cinco regiões de Palmas, porque, segundo Wertemberg, “cada um quer cantar de galo”. Os bonecos que materializam os Galos de Palmas (Figura 39) são: o galo TabokaGrande, que representa a tradição e a origem da capital a partir do distrito de Taquaruçu; o Imperioso, que representa as máscaras e a força do povo na construção de Palmas (simboliza os bairros Aurenys); o galo Alto, que representa o modismo do comércio da região (simboliza o Taquaralto); o galo União, que representa a união das áreas de cultura que se juntam em Palmas (simboliza a Vila União); o galo Mahanduká, que representa a modernidade de Palmas (simboliza o centro da cidade).

⁹⁹ Termo usado por Wertemberg Nunes para explicar o estilo de arte que desenvolve na aldeia.

¹⁰⁰ Nome dado ao local onde se desenvolvem as atividades culturais do grupo e faz referência ao significado da palavra Taquaruçu, derivada do tupi (*taquara Açu*), que quer dizer taboca grande.

Figura 39 – Aldeia TabokaGrande e bonecos Imperioso, Mahanduká e Tabokão



Fonte: arquivo da autora (fev. 2013)

Todo o repertório e ritual envolvidos nas atividades da Aldeia TabokaGrande compõem-se de uma trama elaborada no imaginário cultural e popular para estimular a pensar a cultura como processo e produto da necessidade da vida humana e seus valores emancipadores como elementos básicos na formação da identidade social de um povo.

As atividades preparatórias iniciam-se no sábado anterior ao Carnaval, quando acontece a cerimônia de queima dos tambores. No ritual de abertura da festa, faz-se a purificação pelo fogo de sentimentos que impedem de vivenciar a alegria e o prazer (que deve ser para todos), bem como a técnica de confecção dos tambores.

Figura 40 – Cerimônia de queima dos tambores e purificação dos instrumentos



Fonte: arquivo da autora (fev. 2013)

No domingo de Carnaval, tem-se o Ritual do Encontro, em que o marco do enredo é a Caçada da Boiuna (inspirada na caçada da rainha do município de Monte do Carmo), considerada o ápice da festa. No Ritual do Encontro, brincantes, bonecos e convidados saem cantando e dançando pelas ruas de Taquaruçu procurando a Boiuna e, como não a encontram, voltam à Aldeia TabokaGrande, local que para surpresa ela reside atualmente. Assim, ao som do capoeboicongo, inicia-se a grande festa carnavalesca. O ritual tem como proposta mobilizar a população para comemorar o Carnaval na Aldeia TabokaGrande e celebrar a união de todas as culturas em prol da harmonia e do equilíbrio (Figura 41).

Figura 41 – Desfile dos bonecos no Carnaval de Taquaruçu



Fonte: arquivo da autora (fev. 2013)

Finalizando a descrição das atividades na Aldeia TabokaGrande, novas geografias se manifestam presentes, tornando impossível desvendá-las no atual projeto, mas deixo-a como sugestão de pesquisa para o futuro. Embora os dados temporais sejam recentes, há em gestação elementos multiculturais da migração fecundando novas microterritorialidades à espera de serem desvendadas, o que reforça que “Palmas, é um caldeirão cultural”.

Essa modalidade comemorativa demonstra que o repertório imaginativo migrante na criação dos espaços de festa é infinito. Para Jung (2008), a amplitude e a riqueza do mundo inconsciente se tornam vitais e reais tanto na vida do indivíduo quanto no mundo consciente. Os símbolos constituem a linguagem e as pessoas do inconsciente, sendo os sonhos um veículo de comunicação entre eles.

A partir de um sonho no teatro circense, Wertemberg despertou para conhecer a cultura popular e, pela técnica, reconhecer o arsenal simbólico impregnado na vida dos

sujeitos tocantinenses. Ao transformá-lo em um espetáculo pela percepção, procura dar vida a um sonho imaginário real que, ao materializar-se em símbolos teatrais, se aproxima do coletivo e propõe como enredo festivo de Carnaval, aciona as raízes imaginárias da tradição ancestral e pensa uma identidade presente com vistas à (trans)significação futura do coletivo social de Palmas.

Analogamente, o saber-fazer se apresenta como fruto de experiências multiculturais e, por vezes, atua na manifestação criativa das comunidades tradicionais driblando a homogeneidade que as técnicas modernas pensam homogeneizar. No caso da proposta de Carnaval da Aldeia TabokaGrande, a reflexão de Bachelard (2002, p. 1) nos esclarece que o desenvolvimento das forças imaginantes pode dominar “a época e a história”.

Entendendo Palmas pelo âmbito social pós-moderno discutido por Maffesolli (1995), as experiências constituem sementes que desenham o futuro dos coletivos sociais e visam, esteticamente, a materializar uma cultura de sociabilidade da diferença, pautada no prazer e na felicidade de estar junto. Sua análise chama a refletir com Durham (1988) sobre a natureza desse ajustamento. Para ela, trata-se de um fator seletivo e dinâmico que se manifesta nos padrões de comportamento vigentes, influi nas possibilidades de transformação dessas comunidades em face das modificações operantes no nível da sociedade global.

3.4.3 Quadrilhas juninas: o imaginário nordestino em Palmas

Em várias passagens, registramos a marca e a contribuição da migração nordestina em Palmas. Uma cultura tradicional com raízes em um modo de vida simples, mas carregada de valores ético, moral, comunitário, criativo e de satisfação com a vida. Segundo Tavares (1990), trata-se de uma cultura extremamente maleável, de fácil adaptabilidade a mudanças econômicas e sociais, além de transportar-se sem problemas do campo para a cidade.

É antiga e moderna ao mesmo tempo: parece simplória mas é capaz de uma extrema sutileza de pensamento, uma extrema sofisticação de linguagem. Essa aparente contradição é talvez a maior garantia de que essa cultura popular não poderá ser facilmente desalojada ou substituída pelas formas da chamada “cultura de massas” contemporânea. (TAVARES, 1990, p. 27).

É muito pertinente a afirmação do autor, pois o povo nordestino reúne características indefiníveis diante do contexto globalizado no qual encontra mergulhada a sociedade contemporânea. Trata-se de uma cultura sertaneja, carregada de sentimentos nobres que revelam na essência o ser humano a sociabilidade, a vitalidade comunitária, a criatividade, a

imaginação, a espiritualidade e a felicidade que servem de referência à formação de uma nova sociedade. Esse perfil tradicional dos nordestinos, onde quer que vão, os faz autores da vida e de lugares.

Analisando a migração nordestina para Palmas, Cláudio Maranhão (2012, informação verbal) avalia que, “No geral, a gente mantém aquele sentimento nordestino, aquela coisa de ser nordestino, ver as imagens de Luís Gonzaga, Lampião [...] e acabamos, realmente, sendo aquele bairrista, sem deixar de valorizar o lugar onde a gente está agora”.

Nessa “tradução” cultural, a festa junina se instituiu e se materializou como marca profunda do Nordeste, traduzida para a contemporaneidade da cidade de Palmas. Surgiu na comunidade nordestina dos bairros de Aurenny e Taquaralto e irradiou para os demais cantos da cidade. O primeiro Arraiá da Capital aconteceu em 1993, quando, em parceria com a Secretaria de Cultura do município, um grupo¹⁰¹ se reuniu para festejar o São João no espaço da feira da 304 Sul. Desde essa data, a festa acontece regularmente, embora em local rotativo por falta de um espaço apropriado. “Aí começou essa paixão aqui em Palmas pelas quadrilhas juninas” (CLÁUDIO MARANHÃO, 2012, [informação verbal]).

Essa paixão na vida de Cláudio Maranhão começou na infância, aos oito anos quando dançou pela primeira vez na quadrilha junina de sua escola (morava em Timon e estudava em Teresina (PI)). Aos 12 anos já se considerava quadrilheiro, organizando e puxando a quadrilha das crianças menores. Com 14 anos, montou uma quadrilha junina de nome Chupa-Chupa e, aos 18 anos, com a vida ativa na igreja em prol das atividades culturais entre jovens e adolescentes, fundou a quadrilha junina Arigó (ano de 1990).

Em Palmas, não foi diferente, dando continuidade ao trabalho de divulgação dos valores culturais nordestinos, fundou, em maio de 1993, a quadrilha junina Cafundó do Brejo. O grupo era formado por jovens da comunidade São Francisco de Assis e grupo de jovens JUPTE (Jovens Unidos para o Trabalho Evangélico), ambos do Jardim Aurenny II. Logo na estreia, recebeu o título de campeã junina do Arraiá da Capital, com o tema “Casamento caipira” (Figura 42).

¹⁰¹ Esse grupo era formado por pessoas de vários lugares. A Secretaria Municipal de Cultura era formada por pessoas de vários lugares: “tínhamos gaúchos, cariocas, paulistas, maranhenses, paraenses [...]” (CLÁUDIO, 2012, informação verbal).

Figura 42 – Grupo junino Cafundó do Brejo no 1º Arraiá da Capital



Fonte: arquivo de Cláudio Maranhão (1993)

Em uma breve lembrança da formação dos primeiros grupos de quadrilhas juninas, Cláudio Maranhão (2012, informação verbal) contou que

Tínhamos a Poeira do Sertão (uma quadrilha muito boa do Aurenly I), que hoje não existe. Depois surgiu a Estrela do Sertão (hoje com dezessete anos), Matutos da Noite, Capiratins são as quadrilhas mais antigas da cidade. Aí a gente vem trabalhando de lá até aqui com pessoas de vários lugares do Brasil. Os meninos da Estrela do Sertão são do Pará. Da Cafundó do Brejo nós temos gente de todo lugar, mas eu como fundador, a maioria é do Maranhão na verdade. Temos a Matutos da Noite com pessoal aqui da região, mais de Goiás mesmo. Temos pessoas de vários lugares formando essa cultura, nossa miscigenada aqui no Tocantins.

A Cafundó do Brejo é a única quadrilha a participar de todas as edições do Arraiá da Capital, conquistando o campeonato municipal por nove vezes durante os vinte anos de existência. Este ano o grupo comemorou vinte anos com um “espetáculo” para falar do amor e da paixão que envolve as quadrilhas juninas apresentando o tema: “Cafundó, minha vida, meu xodó” (Figura 43).

Figura 43 – Cafundó do Brejo – campeã do Arraiá da Capital 2013



Fonte: prefeitura de Palmas. Autor: Antônio Gonçalves

A quadrilha junina Caipiras do Borocoxó nasceu de uma história similar à apresentada pelo grupo veterano. O presidente Jarbas, na época, coordenava um grupo de jovens e, ao chegar o mês de junho, quando se iniciavam os ensaios para as apresentações das quadrilhas, os jovens não frequentavam as reuniões. Na tentativa de resolver a situação, optou por fundar em 2001, a própria quadrilha junina, sediada no bairro Aurenny II e com a participação de 99% dos jovens daquele grupo de jovens. “Daquela data para cá, são onze anos de uma história que vem dando muitos e muitos frutos” (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

Figura 44 – Caipiras do Borocoxó 2013



Fonte: arquivo dos Caipiras do Borocoxó (jul. 2013)

Figura 45 – Caipiras do Borocoxó campeã nacional



Fonte: arquivo de Iara Rodrigues (jul. 2013)

Sobre a origem geográfica e a união que marca o surgimento e a expansão do movimento junino em Palmas, explicou:

Se a gente for analisar hoje, são pessoas que vieram do Nordeste, tem poucos nos grupos que não vieram do Nordeste. Então, chegando aqui, acho que cada um procurou fazer alguma coisa que lembrasse a sua terra natal. Principalmente, os grupos maiores que nós temos hoje são descendentes de maranhenses, cearenses, paraibanos e pernambucanos. Então eu acho que cada um fez alguma coisa que pudesse, pelo menos nessa temporada no início do mês de junho, lembrar sua terra natal, de fazer o que gostava, uns gostam de futebol, outros de balé, outros de *reggae* e a gente gosta do movimento junino (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

O trabalho dos grupos acontece mediante parceria com a prefeitura e o apoio de parceiros que não medem esforços para incentivar a cultura junina. No início, as quadrilhas eram tradicionais, bem simples, mas, ao buscar as tendências das quadrilhas da região Nordeste, viram que poderiam fazer algo diferente sem matar a cultura junina e, assim, seguem inovando a cada ano.

A parte teatral, o nosso grupo foi o primeiro a colocar, dentro do estado do Tocantins, um estilo de figurino sem colocar o chitão. Aquilo na época (em 2003) foi motivo de muitas críticas. Mas foi um caminho que críticas não nos *abateu*. Em 2004, outros grupos, por mais que criticassem, já mudaram um pouco também. A receptividade do público foi uma coisa extraordinária. A gente começou a trabalhar a parte temática, pois antes a gente montava quadrilha com os passos tradicionais. Em 2004, isso se consolidou, quando a gente veio trazendo o tema do nascimento de São João Batista, a gente levou uma criança *pra* arena. Tem essa foto feita, praticamente, quase que eternizada. Mas mudou, e eu acho que mudou *pra* melhor. Pois quem gosta vai assistir. A gente vê que isso se consolidou porque a gente vê o Arraiá da Capital lotado, o concurso estadual lotado, os circuitos juninos que a Federação faz dentro de Palmas, todos lotados, são três, vai mais de semana. (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

O movimento junino em Palmas, realmente, expandiu e tem chamado a atenção do público que mora no centro da cidade. Lembro-me de que, desde o Arraiá da Capital que aconteceu no Ginásio Ayrton Senna, em 2007, fiquei surpresa com a qualidade do espetáculo e constatei que não perde nada para a festa de São João em Campina Grande (PB).

Tecendo comentário das festas folclóricas na atualidade, Mary Sônia concebe a mudança como algo natural, um processo de adequação temporal. Cita como exemplo o material utilizado – impossível manter a qualidade de antigamente – mesmo porque o material utilizado nos adereços e na indumentária já não existe mais, pois tudo está constantemente mudando.

Mas a raiz daquela história, daquele folclore permanece, embora seja acrescida alguma coisa, sem sair da essência. A essência, a alma vão sempre permanecer. O espírito que existe ali, ele não morre, ele é imorredouro, mas vai ser acrescentado de novas coisas. Um exemplo claro disso: as quadrilhas. Não existiam quadrilhas como você vê as apresentações de Palmas. Aquela riqueza de detalhes do Nordeste, também se transformou. E isso não invalida a quadrilha, ela permanece. Havia uma

indumentária mais caipira, mais singela. Era uma coisa mais singela, mais natural, com uma origem mais romântica talvez. Hoje você vê as quadrilhas se apresentarem é um luxo, as roupas são luxuosas. As moças são graciosas, os rapazes também vestem luxo. Mudou a indumentária, mudou. Mas deixou de ser quadrilha? Hoje se apresenta um outro tipo de dança? Não. Ainda é quadrilha, os passos são os mesmos e canta-se a quadrilha ainda no francês. Eu sou do tempo em que na minha terra em que a quadrilha ela toda falada, os passos eram todos em francês: o famoso anarriê. (MARY SÔNIA, 2012, [informação verbal]).

Mais uma vez os fatos reforçam a concepção de Hall acerca das identidades. Elas não são fixas e passam por adequações constantes sem perder a essência. É o processo de tradução cultural. Como idealizador da festa em Palmas, Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]) afirma que “Hoje a festa junina é a cara de Palmas! É a paixão do Nordeste!”.

Na região Sul, o público que prestigia as quadrilhas juninas são os próprios moradores, sendo a maioria, oriundos do Nordeste, outros descendentes, mas o espírito continua o mesmo: retornar às origens e matar a saudade da terra natal. É um espaço que reúne a família e se transmitem valores culturais de forma lúdica. Além disso, para os participantes, o movimento junino oferece oportunidade de sentir-se útil, aprender técnicas de teatro, dramaturgia, coreografias e desinibição nas encenações, atuação como artista, nem que seja nas apresentações das quadrilhas juninas.

Sobre a transformação e a profissionalização artística das nossas quadrilhas juninas, Mary Sônia (2012, [informação verbal]) lembrou com carinho:

Eram poucas as quadrilhas, quando começou. Hoje, os grupos se profissionalizaram. Esse é o xis da questão. Antigamente, [...] era uma coisa mais natural. A maneira de se apresentar era mais natural. Hoje todo mundo quer se profissionalizar. Ninguém quer ser mais amador nesse ponto. A própria arte caminha no rumo. É um rumo correto, mas ainda há separação. No teatro você ainda vê isso falado: – esse grupo é amador, esse grupo aqui é profissional. Parece-me que o único lugar onde ainda se fala é no teatro, no palco mesmo, porque os outros todos buscam se profissionalizar, se aperfeiçoar, usar novas tecnologias, novas mídias.

É possível notar que a inovação tem o seu lado positivo, quando usada de forma correta, com seriedade e com o propósito de (re)significar valores, quebrar preconceitos, elevar a autoestima de jovens e adolescentes carentes, abrir novas perspectivas para pensar a vida de uma forma agradável e saudável. O movimento das quadrilhas em Palmas mostra o efeito da felicidade no imaginário social, o fluir da vida, naturalmente, sentido no secretar das endorfinas que restauram as células corporais (Figura 46).

Figura 46 – Garotas – artistas na festa junina



Fonte: arquivo da autora (jun. 2012)

Figura 47 – Teatro em homenagem a Luiz Gonzaga



Fonte: arquivo da autora (jun. 2012)

O movimento junino em Palmas é um trabalho social, envolve muitas pessoas nos preparativos: artesãos, costureiras, músicos, pintores, grafiteiros, pessoal de estúdio, serralheiros, marceneiros, coreógrafos, maquiladores, entre outros, a depender da temática escolhida. É um trabalho integrado entre jovens e suas famílias, pois os ensaios duram em torno de uns três meses antes das competições.

A compreensão das famílias, dos pais é muito grande. A gente leva os adolescentes em casa, ninguém vai sozinho, de moto, de carro. A gente tem um trabalho social bacana. A gente já tirou muitos jovens das drogas, graças a Deus, trabalhando fumo, bebida, o próprio craque, a maconha. Tem jovens de risco que a gente trabalhou e hoje não *fuma* mais nem *bebe*, graças a Deus. Isso é bacana. É um trabalho social que a gente tem dentro da quadrilha que pouca gente vê, mas que acontece (CLÁUDIO MARANHÃO, 2012, [informação verbal]).

O depoimento evidencia a rede de relações sociais que constrói o movimento junino, e os seus efeitos têm uma abrangência espacial positiva, próximo à essência do FIB. A metodologia desenvolvida pelo movimento junino assemelha-se à proposta do FIB, pois produz bem-estar para os jovens e suas famílias, além de irradiar essa sensação aos demais indivíduos que convivem com os quadrilheiros e a comunidade local, onde tudo começou. Um amálgama que trouxe um sentimento de pertencimento a todo o coletivo social migrante, principalmente, para os nordestinos que podem entrar e participar da festa como protagonista de suas raízes. Para Jarbas, as apresentações juninas tem um efeito imensurável.

Eu acho que é muito maior, não desmerecendo ninguém, mas muito maior que a área de teatro, de dança, de música regional. O Arraiá da Capital é um movimento cultural abrangente, que você traz pessoas de todas as classes sociais unidas num só evento. Você tem lá o preto, o pobre, o rico, o branco, todo mundo participando. Por mais que é de graça, mas você vê todas as classes sociais participando. Já outros

eventos não da área cultural *é mais fechada*, não deveria, mas é uma coisa seletiva (JARBAS, 2012, [informação verbal]).

A festa de São João consagrou-se como manifestação da cultura popular brasileira. Ao aprimorá-la, sem perder o toque da cultura nordestina, novos arranjos foram associados e a transformaram em um belo espetáculo, tal como assistimos hoje em todo o Brasil.

Nos vinte anos de evento junino em Palmas, vários casais se conheceram e formaram suas famílias no convívio das quadrilhas juninas e, se depender deles, a semente da tradição junina já está plantado em filhos, conforme os trajés mirins confeccionados para o evento (Figura 48 e 49).

Figura 48 – Crianças – Arraiá da Capital



Fonte: arquivo da autora (jun. 2012)

Figura 49 – Crianças –circuito junino do Aurenny III



Fonte: arquivo da autora (jun. 2013)

Neste ano, no Arraiá da Capital, aconteceu o lançamento das quadrilhas mirins, com o objetivo de preparar os futuros quadrilheiros. As crianças se apresentaram com muito orgulho e mostraram que, se depender delas, o São João jamais acabará. A ação também proporciona o fortalecimento da imagem de um Brasil festivo e alegre, em que a festa ultrapassa a celebração de acontecimentos e o reviver tradições.

A festa cria novas formas de expressão, afirmação de identidades, preenche os espaços na vida dos grupos, dramatiza situações e promove a afirmação popular. Além disso, a festa é “capaz de mediar diferentes valores, termos e sentidos numa sociedade pluricultural” revelando-se um “poderoso instrumento de interação, compreensão, expressão da diversidade, englobando-as e permitindo todos se reconhecerem, na festa, como um povo único” (AMARAL, 1998, p. 8).

O Arraiá da Capital, edição 2012, contou com a participação de 22 grupos de quadrilhas juninas, distribuídos em: categoria iniciante (2), categoria acesso (10) e categoria

especial (10). Na edição 2013, dois novos grupos entraram para a categoria inicial, totalizando 24 grupos juninos que disputaram o circuito de Palmas. O crescimento do movimento junino em Palmas é visível em todos os aspectos. Além disso, os grupos estão organizados em associações e ligados à Federação Estadual de Quadrilhas Juninas do Estado do Tocantins (FEQUAJUTO). Para Cláudio Maranhão (2012, [informação verbal]), o sucesso do movimento junino é “fruto de um trabalho sério, com objetivos de trazer para Palmas eventos culturais de nível nacional”, a exemplo do Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas, sediado em Palmas por dois anos consecutivos. Neste ano, foi realizada a 9ª edição do Concurso Nacional de quadrilhas juninas em Palmas, na Praça dos Girassóis, com a presença de representantes de 17 Estados brasileiros.

Figura 50 – Banner “Nacional de Quadrilhas Juninas”



Fonte: arquivo da autora (jul. 2013)

Figura 51 – Cafundó do Brejo “IX Concurso Nacional”



Fonte: arquivo da autora (jul. 2013)

O Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas 2013 teve como vencedora a quadrilha junina Caipiras do Borocoxó, que apresentou um belo espetáculo em homenagem aos retirantes. No campeonato nacional, o grupo já havia conquistado o título de vice-campeã, melhor casal de noivos e o título de Rainha Junina em 2012 para Nadia Costa (Figura 52). Em segundo lugar na competição, ficou a quadrilha junina Luar do Sertão, do estado de Alagoas, e em terceiro a Luar da Minha Terra, do estado do Ceará.

De acordo com o vice-presidente da quadrilha junina Caipiras do Borocoxó, Jarbas Pinheiro de Lemos, a quadrilha junina é uma manifestação cultural que supera o Carnaval: “O Carnaval se faz em quatro dias e o movimento junino não. [...] começa em maio – entre as apresentações e competições – e termina em julho/agosto”. A festa se desloca para expressar a cultura do sertão, gravada no imaginário urbano, principalmente nos espaços migratórios, pois ela é um bálsamo de felicidade para a alma humana.

Figura 52 – Rainha Junina Nacional 2012



Fonte: arquivo da autora (jul. 2012.)

Figura 53 – Figurantes do estado da Paraíba



Fonte: arquivo da autora (jul. 2013)

Portanto, tal como o poeta projeta em suas imagens uma realidade interior (sonho), é possível construir um futuro para si e para o mundo. É preciso deixar-se encantar com o mundo tal como os quadrilheiros de Palmas o fizeram em seus sonhos na cidade imaginária, pois esse encantamento é que nos transporta para um mundo de possibilidades, além das imagens vivenciadas pelos cinco sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que se esta dissertação não abriu uma porta, ao menos abriu uma janela que introduz uma reflexão espacial urbana, em que um sentimento tão importante e tão almejado pode ser pensado como uma dimensão espacial e subjetiva da cidade. Que cidade contém felicidade? Outros que partirem dessa janela aberta poderão, a seu modo, responder a essa questão entre tantas outras que poderemos reformular a partir deste trabalho.

Desde a nossa introdução, acreditamos salutar a consciência do inacabamento que também é uma tônica da ciência contemporânea, ou melhor dizendo, uma consciência da ciência dos nossos dias. Por outro lado, também consideramos a importância desse tema que resultou na apresentação da visão e dos sentidos dos sujeitos que constituíram a cidade, o que esses sujeitos fizeram na cidade, buscaram e alcançaram e, sobretudo, o que os fez ficar. O que “descobrimos” foram pontos de felicidade em Palmas, que se espacializou nas narrativas dos sujeitos migrantes como apresentamos ao longo dos capítulos.

Na verdade, os fatos exprimem o limiar de um período de reformulação de práticas e valores, os quais têm descentralizado a identidade da estrutura tradicional vigente e estimulado a articulação de novas práticas sociais, de tendências autônomas e, relativamente, inovadoras. O próprio contexto migratório, constituído enquanto agente econômico, social e cultural, influi no processo. Diante da complexidade, marcada pela ausência temporal em que a cidade se instituiu, percebe-se que, à medida que surgem os entraves para frear o fluxo de consolidação dos laços identitários da cidade, há uma elevação potencial do capital social que almeja criar um espaço ideal, utilizando-se da imaginação para reafirmar a convicção de que é possível ser feliz em Palmas.

O desejo que move a conquista do espaço como lugar seguro se apoia na analogia da casa feita por Bachelard, não apenas como moradia, mas como imagens que desvendam como os espaços vitais são habitados. São imagens que surgem das relações dialéticas da própria vida, da forma como nos enraizamos no dia a dia em um “canto do mundo” (BACHELARD, 2005).

A felicidade, sendo produto das relações sociais, manifesta-se em todas as ações do indivíduo e em qualquer ponto do espaço. Ao envolver as ações humanas, produz uma representação simbólica dos atos e dos fatos que são armazenados no inconsciente até o contato com outro que estimule a reiniciar o processo. Dessa forma, a felicidade produz relações socioespaciais que confirmam o seu caráter geográfico.

A perspectiva holística, trazida pelos indicadores FIB, coloca em voga o progresso desmedido que criou um estereótipo de cultura global (massificado), em que o dinheiro e a conquista de bens materiais são os únicos critérios para se alcançar a felicidade. A veracidade dos fatos limita-se ao ponto de que o indivíduo tem suas necessidades básicas atendidas, pois, atingido o ponto basal, a rotina passa a gerar insatisfação.

Portanto, utilizando a metodologia bachelardiana, os resultados obtidos a partir das narrativas dos moradores permitiram encontrar pontos de felicidade em Palmas similares aos obtidos nos projetos piloto do FIB no Brasil. Assim, a força do capital social palmense desenvolveu-se por meio das relações interpessoais, do estabelecimento de laços afetivos com as pessoas ao seu redor, das atividades que dão sentido à vida e estimulem o altruísmo da fé em acreditar em um poder superior que criou todas as condições inimagináveis de transformação do espaço, *locus* do futuro de felicidade.

Entretanto, diante das novas configurações implantadas para desenvolver a cidade e a ausência de políticas públicas de valorização das necessidades e dos desejos da população, o futuro torna-se indefinido, dependente das forças subjetivas que estão sendo metamorfoseadas na imaginação dos indivíduos tomadores de decisão. O caminho para compreender parte dessa subjetividade temporal está aberto e registrado nas imagens dos migrantes, da fundação à consolidação da cidade. Porém, há muito por construir, visto que a cada instante outras forças dominam o espaço/tempo das relações socioculturais nos convidando a abrir outras janelas que permitam novos olhares geográficos grafados pelos homens na busca da felicidade.

REFERÊNCIAS

- ACAMPORA, Alexandre. *Palmas: crônicas de viagem*. 2006. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/crônica/cv/cv6/060201.htm>>. Acesso em: 20 set. 2011.
- ALMANAQUE CULTURAL DO TOCANTINS. Palmas, TO, v. 2, n. 8, p. 2-3, jul. 2000.
- AMARAL, Rita de Cássia. Sentidos da festa à brasileira. *Revista Travessia*, v. 11, n. 31, maio/ago. 1998.
- ANDREWS, Susan. *A ciência de ser feliz*. São Paulo: Ágora, 2011.
- ANDREWS, Susan. *Entrevista com Susan Andrews*. Programa além da Notícia. Disponível em: <<http://youtu.be/C5nIQJ58wfU>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- ARISTÓTELES. *Ética anicômaco*. 3. ed. Bauru: Edipro, 2009.
- BACHELAD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Epistemologia: trechos escolhidos por Dominique Lecourt*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.
- BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. 2. ed. Salvador: UFBA, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BERDOULAY, Vicent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná Elias de; GOME, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 101-132.
- BERNIÉ-BOISSARD, Catherine. A cidade em festas: símbolos de identidades, lugar de resistência. *Revista Cidades, Presidente Prudente*, v. 8, n. 13, p. 371-380, 2011.
- BRASIL. *Constituição* (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Atlas, 1988.

- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARIGNATO, Taeco Toma. A simbolização das experiências de migração. *Revista Travessia*, v. 18, n. 53, set./dez. 2005.
- CARVALHO FILHO, José E. C. A contribuição do pensamento bachelardiano para o ensino da ciência. *Revista Ideação*, Feira de Santana, v. 7, n. 12, p. 45-57, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.uefs.br/nef/12.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2011.
- CARVALHO, Marcos Bacellar de. *A felicidade na agenda da administração e suas relações com conceitos organizacionais*. 2010. 163 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Mineira de Educação e Cultura, Belo Horizonte, 2010.
- CASAGRANDE, Osmar. *A casa: (in)cômodos (di)versos*. 2. ed. Palmas: Kelps, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CLAVAL, Paul. A experiência humana na Terra, a abordagem cultural em Geografia. *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis: UFSC, 2011.
- _____. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 57-97.
- COSTA, Marcelo Fernandes. A clínica da psicofísica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psup/2011nahead/aop1111.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/a_casa_e_a_rua.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2013.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE MASI, Domenico; TOSCANI, Oliviero. *A felicidade*. São Paulo: Globo, 2011.
- DOWBOR, Ladislau. Debate sobre o PIB. *Crises e oportunidades*, abr. 2009. Disponível em: <<http://elianeutescher.wordpress.com/category/debate-sobre-o-pib/>>. Acesso em: 12 dez. 2010.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Cultura e epigenética. *Ciência hoje*, dez. 2012. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/sentidos-do-mundo/cultura-e-epigenetica>>. Acesso em: jun. 2013.
- DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade: a Meneceu*. São Paulo: UNESP, 2002.

FERNANDES, Dalvani; TURRA NETO, Nécio. Metodologia de observação participante: usos em geografia. *Anais...* (PET/GEOGRAFIA-UNICENTRO). Disponível em: <www.unicentro.br/pesquisa/anais/seminario/.../pdf/artigo_167.doc>. Acesso em: 29 out. 2013.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

FERRY, Lucy. *Kant: uma leitura das três críticas*. São Paulo: Difel, 2010.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOETTERT, Jone Dari. "Ai, Ai, Ai...": ressentimentos de um filho longe do pai. *Anais... X Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Campinas, SP, abr. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Jones_Dari_Goettert.pdf>. Acesso em: dez. 2012.

_____. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados: UFGD, 2008. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/editora/catalogo/o-espaco-e-o-vento-olhares-da-migracao-gaucha-para-mato-grosso-de-quem-partiu-e-de-quem-ficou>>. Acesso em: jan. 2013.

_____. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades. In: SPOSITO, Eliseu; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro (Org.). *Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GWIAZDZINSKI, Luc. A cidade por intermitência: do tempo da festa a um urbanismo dos tempos. *Revista Cidades*, Presidente Prudente, v. 8, n. 13, p. 337-357, 2011.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais... X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, mar. 2005.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAH, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. 4. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

HASSE, Geraldo. "Meus caros pais". Uma trajetória migrante. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. (Org.). *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades@*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 11 out. 2011.

JORNAL DO TOCANTINS. *Histórias de luta pela emancipação do Norte*. Palmas, Especial, out. 2012.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KARMA URA, Dasho. Felicidade interna bruta. In: V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FELICIDADE INTERNA BRUTA. *Origem do FIB*. Foz do Iguaçu, PR: Instituto Visão Futuro, 2009. Disponível em: <<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/felicidade%20Interna%20Bruta%20-%20Dasho%20Karma%20Ura.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

_____. *Novos paradigmas econômicos*. Palestra promovida pelo Instituto Visão Futuro e Fundação Banco do Brasil. Brasília, 15 jun. 2012.

KIRINUS, Glória. *Synthomas de poesia na infância*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

KLEIN, Stefan. *A fórmula da felicidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

LAYARD, Richard. *Felicidade: lições de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

LIMA, Luís Cruz; VALE, Ana Lia Farias. Migração e mudança social: a influência do migrante do sertão nordestino no Norte do Brasil. *Revista Scripta Nova*, Barcelona, v. 5, n. 94, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-82.htm>>. Acesso em: 20 out. 2012.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2007.

_____. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIRA, Eliseu Ribeiro. *A gênese de Palmas: a geopolítica de (re)ocupação territorial na Amazônia Legal*. Goiânia: Kelps, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *No fundo das aparências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MAIA, Rosimere Santos. Sobre portas, paredes e afetos: casa, territorialidade e identidade entre os segmentos populares. *Revista Terr@ Plural*, Universidade Estadual de Ponta Grossa. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. Ponta Grossa, Ed. UEPG. v. 6, n. 2, p. 339-352, jul./dez. 2012.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MELLO, Sylvia Leser. Constância e permanência: as mulheres de um bairro da periferia de São Paulo. *Travessia*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 17-21, maio/ago. 1990.

MENESES, Veronica Dantas; SILVA, Aldenes Lima da. Memória e comunicação na preservação cultural do distrito Canela - Palmas/TO. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. *Anais...* Brasília, DF: UnB, 2006. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1591-1.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

MENEZES, Frederico Lucena de. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. (Org.). *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007. p. 105-131.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MILAGRES, Vanessa Rios; MARQUES SOUZA, Eliane y; BARBOSA E SOUZA, Lucas. Percepção Ambiental no distrito de Taquaruçu, município de Palmas, TO: a relação dos moradores com as transformações da paisagem ao longo da história local. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2010. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=115412537001>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOVIMENTO mais feliz. Vídeo-propaganda. Disponível em: <<http://www.maisfeliz.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

OLIVEIRA, Tânia B. de; COSTA, Larissa P.; MANDELBAUM, Belinda. Um lugar para uma casa sem chão: escuta psicanalítica de uma família refugiada. *Revista Travessia*, São Paulo, v. 11, n. 60, p. 19-24, jan./abr., 2008.

NUNES, Wetemberg. *Os galos de palmas*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <wepopnorte@gmail.com> em 21 ago. 2011.

PALMAS. Lei n. 386, de 17 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre a divisão da área urbana da sede do município de Palmas em zonas de uso e dá outras providências. Palmas, TO, 1993.

PASSARELI, Paola Moura; SILVA, José Aparecido da. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 4, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a10.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2012.

PETRONGARI, Vanessa Cristina; SPEBER, Suzi Frankl. Estudo das personagens da peça “O pássaro azul”, de Maurice Maeterlinck. *Anais...* XVIII CONGRESSO DE INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA INTERNO DA UNICAMP, set. 2010. Disponível em:

<<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xviiiicongresso/paineis/076174.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODOVALHO, Sarah Afonso. *Palmas, do projeto ao plano: o papel do planejamento urbano na produção do espaço*. 2012. 193 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2012.

RODRIGUES, Jean Carlos. O tocantinense não é goiano: a identidade regional e a criação do Estado do Tocantins. *Espaço e Geografia*, v. 15, n. 2, p. 475-490. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/issue/view/20>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

RODRIGUES, Lysias. *O rio dos Tocantins*. Goiânia: Unigraf, 1978.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia: terceiras histórias*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Escrita inks: antimanifesto para uma arte incapaz. *Entrevista*. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/entrevista_escrita_inkz.pdf>. Acesso em: 12 out. 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. *Manual de geografia urbana*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.

_____. *Técnica, espaço e tempo*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, v. 13, p. 5-32, jan. 2000 (Edição Especial).

SCHOCH, Richard. *A história da (in)felicidade: três mil anos de busca por uma vida melhor*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Espirais de um transcurso itinerante: imaginário e migração. *Revista Produção Acadêmica*, Porto Nacional, n. 2, p. 217-228, dez. 2005.

_____. *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalhe.asp?ctl_id=128>. Acesso em: 17 jul. 2011.

SOBRINHO, José Gomes. *Fio de prumo*. Palmas: Anis, 2003.

STIGLITZ, Joseph. Problemas do PIB como um barômetro econômetro. *Entrevista*. fev., 2008. Disponível em: <<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/Entrevista%20com%20Joseph%20Stiglitz%20>

%20Problemas%20do%20PIB%20como%20Bar%F4metro%20Econ%F4mico.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2010.

TAVARES, Braulio. As sete vidas da cultura popular. *Travessia*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 26-31, maio/ago. 1990.

TEIXEIRA, Luís Fernando Cruvinel. Dossiê cidades planejadas na Hinterlândia: a formação de Palmas. *Revista UFG*, Goiânia, v. 11, n. 6, p. 91-99, jun. 2009.

THOMASS, Balthasar. *Felicidade e filosofia: ser feliz com Espinosa*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

TOCANTINS. *Brasão de armas*. Disponível em: <[www.http://to.gov.br/brasao/743](http://to.gov.br/brasao/743)>. Acesso em: 5 jul. 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. *Ra'ega*, Curitiba, Departamento de Geografia, UFPR, v. 23, p. 340-375, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/24843/16655>>. Acesso em: 29 out. 2013.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 2. ed. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL FELICIDADE INTERNA BRUTA. *FIB na teoria...* Instituto Visão Futuro, Foz do Iguaçu, PR, 2009. Disponível em: <www.felicidadeinternabruta.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2010.

VIECZOREK, Carlos Chasque. *Querências*. Palmas, TO, v. 1, n. 1, jul. 1994.

VITAMINA V para o stress. Produção do Instituto Visão Futuro. Vídeo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4EMbXAm_WuY>. Acesso em: jul. 2013.

WEINER, Eric. *Geografia da felicidade: uma viagem por quatro continentes para descobrir os segredos da alegria de viver*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Guardiões de memórias: a força dos arquivos pessoais. *Travessia*, São Paulo, v.12, n. 49, p. 19-23, maio/ago. 2004.